Confissões de um Magnetista

Alphonse Teste

Tradução: Amadeu António

CONFISSÕES DE UM MAGNETIZADOR

SEGUIDAS DE UMA CONSULTA MÉDICO-MAGNÉTICA

SOBRE CABELOS DA SRA. LAFARGE, 1848

ÍNDICE

Prefácio
I Recordações de estudante
II. Viagem a Argel. — Os banhos mouriscos
III. Romance de um quarto de hora
IV. Cinco anos depois
V. O barão de Goursac
VI. A XXª sonâmbula do Sr. barão de Goursac
VII. Jacques Albin VIII. Os amores de Bonnin
IX. Senhora Graffeild X. Senhora Graffeild em Paris
XI. Dúvida. — Convicção. — Fanatismo
XII. Uma partida de ecarte
XIII. Eugénie
XIV. A baronesa de B
XV. A vicondessa Mathilde
XVI. Literatura magnética
XVII. Paracelso
XVIII. Van Helmont
XIX. Gassner
XX. Cícero e Quinto
XXI. O desgosto da senhora Graffeild
XXII. As Meninas Cotis
XXIII. A casa da rua Sainte-Catherine
XXIV. O elixir de Babeuf
XXV. Drama fantástico
XXVI. Epílogo Auto-verbal de uma consulta médico-magnética sobre cabelos da senhora Lafarge
Corbeil. — Imp. de Crété.

PREFÁCIO

Todos os factos relatados nesta obra são verdadeiros; todas as personagens que nela figuram viveram ou vivem ainda: aos verdadeiros nomes de algumas apenas substitui pseudónimos.

A circunstância que me inspirou a ideia de redigir estas memórias, há quatro ou cinco anos, explica o seu título.

Afligia-me então uma doença de langor, sequência de vigílias e de trabalhos forçados; doença que durou muito tempo e que eu tinha razões para crer mortal.

Sedução exercida pelo dado bizarro da minha obra póstuma, um jornal assegurou a sua propriedade e anunciou solenemente a sua próxima aparição.

«Nada mais picante, dizia esse jornal, nada mais arrebatador, nada mais dramático do que estas memórias íntimas do célebre magnetizador.»

Seria este elogio merecido? Ao menos é-me permitido pensar que não era muito sincero, pois eu ainda só tinha escrito o primeiro capítulo dos dois volumes de que tanto bem se dizia; capítulo que ninguém tinha lido, e que mais tarde atirei ao fogo porque me pareceu detestável.

Aliás, o meu panegirista estava aparentemente ainda mais doente do que eu, pois morreu muito tempo antes de o meu livro estar concluído.

E se agora me perguntassem qual é o objeto deste livro, responderia que não tem objeto, ou antes que nunca tive outro ao escrevê-lo senão o de me desenfadar.

Possa quem, com o mesmo intuito, empreender a sua leitura, reconhecer ao terminá-la que ele é pelo menos bom para esse uso.

Dr. Alph. Teste.

I

Recordações de estudante

Jacques Albin era franco-condês. Uma aldeia cujo nome esqueci tinha-o visto nascer em 1813, nos arredores de Salins.

Foi em 1832 que fiz a sua citação.

Ambos começávamos então os nossos estudos médicos na escola secundária de Besançon: ele e eu habitávamos uma casa de hóspedes mantida por uma senhora idosa, muito boa e muito piedosa, que se chamava senhora Brault.

Jacques levava nessa época uma vida muito dissipada. Filho único de um capitão de artilharia morto em Waterloo, fazia o desespero da sua mãe que o idolatrava e que, pelo seu excesso de ternura, tinha falhado a sua educação.

Uma espécie de afinidade recíproca, não obstante a extrema oposição dos nossos gostos em certas coisas, criou muito prontamente entre nós dois uma grande intimidade: amei-o quase ao vê-lo.

Jacques, contudo, não era belo; mas resgatava por uma fisionomia aberta e inteligente o que, ao primeiro impacto, se teria chamado a sua fealdade. Era de estatura atarracada, muito pálido, um pouco inchado, sem barba, com cabelos loiros e lisos: a sua vista curta forçava-o a usar óculos, e, finalmente, tinha a fala pesada, arrastada e fortemente acentuada dos montanheses do Jura.

Apesar do desperdício habitual que fazia do seu tempo, Jacques tinha instrução. Muitas vezes empregava a ler as noites que não passava na taberna, e tinha assim construído uma literatura mista que, junta à feição original do seu espírito, dava por vezes muito charme à sua conversação. Finalmente, Jacques fazia versos, e certa composição que lhe inspirou uma jovem por quem se enamorou provou-me que ele era realmente poeta.

A história lamentável dessa jovem formará mais tarde um dos episódios destas memórias. Ela vinha frequentemente a casa da nossa hospedeira, que a chamava Memée.

Com a idade de dezassete a dezoito anos, era morena, esbelta, bastante bonita, de costumes fáceis em aparência, e vivia sob a vigilância exclusiva e muito frouxa de um antigo militar chamado Désormes, seu tio e seu tutor, pois era órfã. Désormes, pensando que ela poderia um dia fazer frutificar numa indústria independente o

pequeno património que possuía, tinha-lhe mandado ensinar um ofício: ela trabalhava em peles.

A ligação que esta rapariga teve com Albin começou por palavras furtivas, trocadas na nossa escada, e que trouxeram encontros. Talvez que uma vez envolvida nessa via perigosa, a virtude dos nossos amantes, em luta com uma paixão recíproca, não tivesse ido longe sem sucumbir se a força de acontecimentos imprevistos que os separaram antes dessa queda não lhes tivesse poupado esse desgosto.

Este incidente foi para Albin uma verdadeira catástrofe.

Por um belo dia do mês de abril, após ternas despedidas, suavizadas pela esperança de se reverem em breve e cimentadas pelo juramento de se amarem sempre, os nossos dois amantes tinham-se separado com a promessa de se escreverem.

Duas semanas mais tarde, dia por dia e a uma hora combinada, o velho tronco solitário de um dos castanheiros-da-Índia de Chamarre, no qual tinham gravado os seus nomes, devia de novo vê-los reunidos. Jacques partia para a sua aldeia, onde ia passar com a sua mãe as férias de Páscoa.

Ora, as duas semanas decorreram sem que Albin recebesse carta. Não obstante este mau presságio, ele foi exato ao encontro; mas o castanheiro de Chamarre estava ali sozinho com a sua sombra.

Inanidade das coisas humanas e dos juramentos de amor! No próprio dia em que, mais enamorado do que nunca e cheio de uma terna inquietação, Jacques regressava a Besançon, o portão do município unia ainda o nome da sua amante ao nome bárbaro de um estrangeiro que casara com ela na véspera.

Desde há doze horas que a mademoiselle Désormes se tornara a mulher do cervejeiro Graffeild.

Esta estranha peripécia foi para nós um enigma que pôs Albin em desespero. Ele chorou, de raiva primeiro, depois de dor.

Oito dias depois tinha recaído mais do que nunca no cinismo dos seus velhos hábitos, de que uma paixão mais doce o tinha por um

instante corrigido, e entregava-se a tais excessos que, sem lhe retirar a minha amizade, corei apesar de mim da sua e deixei de o ver.

Quem me diria então que esse mesmo Albin seria um dia o meu introdutor em casa da duquesa de L..., e me daria num salão-boudoir as primeiras noções do magnetismo...? Mas não antecipemos.

Após ter trazido de Besançon um diploma bastante mal adquirido de bacharel em letras, fui continuar em Montpellier os meus estudos médicos.

Foi nessa cidade que o acaso me ofereceu a ocasião de observar, mas cercados de circunstâncias bufónicas, os primeiros factos magnéticos de que fui testemunha.

Eu tomava as minhas refeições em Montpellier em companhia de três jovens, da minha idade, os Srs. de Lessac e Dalton, estudantes como eu, e o Sr. Bonnin, jovem doutor.

Este último, desde que tinha conseguido cultivar uma clientela de três doentes, não cessava de nos entreter sobre os altos feitos da sua prática.

Um dia, tínhamos acabado de nos sentar à mesa, depois de o ter esperado um quarto de hora, quando ele entrou com um ar radioso, e ao mesmo tempo mais grave, mais majestoso do que o habitual.

— Senhores, disse-nos ele, ao sentar-se, no tom mais solene que pôde adotar, acabo de fazer um milagre.

— Por Deus! Bonnin, você nunca faz outros, exclamou de Lessac, caindo na gargalhada.

Bonnin continuou sem se desconcertar:

— Sabem-no, senhores, todo o mundo se ri do magnetismo...

— Mas de todo, fez Lessac, o bravo Sr. Husson fala disso tão seriamente que metade da Academia de medicina esteve quase a arrebentar de rir ao escutar o seu relatório.

— A Academia faz como você, Lessac, ri frequentemente sem saber porquê. O que eu vi não é de modo algum risível.

— Que viu você, Bonnin? disse Dalton.

— Vou dizer-vos, senhores. Trato há um mês uma jovem mulher histérica, cujos acessos até ao presente se renovavam todos os dias com uma violência que nada tinha podido conjurar. Cada um deles durava três, cinco, seis e até sete horas, durante as quais a jovem doente se contorcia, se debatia e soltava gritos que se ouviam da rua; eu nunca tinha observado mais horríveis convulsões. O éter, o almíscar, a cânfora, o ópio, a valeriana, a água fria, eu tinha experimentado tudo e nada tinha resultado, quando me lembrei, em desespero de causa, de recorrer ao magnetismo. Ontem de manhã, um acesso tinha acabado de começar: chego, estendo as minhas duas mãos sobre a doente, dizendo-lhe: acalme-se, e desejando que ela se acalme.

— E bem?...

— As convulsões acalmam-se?

— Instantaneamente.

— Simão, o mago! exclama de Lessac, tu já não passarias de um pequeno rapaz ao lado do nosso amigo Bonnin.

— Senhores, juro-vos pela minha honra que vos digo a verdade, mas ainda não é tudo....

— A sua histérica adormece?

— Ela adormece.

— E fala-lhe?

— E fala-me: «Oh! que bem me faz, diz ela... senhor, estou salva...»

— Eis o que é forte, senhores, pois é bom observar...

— Deixe-o então falar, Lessac.

— Eis, meu caro Sr. de Lessac, o que é ainda muito mais forte: a jovem mulher no seu sono partilha as minhas impressões, e obedece ao meu pensamento.

— Poderíamos ver isso, Bonnin? digo eu ao jovem doutor, começando, a exemplo da sua histérica, a partilhar as impressões alheias, isto é, a incredulidade de Lessac.

— Sim, senhores, poderão vê-lo, e a minha intenção era propor-vos que me acompanhassem amanhã a casa da doente.

— Aceitamos, Bonnin.

— Todos os quatro, senhores! pareceremos estar a representar uma cena de Molière.

— Ora! não venha daí, de Lessac, disse Dalton, mas quanto a mim faço questão de ver.

— E eu de não ver, replica Lessac. Contar-me-ão o que tiverem visto, e eu não poderei deixar de crer em vocês, ao passo que se visse... não creria em mim de todo.

— Obrigado pela sua confiança, ou pela sua cortesia, digo eu a rir ao nosso amigo, mas guarde bem isto, Lessac: a menos que o enforquem, para o impedir de falar, prevejo que morrerá com um sofisma na boca.

Às dez horas, na manhã seguinte, Bonnin, Dalton e eu estávamos em casa da doente.

A senhora Joséphine Garnier, pequena merceeira da rua das Vieilles-Étuves (Bonnin tratava raramente de duquesas), tem vinte e cinco anos de idade. É de pequena estatura, mimosa, engraçadinha, de tez delicada. O seu tom de pele branco, mitigado por uma impercetível tez rosada, a vivacidade petulante dos seus gestos que contrasta com o langor um pouco afetado das suas poses quando não fala, finalmente, a incerteza do seu olhar húmido e velado caraterizam nela uma inervação viva, desordenada talvez, mas cujos sinais gerais estão longe de constituir os sintomas da terrível doença que Bonnin nos descreveu.

Joséphine, que o nosso amigo teve o cuidado de mandar prevenir desde manhã da nossa visita, acolhe-nos com graça, e submete-se sem resistência às experiências que desejamos ver.

Eis, salvo erro de memória, o auto-verbal dessas experiências:

Bonnin senta-se em frente da doente; impõe-lhe sem lhe tocar as duas mãos sobre a cabeça, depois, ao fim de dez ou doze minutos, pergunta-lhe se dorme.

— Não, senhor, responde Joséphine num tom breve.

Então Bonnin volta-se para nós e diz-nos:

— Senhores, a doente está adormecida: reconheço-o pela sua voz.

— Como! faço eu todo estupefacto, ouve bem que ela pretende o contrário.

— Esta jovem mulher, senhores, não tem a consciência do seu estado: eis a terceira vez que observo a mesma anomalia.

— Então para que diabo lhe serve perguntar-lhe se dorme? Ela ouve-nos?

— Não o creio.

— Ouve-me, minha senhora? diz Dalton.

Joséphine não responde.

Bonnin conduz-nos então a um gabinete, e diz-nos:

— Vamos colocar-nos todos os três atrás da sonâmbula e de tal modo que ela nos não possa ver. Ali, tocar-me-ão, beliscar-me-ão a parte do corpo que quiserem, e não tardarão a adquirir a certeza de que o sujeito partilha as minhas sensações.

— Será preciso beliscá-lo com força, Bonnin?

— Não demasiado... fazer-lhe-iam mal.

Dalton e eu olhamo-nos a sorrir.

— Este bravo Bonnin, digo-lhe eu ao ouvido, tem a candura de um santo.

— Ora bem, vejamos se terá também a abnegação de um mártir.

E para resolver a sua proposta, não nos tínhamos instalado atrás da cadeira da doente quando Dalton belisca seriamente a barriga da perna do nosso amigo.

Bonnin não move um músculo: a consciência do seu papel parece dar-lhe a impassibilidade de um faquir.

Quanto a Joséphine, que partilha as sensações do seu magnetizador... ela tem bem coragem!

— Mais forte, digo eu a Dalton, que me obedece em consciência.

— Milagre! Joséphine remexe-se e leva a mão à barriga da perna. Bonnin está triunfante... Dalton e eu estamos na estupefação.

Duas ou três experiências feitas umas a seguir às outras corroboram em alguns minutos o princípio inaudito de solidariedade que parece implicar o que acabamos de ver.

Sob pretexto de multiplicar os elementos da nossa convicção, torturamos à porfia o pobre Bonnin, que, sustentado pelo fogo sagrado do proselitismo, parece, novo convulsionário de Saint-Médard, deleitar-se no seu suplício e provocar novas dores.

Contundimos-lhe os braços beliscando-o, cosquinhamo-lhe os lábios e as narinas com barbas de pena, puxamos-lhe os cabelos e as orelhas.

Joséphine leva rapidamente as suas mãos dos seus braços aos seus lábios, do seu nariz às suas orelhas, e acaba por exclamar, com um pequeno esgar charmoso:

— Ah! é irritante!

Desta vez Bonnin já não aguenta:

— Ora bem! senhores?... exclama ele com explosão.

— Ora bem, Bonnin, nós admiramos.

— Estão convencidos?...

— Estamos, diz Dalton, e já só tenho um desejo.

— Qual?

— O de o esganar, Bonnin, para saber se a senhora morreria disso.

— Ah! eis o meu caro Dalton que seria digno de Lessac, diz o imperturbável magnetizador, acompanhando as suas palavras com um movimento de ombros soberanamente desdenhoso; depois reanimando-se de repente à chama ardente do seu entusiasmo, e

parecendo quase resignado a sofrer a prova suprema que lhe propõe Dalton:

— Tomam isso por uma brincadeira, senhores, exclama ele, pois bem, eu declaro-vos, não estou de modo algum certo de que a minha morte não arrastasse a da senhora.

— Creia-me, Bonnin, digo eu a rir, adiemos essa experiência para outra altura, e contentemo-nos por hoje com nos assegurarmos de que a sua amável sonâmbula ouve tão bem os seus pensamentos como partilha as suas sensações.

A fim de proceder de uma forma rigorosa, decidimos que, sem proferir uma única palavra (uma excessiva delicadeza de audição não tendo nada de sobrenatural), escreveremos em pequenos pedaços de papel, que poremos sucessivamente sob os olhos de Bonnin, cada uma das ordens que este deverá *transmitir mentalmente* à sonâmbula.

O magnetizador apenas se reserva o direito de dizer em voz alta, a cada experiência e sem nunca mudar de fórmula:

«Preste atenção, minha senhora, estou a falar-lhe, escute-me e queira fazer o que lhe digo.»

Depois de nos termos precavido, por esta convenção, contra qualquer possibilidade de fraude, Dalton pega primeiro na pena e põe silenciosamente esta frase sob os olhos do magnetizador:

«Que a sonâmbula se levante, se aproxime da cama e ponha o meu chapéu na sua cabeça.»

Bonnin pronuncia logo a sua fórmula sacramental: «preste atenção, minha senhora, estou a falar-lhe, etc.»; depois, concentrando o seu pensamento, cruza os braços sobre o peito, toma um ar majestosamente imperativo, e opera mentalmente a evocação de que aguardamos o efeito.

Este bravo Bonnin! Não posso deixar de sorrir ainda, ao recordar a sua longa figura pálida salpicada de ruivo, e a sua boa fisionomia de Potier a representar o pai Sournois nas *Petites Danaïdes*. Oh! quão belo ele teria sido, pintado por Charlet, neste momento solene! Tenho a certeza de que Moisés e Aarão eram menos graves e menos

penetrados do seu poder quando operavam diante dos sábios do Egito o milagre das varas transformadas em dragões.

Atenção! Joséphine levanta-se... ela hesita... Que vai ela fazer? Ei-la que caminha para a janela... Não é isso... ela para... bem! ela volta atrás nos seus passos.

— Ela ouve-nos, Bonnin?

Bonnin faz sinal que não.

— Retire essa cadeira, Dalton.

— Não retiremos nada.

— E se ela esbarrar?

— É lá com ela.

A sonâmbula faz um pequeno desvio para evitar a cadeira e dirige-se para a cama.

— Muito bem!

— Cale-se então.

— Já que ela não nos ouve.

— O que é que lho prova?

— Bonnin afirma-o.

— Bela prova!

Continuando a parodiar a pose do *Espártaco* de Foyatier, Bonnin redobra de esforços, e parece passado ao estado de estátua.

Quanto a Joséphine... que vejo eu!... Joséphine estende as mãos sobre a cama... e pega num chapéu... o chapéu de Dalton!... Ela hesita... ela ri... Bravo! bravo! Bonnin... coragem, Joséphine! Pela minha fé, está feito, o chapéu do nosso amigo está na cabeça da sonâmbula, e eis Bonnin mais radioso do que o sol no zénite.

Última experiência:

Como é a minha vez de ordenar o que Joséphine deverá fazer, escrevo o seguinte bilhete:

«Que a sonâmbula vá acender a vela que está sobre a consola.»

— Ah! ah! diz Bonnin após ter lido, eis o caso, ou nunca, de empregar todo o meu jogo.

— Um jogo de palavras! Bonnin: o sucesso metamorfoseia-o.

— Preste atenção, minha senhora, estou a falar-lhe, escute-me, etc. etc.

Um grande silêncio sucede a estas palavras do nosso amigo.

A sonâmbula parece escutar uma voz interior. Após alguns minutos de hesitação, aproxima-se da chaminé, para, hesita ainda, volta atrás nos seus passos, aproxima-se de novo da cama, estende a mão como para aí voltar a pegar num chapéu, depois faz um gesto de impaciência e parece escutar de novo a voz misteriosa, que segundo todas as aparências perdeu a sua intensidade.

— Coragem! Bonnin. — Inunde-a de fluido.

Bonnin faz sem o querer um pouco de barulho com os lábios.

— Ah! mas não batoteie.

A sonâmbula avança para a janela, de cuja espagnolette pega.

— Ordenou-lhe que se atirasse pela janela?

Bonnin, respondendo por mim, faz gravemente sinal que não!

— Ah! mas você está a batotear, Bonnin, que diabo!... a senhora não está a jogar ao jogo da tenaz.

Joséphine, deixando a janela, vem direito a Bonnin. Que vai ela fazer?... pega-lhe na mão, aproxima o rosto como para o beijar! Bonnin permanece de mármore.

— Oh! oh! faz Dalton, parece-me que o nosso amigo diz coisas estranhas à senhora... Ela faz questão, com certeza... É isso o que pediu?

Faço sinal que não.

— Não? ah! bem então, Bonnin, você está a batotear horrivelmente.

Desconcertado por esta apostrofe, o pudico magnetizador abandona a sua pose antiga, e, sacrificando a sua experiência à pureza da sua intenção:

— Não é isso, diz ele, minha senhora; a senhora não me compreende.

— Como! Bonnin, desiste?

— Estou cansado; já não tenho a força de querer com precisão.

— Ah! é um mau fim.

— No seu lugar, ao menos, disse Dalton, ter-me-ia deixado beijar.

Bonnin acorda Joséphine; despedimo-nos dela e separamo-nos...

À noite, ao jantar, contámos a de Lessac o que se tinha passado.

— Assumi, senhores, disse-nos ele, o compromisso de crer em vocês; a honra faz-me portanto um dever de manter esse compromisso. Contudo, confesso-vos que, apesar da melhor vontade do mundo...

— Eh! recorde-se, Lessac, do verso de Despréaux:

«O verdadeiro pode por vezes não ser verosímil»

— Muito bem; mas o absurdo não pode nunca ser verdadeiro: pois o absurdo é o impossível.

— E o impossível, observou judiciosamente Dalton, muitas vezes só é tido como tal porque ainda não foi visto.

«O real é estreito, o possível é imenso»

diz sentenciosamente Bonnin, servindo-se impassivelmente de um grande copo de vinho de Saint-Georges.

— Oh! por Deus! exclamou Lessac, vocês falam todos agora, senhores, como faziam os oráculos. Por favor, voltemos à prosa, pois os poetas, em fisiologia, não têm voto deliberativo. Eu sustento, pela minha parte, embora admitindo, já que é preciso, a sinceridade do vosso relato, que as vossas experiências não provam nada.

— Contudo as primeiras...

— São desmentidas pela última...

— Ah! Lessac, que heresia! esquece-se então de que, em boa lógica, cem factos negativos não provam nada contra um facto positivo?

— Em matéria de milagres!... é o inverso que é preciso admitir.

— Meu amigo, disse eu a Lessac, você não passa de um plagiador. Os Srs. Roux, Gerdy, Dubois (d'Amiens), Cornac e consortes inventaram para seu uso esta maneira de raciocinar. Roube ao menos gente de espírito, se não quer ser você mesmo...

Dois ou três dias seguidos, o objeto desta discussão foi reposto sobre a mesa. Lessac era espirituoso e mordaz, fez-nos ter medo do ridículo. A vergonha de passar por crédulos acabou por nos impedir de ser crentes.

Finalmente, o tempo que desgasta as nossas impressões e faz com o decorrer dos anos das nossas almas espécies de medalhas gasta, juntou-se tão bem ao respeito humano para corroer as minhas recordações que, ao partir de Montpellier, nem sequer me lembrava de que durante oito dias tinha crido no magnetismo.

II

Viagem a Argel — Os Banhos mouriscos

Em Montpellier tinha conhecido e frequentado vários marinheiros. Foram os seus relatos que me sugeriram a ideia de me fazer admitir como cirurgião de marinha, a fim de correr o mundo por minha vez, e este belo projeto levou-me no ano seguinte a Toulon.

Esta loucura (pois era uma, relativamente à minha situação) é, de todas as que fiz na minha vida, a única que me não deixou desgosto.

Toulon, apesar de todo o mal que dele ouvi dizer a gente do Norte, é a única cidade de França onde vivi a meu gosto.

Gostava do seu belo céu, dos seus arredores pitorescos, da animação do seu porto, e sobretudo do aspeto mutável desta população cosmopolita que se renova todos os dias.

Em Toulon, fala-se de uma viagem à China ou ao Peru como se faz em Paris de uma excursão à província.

Quanto a uma travessia de cento e cinquenta léguas, já não é uma viagem, mas um passeio. É a custo, por exemplo, que para ir à Argélia se julga necessário mudar de roupa e fazer a barba. Se, ao sair do gabinete de leitura onde se espera a hora da partida, se não tem troco no bolso para pagar a sessão: pagarei ao passar de volta, diz-se, só vou a dois passos... a Argel.

Fiz, pois, um dia esse passeio a Argel, como toda a gente o faz, por falta de ocupação.

Era para o fim de julho de 1834.

Nessa época, Argel não se parecia com o que é hoje.

Visto de longe, era uma pedreira de gesso; visto de perto, era uma massa informe e compacta de antros em demolição.

Após ter visitado a Casbá, o hotel Rovigo e a casa de recreio do Dey, de que se fez um hospital, a primeira coisa de que nos ocupávamos ao chegar era ir aos banhos mouriscos, onde nos encontrávamos de ordinário em numerosa e muito mista sociedade, as mulheres durante o dia e os homens ao serão.

Representem, numa ruela sombria e tortuosa, um antro decrepito da mais mesquinha aparência, não tendo, como a maior parte das habitações mouriscas, outra luz para o exterior além de uma porta baixa e em arco, e terão concebido o aspeto exterior do estabelecimento de que falo.

A primeira divisão em que se entra, descendo dois degraus, não oferece nada de particular, a não ser que é suja, delapidada, com o solo por soalho, e iluminada à noite por uma lanterna de estrebaria suspensa de uma viga.

É ali que um velho mouro, agachado numa espécie de balcão, recebe das vossas mãos o vosso relógio, as vossas joias, o vosso dinheiro, numa palavra, tudo o que trazem convosco de precioso. O seu ar e o seu traje são tais que, ao confiar-lhe estes objetos, não

podem libertar-se da ideia de que estão num antro de assassinos, e de que quem dali sai vivo deve uma bela vela a Nossa Senhora.

A divisão na qual se abre a que acabo de descrever é o vestiário, onde todos os banhistas se despem em comum para entrar na estufa.

Esta consiste numa vasta sala abobadada e cujo chão, formado por placas de ferro fundido justapostas como lajes, é aquecido a vapor.

As abóbadas, pois há várias, apoiam-se em colunas largamente espaçadas.

Algumas lanternas suspensas entre estas colunas espalham neste local estranho uma luz lívida.

Finalmente, em redor de uma grande mesa redonda, de pedra polida, esteiras de junco jazem aqui e ali: cada banhista tem a sua, sobre a qual se estende.

Um vapor branco, untuoso e ligeiramente aromático preenche constantemente a estufa.

Como o solo está aquecido, como as paredes e as abóbadas nunca arrefecem, este vapor mal se condensa.

Quando todos os banhistas estão nas suas esteiras, ele adensa-se insensivelmente e sem ruído, pois não se sabe de onde vem.

Em breve a mesa de pedra, as colunas, as lanternas, todos os objetos, finalmente, desaparecem neste morno nevoeiro.

Ouvem-se vozes que o eco das abóbadas repete de uma forma singular, mas já nada se distingue, a não ser, por instantes, algumas formas humanas que se percebem confusamente e como ao longe: são banhistas que, após terem inconsideradamente deixado a sua esteira, procuram encontrá-la de novo.

Contudo, ao fim de alguns minutos, sentem que vos tocam; um corpo quente e macio passeia-se sobre a vossa epiderme.

Mergulhado num voluptuoso abatimento, é a custo que procuram dar-se conta dessa sensação nova. Todavia, se pensam em reconhecer-lhe a causa, a vossa mão encontra a de um homem.

Então abrem os olhos, sentam-se para tentar ver, e distinguem finalmente uma sombra negra, agachada e que opera sobre a vossa pele toques estranhos: é um negro que vos massaja.

A massagem, tal como se pratica em Paris nos estabelecimentos de banhos russos, não é, por assim dizer, senão uma paródia da massagem oriental. Os nossos banhistas franceses não percebem nada disso.

Sob pretexto de dar flexibilidade aos vossos músculos e às vossas articulações, contundem-vos a pele e deslocam-vos os membros.

O massagista oriental, pelo contrário, faz o seu trabalho com uma delicadeza infinita: adivinha-se que há arte no que faz, e que essa arte ele a pratica quase desde o seu nascimento.

Se este homem não nasceu no vapor da estufa, deve ter passado nela uma grande parte da sua vida. Sente-se isso na agilidade como na flexibilidade de todos os seus movimentos, na sua pudicícia hipócrita, e sobretudo na indiferença com que cumpre a sua tarefa.

Este negro trata-vos exatamente como o faria com uma coisa delicada e frágil, mas não com um ser vivo.

Enquanto vos ensaboa, vos esfrega, vos passa por água, é um trabalhador à tarefa, que gira uma mó, ou limpa cereal, a tanto por dia.

Ocupa-se do vosso corpo, mas de modo algum de vós.

Não sei que língua fala, mas, seja qual for a vossa, fiquem certos de que a não entende.

Ao fim de um certo tempo, e ao mesmo tempo que se entrega ao seu trabalho, põe-se a cantar, num idioma desconhecido, uma ária retrógrada da sua terra natal.

Cada um dos seus companheiros de trabalho não tarda em imitá-lo, e é em breve na estufa um concerto ainda mais estranho do que ensurdecedor, e que completa uma fantasmagoria de que só se pode gozar em Esmirna, em Constantinopla ou em Argel.

Contudo, no fim, os cantos cessam por graus e o vapor clarifica-se. As sombras brancas recomeçam a mover-se, e o eco repete de novo algumas palavras francesas.

Os banhistas vão receber as suas últimas abluções sob torneiras de latão amarelo, que de diversos pontos das paredes vomitam torrentes de água morna em bacias de bronze.

Finalmente, não sei o que é feito do vapor, mas ele desaparece quase inteiramente, e a mesa de pedra, de que eu não tinha ao início adivinhado o uso, serve de banco aos banhistas, a quem espera ali uma última cerimónia, tão picante como imprevista para os recém-desembarcados.

Primeiro, enxugam-nos: depois põem-lhes nos pés babuchas de marroquim, na cabeça uma faixa de lã contornada em turbante, e finalmente sobre todo o corpo uma longa peça de tecido branco com que os enfaixam.

Mouros ou Franceses, paramentados assim, indistintamente, como filhos do profeta, são conduzidos à vez para a sala dos divãs.

Que este último termo não tenha para os nossos leitores a aceção que se lhe dá nos nossos salões parisienses.

Os divãs, em Argel, são mesquinhos sommiers *(sofás-cama)* acolchoados de crina ou de ervas, e que, dispostos lado a lado num plano inclinado, formando uma ferradura, representam exatamente a cama de campanha de um corpo de guarda. É sobre estes sommiers que os banhistas se deitam ao sair da estufa, sob pretexto de ali dormirem; mas o estrondo que se faz ao seu redor não lhes permite pensar nisso.

Se os Mouros são de ordinário silenciosos como os Turcos, quase todos os negros são ruidosos.

Para arrumar um móvel, um colchão, uma cadeira, uma palha, agitam-se como verdadeiros demónios: não conheço atividade mais estéril do que a deles.

Adicionemos que quase só se vai aos banhos mouriscos por programa de prazer, de sorte que, em vez de procurar num repouso

reparador o complemento dos efeitos salutares que se lhes atribuem, não se tem outra preocupação senão alegrar até ao fim a sua estranha cerimónia.

Os mais pacíficos fumam no longo cachimbo que se lhes apresenta o excelente tabaco turco de que está carregado, enquanto os outros jogam, vociferam, disputam e misturam as suas gargalhadas às gritarias dos negros.

Independentemente do cachimbo, de que é presenteado, cada banhista tem a sua chávena de café sem açúcar, e cujo borra pisado no almofariz em vez de ser moído se deposita no fundo do vaso em sedimento impalpável.

O banho mouro passa por ser um remédio infalível para as dores musculares, o que eu não ousaria afirmar de uma maneira muito explícita, mas o que deve parecer tanto mais verosímil aos médicos homeopatas quanto dá reumatismos a quem os não tem. Pela minha parte, entrei bem disposto e saí de lá moído.

Foi no segundo dia após a minha chegada que para lá me dirigi em companhia numerosa.

Ao desembarcar, tinha-me lembrado da morada de um Sr. D. com cujo irmão eu tinha ligações em Toulon. Esta recomendação improvisada, junta à hospitaleira amenidade do Sr. D., serviu-me às mil maravilhas.

O irmão do meu amigo morava na rua de Chartres, n.º 9. Era então um jovem de vinte e cinco a vinte e seis anos, ativo, inteligente, ambicioso talvez, próprio em suma para fazer fortuna, o que ele fez com efeito.

Sei há pouco que o Sr. D. é atualmente leiloeiro em Argel, onde goza, sob todos os aspetos, de uma grande consideração. Tanto melhor, ele merece-a, nem que seja pela afabilidade com que acolhe os amigos dos seus amigos.

Por muito ocupado que estivesse com os seus negócios, quis ser o meu cicerone e conduziu-me a toda a parte. Tive mesmo todas as penas do mundo para me defender de aceitar alojamento em sua casa, e não pude dispensar-me de ali comer várias vezes.

Foi portanto o Sr. D. quem me fez as honras dos banhos mouriscos.

Fomos lá, ao sair de jantar em sua casa, com um dos seus irmãos jovens que lhe servia de caixeiro, e duas ou três outras pessoas das suas relações.

Este jantar de rapazes, alegrado por boas palavras, bons vinhos, conversas ousadas, canções brejeiras, e sobretudo pela boa disposição do nosso anfitrião, tinha-se prolongado até à noite escura.

Todos nós, ao entrar na estufa, tínhamos, como se costuma dizer, um pé na vinha do Senhor.

Que boas condições para transpirar em excesso e para gozar duplamente do espetáculo fantástico que tentei descrever! O que é certo é que perdi lá completamente a razão. Os banhistas, os negros e sobretudo as lanternas multiplicavam-se indefinidamente aos meus olhos; ouvia o som da rebeca, via a dança macabra, e em breve já não vi nada a não ser o negrinho que me massajava.

Foi somente nos divãs que reencontrei a minha companhia! ainda assim faço um abuso de palavras ao dizer que a reencontrei.

Como reconhecer, sob um fato uniforme e grotesco, pessoas cujo rosto só nos é conhecido há duas horas?

À cautela, estendo-me a exemplo dos meus vizinhos, acendo como homem perito o cachimbo que me é oferecido, e, eu que sou louco por açúcar, bebo pelos meus pecados o café amargo que me é servido.

Contudo a conversação trava-se, o meu vizinho da direita queixa-se de estar extenuado, e o meu vizinho da esquerda, que queima o polegar ao calcar o seu tabaco, pragueja com uma verve que trai ao mesmo tempo o seu caráter e o seu sotaque.

O sotaque franco-condês! o sotaque da minha terra! reconhecê-lo-ia entre mil, reconhecê-lo-ia sempre, ó pátria!

Como fascinado por um talismã, presto um ouvido atento às palavras do banhista. Devo supor que se queimou em carne viva, pois é pródigo nos suas blasfémias. Mas, desta vez, não estou a sonhar, e

esta voz é-me conhecida! Um compatriota, um camarada, um amigo, a quinhentas léguas da terra natal! oh! o coração bate-me com muita força!

— É do Jura? digo-lhe.

O meu vizinho a estas palavras estremece, e levanta-se tão bruscamente que derruba a sua chávena.

— De onde o sabe? exclama ele.

— O seu falar montanhês...

— Mas parece-me também que a sua voz...

— Conhece estes versos:

Eu amava-a tanto, alas!... só o seu nome resta ainda Na minha alma abismada, Como sobre um túmulo, o epitáfio de um morto!...

— Mémée!

Exclama Jacques Albin, pois é ele mesmo, terminando a estrofe da sua composição, cujos últimos versos apenas me tinham voltado ao espírito.

E os nossos dois beduínos (pois o leitor recorda-se dos nossos trajes) a atirarem-se para os braços um do outro, chorando de alegria como crianças.

Após termos suficientemente divertido os banhistas pelas explosões risivelmente comoventes do nosso reencontro, apressamo-nos, Albin e eu, a trocar o nosso fato mourisco pelos nossos trajes de cristãos. Despeço-me do Sr. D., recordando-lhe que logo ao romper do dia devemos partir para o acampamento de Douaira, onde ele prometeu conduzir-me; depois, Jacques leva-me para sua casa, isto é, para um pavoroso sótão da rua Baballoued, onde passamos juntos o resto da noite e uma grande parte da madrugada.

O meu amigo põe-me em poucas palavras ao corrente da sua situação.

Anexado como auxiliar ao serviço de saúde, habita Argel há seis meses, e cumpre no hospital as funções de cirurgião ajudante.

Fisicamente, Albin quase não mudou: cresceu, eis tudo. Quanto ao moral... alas! está como dantes. O gosto das sensações fortes persistiu nele. Desde a deceção que sofreu nos seus amores, consola-se, embriagando-se, da infidelidade da sua bela, e à maneira como ataca as seis garrafas de cerveja que acaba de nos mandar trazer pelo seu negro Makis, receio muito que o meu pobre amigo esteja para sempre inconsolável.

— Tu amavas portanto muito essa rapariga, digo-lhe eu, para a lamentares há tanto tempo?

— Sim, muito, responde-me ele. Não é que eu tivesse querido jamais dar à minha mãe o desgosto de me ver casar com a mademoiselle Mémée Désormes, mas enfim amava-a, e tenho a certeza de que ao casar com ela teria feito a minha felicidade. Vês tu, meu caro, a simpatia é para as almas o que a afinidade é para os átomos. O homem é um ser essencialmente incompleto, e cuja existência não passa de um longo bem-estar enquanto se cumpre no isolamento. O meu coração estava para o coração de Mémée como o oxigénio está para o potássio. Tu compreendes-me, tu que possuis o teu Berzelius na ponta do dedo. Se alguma vez me decidir a tornar-me sábio e trabalhador, aplicar-me-ei a procurar as leis desta química moral.

Para seu mal e para o meu, Jacques cumpriu demasiado bem a sua palavra.

Perto das três horas e meia, começando o dia a romper, deixei o meu amigo para me dirigir a casa do Sr. D., que já me esperava e acabava de mandar selar os nossos cavalos.

Pluton, aquele em que devo montar, é, segundo o seu dono, o primeiro trotador da Regência: qualidade que eu apreciaria mediocremente, se o Sr. D. me não afirmasse ao mesmo tempo que o seu cavalo é manso como um cordeiro e tão perfeitamente inteligente que, no caso de, por impossível, derrubar o seu cavaleiro, seria capaz de o recolher.

Em consequência eis-me seguro de voltar morto ou vivo a Argel, e não desespero de estar em estado, na manhã seguinte, de ir fazer a Jacques o relato da minha excursão a Douaira.

Circunstância fatídica!

Cinco anos deviam passar-se antes que voltasse a ver Albin.

III

Romance de um quarto de hora

O Sr. D. e eu estamos finalmente a cavalo.

A porta volta a fechar-se sobre nós. Os beduínos acordam e afastam-se para nos deixar passar.

A aldeia de Del-Ibrahim deve ser a nossa primeira paragem.

Fundada pelos Franceses, em 1832, Del-Ibrahim ocupa um planalto descoberto, a uma légua a leste de Argel.

Não sei o que é hoje, mas então reduzia-se a um grupo de barracas de tábuas, dominado por uma construção moderna de mesquinha aparência, fechando tudo o acampamento ou, se se quiser, os quartéis do corpo de spahis.

Para lá nos dirigirmos, saímos de Argel pela porta Bab Alloued (ou Alloued), pois *bab* significa porta.

Após termos subido a passo lento uma rampa íngreme que ladeia o baluarte do oeste descrevendo várias sinuosidades, passámos sob a muralha munida de ameias da Casbá, e deixando à esquerda o monte sobre o qual estão construídos de novo os bastiões do forte do Imperador, seguimos em frente pela bela estrada de Blida.

A pureza da alvorada que purpurava o horizonte das suas tintas vivas prometia um belo dia. O ar estava fresco, a terra húmida de orvalho, e embora o sol se não mostrasse ainda, a luz difusa que o precede refratando-se na atmosfera iluminava toda a paisagem.

Avistávamos à direita, e ao longe, as cristas brancas do Atlas, cuja dupla cadeia, estendendo-se a perder de vista, paralelamente à costa, deixa entre si e o mar uma zona de dez léguas de largura.

Às aproximações da cidade, esta zona está estranhamente acidentada pelas ramificações que, partindo do pequeno Atlas, vêm

desembocar ondulando como imensas vagas subitamente cristalizadas até ao cabo Matifou.

As suas últimas vertentes, rasgadas por desfiladeiros profundos, estão cobertas de uma vegetação variada e exuberante.

Algumas árvores da Europa, carvalhos, figueiras-da-Barbária, e sobretudo aloés crescem de mistura, e fazem as despesas de uma verdura matizada cujos tons contrastados impressionam o olho de uma forma singular.

Sentem por este aspeto que já não estão em França.

Mas quão arrebatador e grandioso é este panorama para os olhos do viajante que o contempla pela primeira vez!

Quão feliz fui, meu Deus! durante os dez ou doze dias que passei nesta bela costa de África, de que gostaria tanto de voltar a ver, e que não voltarei a ver!

Triste organização a minha! nem um dos meus prazeres que me não deixe um desgosto!

Toda a minha vida foi atormentada por duas paixões contraditórias: o amor dos lugares novos e o amor dos lugares que tinha visto.

Atrativo das recordações, que império tendes sobre mim!

Sim, atravessaria os mares para voltar a ver um velho carvalho cuja folhagem me abrigou, um relvado onde dormi, um riacho onde bebi, uma pedra sobre a qual me sentei!

Desgraça minha! em breve ser-me-á preciso deixar tudo para sempre!

Mas afastemos estes pensamentos negros.

I

A morte não é senão a partida para uma última viagem...

Lá em baixo, lá em baixo, reencontram-se os amigos, a avó que reitera esperando por nós as canções e os contos com que foi encantada a nossa infância... Lá em baixo, reencontra-se a mãe; a amante, tudo o que se amou.

Será bem verdade, meu Deus?... Emilie! ver-vos-ei também? sereis ainda inocente e cândida como vos deixei? Neles tinhas apenas dezasseis anos. Alas! tereis envelhecido, e já me não reconhecereis.

Que digo eu, insensato! reconhecer-me-ias hoje! para ti sou eu alguma coisa no mundo? ocupei somente o teu pensamento durante um minuto, durante o instante em que permaneci perto de ti?

Recordas-te ainda do estranho que se sentou sob o teu teto pacífico?

Bela e suave jovem! oh! não, tu não duvidas que a quinhentas léguas do país que habitas, uma alma melancólica como a tua se emociona com a tua recordação; que um pobre sonhador, desgostado do mundo, e que se vai finando, derrama uma lágrima de desgosto ao escrever o teu nome.

É bem doce o teu nome, Emilie! lembra-me o de uma irmã que adorava e que perdi jovem ainda. Alas! tu nunca soubeste o meu.

Que o leitor se não espera ao relato de uma aventura. A análise de uma impressão, de um fenómeno psíquico, de que fui longo tempo sem me dar conta, vai sozinha ocupar-nos.

Como se faz que após dez anos de emoções diversas, de lutas, de desgostos, de afeições formadas e destruídas, a figura de uma pessoa que não vi dez minutos, que não fiz por assim dizer senão entrever a correr, se reencontre hoje tão nitidamente no meu coração?

Sim, recordo-me tão perfeitamente de Emilie Dénan, como me recordo da minha mãe. Mas para mim não é uma mulher, não é uma jovem que encontrei por acaso num grande caminho de África; é um anjo que me apareceu num sonho.

Estou certo disso como da minha existência: uma parcela da sua alma ficou na minha... Albin e eu reencontrar-nos-emos um dia sobre essa via misteriosa das simpatias instintivas.

Assim como o disse, cavalgávamos alegremente na estrada de Blida, o Sr. D. armado dos pés à cabeça, para fazer face aos beduínos em caso de ataque, eu, não tendo na mão senão um chicote para excitar o meu cavalo.

Ainda devo confessar que dele não abuso! o melhor trotador da regência o não toleraria.

Não perco de vista as suas orelhas no receio de perder também a sela, e, apesar das palavras amigáveis que lhe dirijo de tempos a tempos para me tranquilizar, a liberdade dos seus andamentos dá-me alguma inquietação.

Francamente para o meu uso, preferir-lhe-ia o burro de Sancho.

Contudo, vistas bem as coisas, não estou demasiado descontente dele, e estou muito contente comigo. Seria por acaso que se nasce cavaleiro, como se nasce poeta? Estaria tentado a crê-lo pela graça que me encontro.

— Ora bem, Pluton! o que te dá? farejarias alguma Proserpina ao fundo desta alameda de aroeiras?... vamos... Pluton! não te vás empinar agora!

— Largue as rédeas... que diabo!

— Largue as rédeas... largue as rédeas... fala disso à sua vontade. Não vê que o seu maldito cavalo quer a todo o custo deixar a estrada para alcançar esta casinha.

— Ah! o animal!... memória de anjo! Há mais de dois meses que uma manhã fomos a essa casa onde ele comeu a aveia e lembra-se disso ainda. Só lhe falta a palavra.

— É admirável em verdade. Pluton! Pluton! que o céu te confunda com o teu espírito, feia besta! nunca virei a cabo dele.

Em efeito, Pluton mete-se apesar de mim na alameda.

— Decididamente, diz o Sr. D., o seu cavalo quer reatar conhecimento com o pai Dénan. Ora bem! deixe-o ir, esse bravo pai Dénan far-nos-á provar o seu velho rum.

— Conhece-o?

— Com certeza! pergunte a Pluton...

Um instante mais tarde, pínhamos pé em terra, e após ter atado os nossos cavalos a uma árvore, o Sr. D. abriu sem bater a porta da casinha, onde entrámos ambos.

A estes ares sem cerimónia, e a alguns outros sinais ainda, estou em breve convencido de que o meu companheiro de viagem conhece os lugares tão bem como pretende.

— Bom dia, Claudine, diz ele, ao entrar, a uma rapariga gorda e ruiva que ensaboa roupa num alguidar.

— Bom dia, senhor D., por que acaso tão cedo?

— É sempre curiosa.

— Ora!

— Está levantado, o Sr. Dénan?

— Oh! creio bem que está levantado... há mais de uma hora que faz a caça aos gafanhotos no seu jardim. Essas feias bestas comem-nos tudo.

— E a menina?

— Ela veste-se.

— Já!

— Oh! ela é muito matinal, a menina... embora tenha sido educada nas maminhas, é pior do que uma camponesa para o trabalho.

Qual é portanto esta menina educada nas maminhas, e em cuja casa se vai beber a gota às quatro horas da manhã na vizinhança de um acampamento? Sempre gostei de enigmas.

Enquanto tentava adivinhar este, o Sr. Dénan entrou, trazendo gloriosamente na mão a pele de um chacal, apanhado na armadilha durante a noite, e que acabava de esfolar.

Era um homem de cinquenta anos no máximo, de estatura média, mas bem feita.

Embora estivesse vestido com uma simplicidade toda rústica, um não sei quê de distinguido no porte revelava desde logo nele uma educação e hábitos com os quais a sua condição atual não parecia em harmonia.

O Sr. Dénan, disseram-me, tinha outrora sido possuidor de uma fortuna considerável, e tinha-se ruído em 1830, agiotando nos fundos públicos. Tinha comprado à época da tomada de Argel, e vendido após a revolução.

Era viúvo, não tinha outro filho além de uma rapariga, e habitava desde 1832 a Algéria onde após ter especulado na farinha, se tinha feito colono.

Eis tudo o que o Sr. D., que tinha tido com ele algumas relações de negócios, me pôde ensinar por sua conta, a não ser que à época de que falo (1834), começava a restaurar a sua fortuna e acabava de comprar a baixo preço, na Mitidja, terras consideráveis que devem ter adquirido desde então um valor muito grande. Praza a Deus que tenha tido a paciência de as conservar até ao presente!

O Sr. Dénan recebeu-nos com amenidade, Pluton teve a sua aveia e o Sr. D. o seu rum.

Os proprietários são todos iguais: o Sr. Dénan fala-nos longamente do seu jardim, das suas terras, das suas melancias, dos seus couves, dos gafanhotos que os devoram, e sobretudo do chacal que acaba de esfolar: ignóbil animal, diz ele, que tem do lobo, da raposa e da hiena, de que reúne todas as más qualidades.

Finalmente, acaba de nos servir o mata-bicho, quando uma voz fresca, vibrante, argentina, uma voz tal que nunca ouvi outra igual desde então e que me mexe até ao fundo da alma, se põe a cantar no quarto vizinho este refrão comovente da romança das *Duas Noites*:

«Perei voltar a ver-te ainda um dia, belo país de França!»

— É a minha filha, diz o Sr. Dénan. Pobre criança, que me consolou de muitos desgostos! Entra então, Emilie, adiciona ele elevando a voz.

A porta abre-se, e a jovem, após nos ter cumprimentado com um sorriso cheio de graça e de pudor, corre a abraçar o pai. Quadro charmoso, que desde então me voltou cem vezes nos meus sonhos!

...

Há talvez um facto absurdo no que me resta dizer... Dir-lo-ei contudo.

Se tive na minha vida muitos dias de amargura, alguns raros instantes de felicidade também se lhe misturaram.

Ora bem! sim, leitores, afirmo-o, nenhum me foi mais doce e deixou em mim traços mais profundos do que aquele em que os meus olhos encontraram os dessa amável criança, dessa ingênua estranha que via pela primeira e pela última vez.

Hoje, falo disso como filósofo, como fisiologista, ia dizendo como magnetizador, mas o público não me compreenderia ainda.

Imaginem a emoção vaga, indescritível, indefinível, que se experimenta ao tocar pela primeira vez a mão de uma mulher que se adora, e terão a ideia do que se passou em mim ao aspeto de Emilie.

Oh! o amor, o verdadeiro amor, não emana mais dos sentidos, como se disse frequentemente, do que depende do amor-próprio, como escreveu a senhora de Staël: existe independentemente de todas as condições aparentes e constitui uma das qualidades primordiais e essenciais da nossa dupla natureza.

Quando uma feliz eventualidade põe em presença dois seres feitos um para o outro, eles sentem-no, atraem-se, amam-se desde o primeiro segundo. As suas almas correspondem-se, misturam-se e enlaçam-se.

Depois, vêm o mais das vezes as duras necessidades da vida social que perturbam e destroem essa inefável harmonia, pois nascemos muito menos para amar do que para sofrer.

Um secreto instinto bem pode dizer-nos: Fica, oh! fica aqui, sob pena de lá deixares uma das metades de ti mesmo, a vaga do destino leva-nos consigo.

Então começam para nós essas indizíveis angústias cuja verdadeira causa é desconhecida, e debatemo-nos no vazio de uma existência incompleta.

Mais uma vez, prossegue-se maquinalmente a carreira, esperando novos acasos que se não representarão mais. Os dias sucedem-se e escoam-se, a indiferença gera o desgosto, a idade vem, as paixões apagam-se, o coração murcha e seca, finalmente, envelhece-se e morre-se sem ter conhecido o supremo bem de aquém-baixo.

A minha história está inteira nas poucas linhas que acabo de escrever. Se o maior suplício dos danados é conceber, sem dele gozar, a felicidade dos eleitos! desde há dez anos que estou danado. Em vão, extenuo-me a perseguir um fantasma cuja realidade só me apareceu uma vez.

Tal é aliás, suponho-o, a sorte de todos os homens. Cada um de nós tem o seu ideal, cujo tipo real está em algum lado: feliz aquele que consegue um dia encontrá-lo e que dele se não separa mais!

Todos os traços de Emilie Dénan estão de tal modo gravados na minha memória que se soubesse pintar, poderia fazer disso um retrato impressionante de semelhança. Ela está ali, diante de mim, de pé, a cabeça um pouco inclinada, os lábios entreabertos, a mão esquerda apoiada no encosto de uma cadeira de junco. Não vejo mais distintamente estes cadeirões, estas velas, esta estatueta de Cromwell, todos os objetos que me cercam oh! deixai-me pintar-vo-la!

Emilie é antes pequena do que grande; parece bem feita, mimosa sem ser frágil. O seu rosto oval é de um branco mate, impercetivelmente rosado nas faces, os seus cabelos são castanhos, finos e perfeitamente lisos. As duas largas faixas que formam de cada lado são ligeiramente levantadas por duas outras faixas, mais

pequenas e que desaparecem sob as primeiras ao nível das têmporas. Este penteado simples e gracioso é de um efeito picante, nunca o notei em nenhuma outra cabeça.

A testa é notavelmente elevada, e a dupla saliência que apresenta anuncia em Emilie uma forte dose de razão. As sobrancelhas regularmente arqueadas são de uma cor mais escura do que os cabelos. Tem pálpebras longas, pestanas longas, olhos grandes negros aveludados, brilhantes, húmidos, tímidos e apaixonados, os mais belos olhos que vi na minha vida. O seu nariz é pequeno e bem feito; os seus lábios de um vermelho vivo deixam ver, quando sorri, duas fileiras de pequenas dentes tão brancas como pérolas. Bonita mão, bonitos dedos esguios, bonitos pés, bonita, bonita, oh! cem vezes demasiado bonita!...

Preferiria como relíquia, ao crânio de Napoleão, este simples roupão azul riscado de preto no qual se dissimula a meio a cintura redonda e fina de Emilie.

Pobre louco que sou!

Agora animai de um pensamento casto e puro o corpo charmoso que acabo de descrever.

Restituí à jovem exilada a sua melancólica jovialidade, onde despontam ao mesmo tempo o amor filial, o amor da pátria, e talvez também as vagas aspirações de um sentimento novo.

Adicionai ao que disse a poesia do desgosto, e a poesia dos lugares.

Finalmente, representai-vos todas as circunstâncias da cena:

É a custo cinco horas da manhã...

Estamos no rés do chão de uma casa rústica, no meio de um país agreste e selvagem.

Árvores cuja folhagem me é desconhecida cercam de todos os lados este pacífico eremitério. Os seus ramos que se inclinam até às janelas coam ali a luz duvidosa que nos chega. Não fosse o chão assoalhado do quarto, esta mesa de carvalho, estes utensílios de casa, estaríamos tentados a crer-nos sob um caramanchão de verdura.

No meio do silêncio absoluto que reina ao longe na planície, o chilrear de alguns pardais que acordam junta-se sozinho às nossas vozes.

Vozes francesas longe de França são sempre vozes amigas.

Fascinado pelo que me cerca, a alma aberta às impressões do momento e fechada às recordações, creio ver neste quartinho a minha pátria inteira.

A minha pátria!... era o asilo de um exilado!

Oh! dizei-me, meu Deus! de onde vem o charme que estes lugares têm para o meu coração!

Parece-me que ali nasci e que gostaria de ali ficar sempre esqueceria ali a França, a minha família, a minha mãe!

Oh! concordo, sinto-o, há loucura no que escrevo, e contudo o que escrevo é verdade.

A natureza afligiu-me com uma sensibilidade doentia, que me tornaria sem cessa ridículo se se não escondesse sob os exteriores compassados de uma frieza excessiva.

Entre os homens do meu conhecimento, haverá alguns que sejam feitos assim? ignoro-o nunca lhes fiz parte das minhas impressões íntimas, eles tiveram o direito de me esconder as suas.

Eis-me portanto subitamente enamorado de uma mulher, de uma criança, que amanhã não será mais para mim do que uma quimérica reminiscência.

Porquê? como se faz isso? será um sonho? terei perdido a razão? algumas noites de excessos e de insónia exaltaram até ao delírio todas as minhas faculdades sensitivas?

Não sei.

Mas quê! esta jovem exerce sobre todos os que a abordam a influência mágica cujos efeitos sinto? não, pois o meu amigo está tão bem como eu sentado ao lado dela.

Ele olha-a, fala-lhe, e a sua voz não está emocionada.

Ainda há pouco ele me dirá com insensatez que ela lhe parece bonita oh! profanação! que ele me não diga nada mais!

E! o que poderia ele dizer disso? Ela não o ocupa. E eu... eu, estou com ciúmes!

Mas não é tudo: Emilie partilha, sem disso se suspeitar talvez, o sentimento que ela me inspira. Se lhe falo, ela cora, ao responder-me ela treme e baixa os olhos. Fujamos, fujamos Por nada deste mundo a quereria voltar a ver, pois talvez não tivesse mais a coragem de a deixar.

Eis, certamente, um dos episódios mais singulares da minha vida Durou menos de um quarto de hora.

Assim o Sr. D. e eu, voltamos a montar a cavalo.

O Sr. Dénan segura-nos o estribo e aperta-nos a mão a ambos, desejando-nos não sei já o quê, pois toda a minha atenção está absorvida pela sua filha, que, de pé no limiar da casinha, segue com o olhar todos os meus movimentos.

— Adeus, menina, digo-lhe eu suspirando.

Adeus! sublime expressão da fé cristã, que resume ao mesmo tempo e o nada das afeições terrestres e a esperança que disso nos consola.

Quase nunca disse adeus sem experimentar um aperto de coração; mas desta vez sobretudo, estava vividamente emocionado.

Felizmente nas organizações nervosas os sentimentos são tão móveis e sucedem-se tão depressa, que ao confundirem-se se neutralizam em parte uns aos outros.

Esta sucessão rápida das impressões e das ideias foi sempre o facto culminante da minha natureza. Eis por que, na minha vida, o riso se misturou tão frequentemente às lágrimas, o burlesco ao patético.

Pluton ergue orgulhosamente a cabeça desde que me sente na sela. Empina-se e relincha como se fosse para o fogo! Maldita besta! apostaria que é ele quem me sugere o tolo desejo de fazer o belo cavaleiro aos olhos da menina Emilie.

Vedes-me o corpo direito, os ombros encolhidos, os cotovelos colados às ancas, as rédeas na mão esquerda, e a mão direita caindo negligentemente sobre a coxa do mesmo lado. Aperto talvez um pouco os joelhos, e afeto levar para dentro as pontas dos meus pés. Se contudo, me ficasse por ali... Mas, qual! não faço as coisas a meias. Fátuo que sou (era fatuidade!) tenho a estupidez de chicotear o meu cavalo.

Contava certamente com algumas bonitos remates, e eis o meu feio dissimulado, que, em vez de remates, faz um desvio, de tal modo que me desinstala da sela, e por uma unha negra não vou desfraldar as minhas graças na lama dos atoleiros.

Julgai do meu desgosto!

O Sr. D. rindo até perder o fôlego, aconselha-me impiedosamente a agarrar-me às crinas.

Oh! então, a minha cabeça perde-se completamente.

Perdido por cem, perdido por mil, digo para mim... Já ninguém rirá se me matar, e com isto, ponho-me a chicotear a todo o braço o meu fogoso corcel, que parte como uma avalanche e me leva não sei para onde.

Reflexões filosóficas:

Durante todo o tempo que durou este galope perigoso, fazia em mim mesmo justiça da minha imprudência, e sobretudo do motivo que mo tinha inspirado, e repetia continuando a bater como um surdo sobre a garupa de Pluton, este versículo da Sabedoria:

Vanitas vanitatum, et omnia vanitas!

Ora bem! compreendeis este espírito que se divide em dois, um para fazer loucuras, o outro para as condenar? Não há que duvidar: era a alma sensitiva que chicoteava Pluton, e era a alma imortal que repreendia a sua irmã.

O homem, é preciso convir, é um estranho animal!

Seja como for, o Sr. D. seguia-me a todo o brida; mas já não ria.

— Pare então, desgraçado! gritava ele a romper os pulmões, vai estropiar o meu cavalo, ou pelo menos partir o pescoço.

Indiscutivelmente, a Providência velava por mim, pois, após cinco ou seis minutos desta corrida desordenada, Pluton parou são e salvo, assim como eu, no topo de um monte, onde recobrei toda a minha razão, e de onde avistei o acampamento que íamos visitar na orla da Mitidja.

— A peste! disse o Sr. D. apertando o baço com o seu lenço, tenho uma dor de lado. Tinha, pois, o travão nos dentes?

— É sua culpa também; por que motivo troçar de mim?

— É que você estava tão engraçado com a sua perna no ar!

— Não importa! eis-me cavaleiro para o resto dos meus dias.

Não contarei senão muito sumariamente a continuação da minha excursão a Douaira, durante a qual me não aconteceu nada que seja digno de ser mencionado.

De tempos a tempos, encontrávamos ao lado do caminho, que eles evitavam para não sujar os seus pés de uma terra removida pelos ciganos, beduínos que se esgueiravam como feras através dos matagais; depois, no próprio caminho, árabes menos fanáticos, pavoneando-se, quem sobre um camelo, quem sobre uma burrinha do tamanho de uma cabra.

Uns e outros levavam provisões de boca ao mercado de Argel: este um pequeno cesto de tâmaras, aquele seis pepininhos.

Nada mais divertido do que ver, de manhã, na praça do Governo, estes impassíveis mercadores expor diante de si num cesto a sua modesta pacotilha. Gravemente sentados, as pernas cruzadas à moda mourisca, fumam imperturbavelmente esperando até à noite, se for preciso, o bom prazer dos compradores.

Que digo eu! até à noite! ficariam ali durante um século sem dizer palavra, se aprazia ao profeta que o freguês não viesse.

O acaso ou o meu bom anjo fez-me reencontrar, no acampamento, um capitão dos meus amigos, o pobre Sr. Monin, que,

após ter guerreado durante cinco anos na Algéria, veio tolamente, no ano seguinte, deixar-se morrer de apoplexia a oito léguas da sua aldeia, onde o esperavam impacientemente a sua mulher e os seus filhos.

Fizemos à mesa deste oficial um jantar todo campestre, mas tão modesto que apesar dos conselhos do Sr. D., sobre a necessidade para os viajantes de contar todas as suas refeições, hesito em fazer menção desta.

Não era aliás culpa do Sr. Monin se nos recebia tão magramente. Os víveres faltavam graças à voracidade dos chacais que tinham tido a audácia, na noite precedente, de vir comer no belo meio do acampamento três carneiros trazidos na véspera, e dos quais nem sequer tinham deixado os ossos.

As sentinelas, em vez de gritar de hora em hora o *alerta* de uso, teriam portanto feito melhor em dizer entre si: *alerta aos carneiros*.

Mas, afinal, não se morre por jantar uma vez com pepinos com sal e figos-da-Barbária, e fiz na minha vida mais de um banquete de que me recordo com menos prazer do que desta colação do acampamento de Douaira.

Eram sete horas pelo menos quando tomámos de novo o caminho de Argel, e, por conseguinte, era noite fechada quando ali reentrámos.

Dormi desta vez em casa do Sr. D., e estava de tal modo extenuado que mal tive a força de lhe desejar o boa-noite.

No dia seguinte de manhã, dirigi-me a casa de Albin.

Felizmente, tinha notado a sua casa ao luar, e reencontrei-a sem pena. À noite não era bela, mas de dia era muito pior. Deus do céu, que escada!

Contudo, subo-a, tremendo que ela se afunde sob mim. A porta está entreaberta, o que me não prova ainda que Albin esteja em sua casa; mas ouço no quarto uma espécie de chapinhar análogo ao ruído que faria um porco a comer. Entro, e encontro Makis sentado à mesa, e a engolir uma espécie de papa de arroz cujo aspeto me revira o estômago.

— O Sr. Albin? digo-lhe.

— O Sr. Albin? repete o negro levantando-se com um ar assustado.

— Sim. o teu amo, onde está?

— Onde está?... ele não estar aqui.

— Por Deus! vejo-o bem. Quando é que ele saiu?

— Quando é que ele saiu? mim não saber... ele ter partido.

— Partiu para que país?

— Para país dele.

— Como! para França?

— Mim não saber... ah! sim, para a França... a mãe dele, morta lá baixo, e ele partido para a ver.

— A mãe dele morreu! e quando?

— Mim não saber... ele, chorou, chorou, chorou.

— Ah! a mãe dele morreu! e foi ontem ou esta manhã que ele se embarcou?

— Mim não saber.

— Que o céu te confunda, selvagem, com os *não saber*: estes feios negros são todos iguais.

O negro picado do meu ardor, reenfia o seu gorro, volta a sentar-se, e volta a atestar-se de pilau com uma ardor incrível, de onde concluo que o desgosto do seu amo lhe não tira o apetite...

Desesperando de saber mais coisas, saí e fui passear para a praia de Mustapha, onde me pude entregar à minha vontade às tristes reflexões que me inspirava a partida precipitada do meu amigo.

Pobre Albin, pensava eu, pobre louco que julgava encontrar na cínica insensatez de uma vida devassa um refúgio certo contra a dor! Por mais que faça o sofisma, não consegue neutralizar as tendências instintivas de um coração afetivo. No meio das suas mulheres de má vida, Albin venerava ainda a imagem sagrada da sua mãe.

Perde-a, e as lágrimas correm-lhe dos olhos apesar de si. Seria preciso não amar nada para ter a certeza de escapar ao desgosto, visto que cada dia nos pode retirar um dos objetos das nossas afeições. Não amar nada!... Eh! isso já não seria viver, pois a morte não é, em definitivo, senão a extinção total das afinidades da nossa alma para com os nossos semelhantes e para com as coisas que nos cercam. Mas onde encontrar então o gozo, entre esta necessidade de nos apegarmos aos seres de aquém-baixo e o temor perpétuo de deles sermos separados?... a felicidade é um sonho.

Avistei nesse momento duas gaivotas pousadas na praia, e que se picavam mutuamente com amor.

Serão felizes estas aves? perguntava-me eu. Alas! o que pode ser a felicidade de uma ave? um pouco de prazer, uma sensação que passa e se renova. Todos os homens têm isso, e nem por isso todos são felizes. A verdadeira felicidade consiste na satisfação dos sentimentos elevados, a justiça, a caridade, a esperança... É preciso portanto procurá-la no amor de Deus e do género humano, e não no amor de uma mulher.

Filosofando desta sorte, tinha-me sentado no areal, onde o meu dedo, que a minha razão sem dúvida esquecia de dirigir, traçava maquinalmente na areia as seis letras do nome *Emilie*.

Singular distração! Lembrou-me essa máxima selvagem de um escritor célebre do outro hemisfério: «O homem quando raciocina não é mais do que o cão quando ladra.»

IV

Cinco anos depois

Se o título destas memórias tivesse necessidade de interpretação, apressar-me-ia a dizer que o que escrevo não é de modo algum a história da minha vida privada, com a qual o leitor pouco se importaria; mas somente a história das minhas ideias no que respeita ao magnetismo.

Ver-se-á aliás na continuação por que misteriosa filiação os capítulos que precedem se prendem a estas ideias.

O magnetismo como o compreendo hoje é o absoluto do mundo moral, uma espécie de antagonista do livre-arbítrio do homem, isto é, a razão dominante e quase fatal dos nossos destinos.

Sei quanto uma semelhante proposição deve parecer ininteligível à maior parte dos meus leitores; mas a simples exposição dos factos que me proponho contar tornar-se-á em breve, espero, um comentário claro e plausível.

Que me seja permitido, entretanto, franquear sem transição longos intervalos de tempo e de espaço, a fim de eliminar tanto quanto possível do meu relato todas as circunstâncias estranhas à ordem especial das impressões que devem ser os seus únicos objetos.

Apesar da minha adesão às ideias mesmerianas, e em desfavor dos meus acessos contra o corpo médico, entendo que se não esqueça que sou médico eu próprio.

Foi a 18 de julho de 1837 que tive a honra de ser admitido, pela faculdade de Paris, ao número dos sacerdotes de Epidauro.

Tinha então vinte e três anos.

Não sou portanto, como teria dito Frapart, um magnetizador de pacotilha, visto que antes de incriminar a medicina a estudei durante dez anos com fervor.

Que ninguém de resto imagine que ao mencionar estas miúdas circunstâncias não tenho outro fim além do de falar de mim.

Graças a Deus, faço bom barato da minha mesquinha individualidade; mas ainda me é permitido desejar que se não veja nas crenças de que fiz profissão o capricho de um espírito fantástico, ou o entusiasmo desregrado de um homem que não raciocina.

Não, tinha nascido cético, e a convicção de que dei prova não era obra do acaso.

Li muito, vi muito, e sobretudo meditei muito. Foi pela força dos acontecimentos que cri no magnetismo, quase em desfavor da minha razão.

A minha tese inaugural, que já não está no comércio, mas que esteve, ouso vangloriar-me disso (venderam-se dois exemplares), a minha tese que a minha boa mãe teve a ternura de ler de um ponta a outra, e que os meus examinadores cumularam de elogios pelo racionalismo que nela mostrava, a minha tese, digo, levava o cunho do meu espírito duvidoso, pois encerrava a seguinte proposição:

«Há algo de verdadeiro no magnetismo animal; mas falta muito para que tudo seja verdadeiro no que dele se disse. Desde Mesmer, que não passava de um charlatão, até aos nossos modernos, entre os quais se poderia contar mais de um Mesmer, o magnetismo encontrou à vez fautores fanáticos e detratores exagerados. Mas em matéria de ciência, é tão arriscado crer sob palavra como fazer-se cético por paixão.

Antes de admitir seja o que for ou de negar seja o que for, quando se trata de questões litigiosas, é preciso experimentar, é preciso ver. Ora é provavelmente o que não fizeram, ou o que fizeram mal, o que é pior, aqueles que tudo admitiram e aqueles que tudo negaram. Daí o maravilhoso ridículo ou a futilidade da maior parte dos artigos Magnetismo dos nossos repertórios enciclopédicos.»

Teria sido difícil para mim ser mais incisivo, ia dizendo mais impertinente, pois a dupla censura que dirigia aos artigos magnetismo dos dicionários de medicina implicava evidentemente duas personalidades:

O maravilhoso ridículo era o quinhão do Sr. Rostan, e o escritor fútil, não havia que enganar, era o Sr. Bouillaud.

O Sr. professor Rostan talvez tenha expiado mais duramente do que se pensa a coragem de emitir, dos primeiros, opiniões afirmativas sobre os factos magnéticos. Que justiça lhe seja feita pela sua nobre temeridade! Quanto ao Sr. Bouillaud, temos, ele e eu, uma velha conta a ajustar; isso virá a seu tempo e lugar, mas, entretanto, adio para o nosso encontro no vale de Josafá a retratação do julgamento que proferi sobre ele.

Finalmente, o Sr. ministro da instrução pública assinou o meu diploma. Este diploma está no meu bolso, o meu estojo de cirurgia e as minhas lancetas já só esperam por vítimas.

Cuidado convosco, meus amigos, eis-me médico da cabeça aos pés.

Médico! quem o diria ao ver-me? pareço, de se lhe tirar o chapéu, um aluno de retórica.

Oh! a túnica, o gorro, a peruca de doutrora! desgraçados, o que fizestes deles? Seriam esses insígnias os únicos ridículos que vos censurava Molière? Esses ao menos ser-vos-iam úteis, ao passo que os que guardastes são sem proveito para vós, funestos aos vossos semelhantes.

Um doutor de vinte e três anos! O que querem que ele se torne com os seus cabelos sem pó e o seu queixo sem barba? que vá plantar a sua tenda na sua terra natal? Eh! os seus compatriotas, que o julgam ainda no colégio porque o viram há pouco no braço da sua ama, guardar-se-ão, com razão, de lhe confiar a sua vida. Ah! se ele pudesse envelhecer-se! Mas não, é preciso esperar; esperar que os seus cabelos encaneçam e que as rugas da sua testa marquem a sua experiência. E se ele morrer até lá de desgosto e de miséria?... oh! a túnica, devolvei-lhe a túnica, a longa bengala e a peruca; a peruca ao menos, que dava tudo de uma vez: a idade, o talento, a experiência e o valor que se lhe atribui.

Protesto que a este respeito falo seriamente: quanto menos valor real têm as coisas, tanto mais importa dar-lhes um valor aparente. A profissão de médico tinha, pois, necessidade de um símbolo.

Assim, sustento-o com a mais inteira convicção, foi abjurando as suas velhas insígnias que o corpo médico provocou o estado de sofrimento ao qual procura em vão um remédio, e a aflitiva aflição que não consegue sequer esconder.

Sei bem que, na falta do antigo fato magistral, o neófito, ao estrear-se, supre-o por uma postura séria e pelos grandes ares do ofício. Adota a gravata branca, o tom sentencioso e óculos, com o risco de se tornar míope.

Mas apesar de todos os seus esforços, os doentes não vêm depressa, e se, para liquidar o preço das suas inscrições, dos seus exames, da sua tese, etc., etc., consumiu até ao último vintém o

produto da propriedade paterna que se viu forçado a vender, oh! compadeço-me dele de toda a minha alma.

Mas por que estas lamentações sobre a sorte dos médicos? Alas! é que ao procurar reunir no fundo do tempo e das minhas recordações todos os elementos do meu destino, tremo de perceber nas misérias que acabo de descrever uma das causas distantes do desvio que ele sofreu.

Sem dúvida nunca fui reduzido às duras necessidades de que falava ainda há pouco. Sem ser rico, podia esperar. Mas o enfado é quase tão duro de suportar como a miséria, e, na província, o enfado ganhou-me.

Portanto, um belo dia, vendi com prejuízo o meu cavalo e a minha carruagem; meti o dinheiro na minha mala entre duas dúzias de camisas, e tomei de novo o caminho de Paris.

Quão longe estava de prever as tribulações que ali me esperavam!

Durante os dois anos da minha permanência na província, tinha-me entregue a estudos especiais sobre vários pontos de patologia, e nomeadamente sobre as causas e a natureza essencial da Gota, doença muito comum em Franche-Comté, onde abundam o bom vinho, a boa mesa e os comilões. Desde os primeiros tempos da minha instalação em Paris, publiquei estas investigações num folheto que teve algum sucesso.

Os jornais de medicina deram conta com elogio deste opúsculo que me valeu alguns doentes, e encontrei-me, sem nisso ter pensado muito, médico especialista.

Encorajado por esta estreia, dirigi todos os meus esforços para o tratamento da Gota, e, no ano seguinte, publiquei no jornal *O Esculápio* uma exposição sumária dos processos terapêuticos que empregava com sucesso.

Declaro-o francamente, ingenuamente, creio ter descoberto o melhor meio que existe para curar a gota.

Fiz a dez doentes apenas a aplicação deste meio; sobre os dez, três estavam paralisados das pernas há vários anos; todos recobraram uma saúde perfeita.

Indiscutivelmente, nas mãos de um homem hábil, esta descoberta teria sido uma mina de ouro: não tirei dela um escudo.

Como se faz que se não tenha encontrado algum industrial para recolher o meu segredo, apropriar-se dele e explorá-lo? Confiava-o contudo a quem o queria ouvir.

No meu folheto sobre a gota, tinha anunciado ao público um *Tratado das Afeções Reumáticas*, obra considerável para a qual recolhi vários maços de notas e de observações de que é quase certo hoje que não farei nenhum uso.

Mas no começo de 1839, fundava sobre esta obra toda a minha reputação futura, e trabalhava nela com ardor.

Propunha-me sobretudo bater ali em brecha o método dito degolador; método bárbaro que consiste em deixar os doentes exangues e mata dez para curar um.

Teria demonstrado até à evidência que, longe de ser novo, este método expedito de que duas das nossas celebridades contemporâneas disputam a invenção era simplesmente o do famoso Hecquet, tão jocosamente escarnecido por Lesage na personagem de Sangrado.

Foi o atrativo imprevisto que me ofereceu o estudo do magnetismo que desorganizou todos os meus projetos.

Magnetismo! magnetismo maldito!...

Mas estava então escrito, Jacques Albin, que serias o piloto desacertado que quebraria a minha barca sobre este rochedo onde exclamei loucamente como Ájax: Abordarei apesar dos deuses!

Ver-se-á aliás proximamente como no próprio facto do meu novo encontro com o meu amigo a minha razão foi quase forçada a reconhecer uma primeira prova da existência do magnetismo.

V

O barão de Goursac

Um dia do mês de setembro de 1839 (não ousaria precisar melhor a data) o Sr. Silvestre, Pinheiro-Ferreira, antigo ministro de Portugal, o falecido doutor Frapart, as senhoras Lourd..., a senhora condessa de K... e a mademoiselle Adolphine de K..., sua filha, finalmente o Sr. de Beaur..., ex-jornalista, e Edouard Le Carpentier, meu bom amigo, tinham-se, a meu convite da véspera, reunido em minha casa, na rua Sainte-Marguerite, com o efeito de ali serem testemunhas de experiências magnéticas.

Quais deviam ser estas experiências? Ignorava-o completamente.

Mas por que fantasia, ou antes, por que combinação de circunstâncias me ia encontrar de novo em presença deste magnetismo, de que até então só tinha apreendido o lado ridículo e de que teria tido tanto prazer em me troçar toda a minha vida?

O acaso é uma palavra infeliz inventada pela preguiça em negação de todos os sistemas: o acaso não explica nada. Não foi portanto ele que me conduziu, como outros teriam dito em meu lugar, às crenças científicas que professei até ao presente.

O acaso! um efeito sem causa ou uma causa sem efeito!... Não, não, nunca crerei nisso, e, até prova em contrário, permanecerei convencido:

Ou bem que os nossos destinos estão escritos de antemão, como pensam os Turcos, nos registos dos decretos celestes;

Ou bem, o que é ainda mais provável, que estão confiados a esses demónios de que fala Tertuliano na *Apologética*.

Ora, foi indiscutivelmente um desses demónios (o menos avisado e o menos mau de todos, é verdade, pois quero ser justo mesmo para com os demónios) que me fez fazer a conhecimento do Sr. barão Jules de Goursac.

O Sr. barão de Goursac era um dos dez doentes que eu tinha curado da gota.

Era um homem de cinquenta a cinquenta e dois anos, embora só confessasse quarenta e cinco, gordo, baixo, ágil, gesticulando como um carniceiro de Marselha, embora fosse borgonhês, caminhando

depressa, a cabeça alta, o ar atarefado, e falando ainda mais depressa do que caminhava.

Tinha a testa fugidia, as sobrancelhas tufadas, os olhos redondos e penetrantes, a pele do rosto marcada de varíola.

O Sr. de Goursac vestia-se com pretensão: não me recordo de o ter visto, mesmo na sua cama, sem brilhantes nos dedos e sem folho na camisa. Finalmente, barbeava-se pontualmente todas as manhãs: criteriosa precaução sem a qual a cor equívoca da sua barba grisalha teria bizarramente contrastado com o negro ainda mais equívoco dos seus cabelos.

O Sr. de Goursac, embora se picasse de uma certa erudição, não era um homem universal: nunca lhe conheci senão dois assuntos de conversação: a gota e o magnetismo.

Mas se falava de uma com horror, falava do outro com amor.

O magnetismo apaixonava-o além de toda a expressão.

Quando uma vez principiava este capítulo, a sua cabeça exaltava-se; falava, raciocinava, desvariava e gritava, a ponto de inquietar os seus interlocutores sobre a integridade do seu bom senso.

E notai que em tal caso não havia outro partido a tomar senão o de se calar e de o escutar; pois era tão pouco de pensar em interrompê-lo que se, ao mesmo tempo que perorava, vinha a assoar-se, fazia-vos sinal com a mão esquerda para não tomar a palavra.

Apressemo-nos aliás a adicionar que o Sr. barão de Goursac resgatava por qualidades preciosas uma boa parte dos seus ridículos.

Era no fundo um homem de coração, afetivo e prestável, conivente, tive disso provas, de uma multidão de aventureiros que exploravam a sua credulidade; mas noite e dia pronto a voar em socorro dos desgraçados.

O Sr. de Goursac já não existe: morreu em 1843, num pequeno castelo que possuía perto de Joigny.

Que a eternidade lhe seja leve!

Segundo o que acabo de escrever do seu caráter, dos seus hábitos e da natureza das minhas relações com ele, ser-me-ia supérfluo explicar como ele veio a abrir-se comigo sobre as suas convicções favoritas e a empreender fazer-me partilhá-las.

— Será dos nossos, dizia-me ele um dia, será dos nossos, garanto-lho, e sou eu que me encarrego de o convencer. Ah! doutor, se soubesse que sujeito sublime é o magnetismo quando se compreende como eu o compreendo! Mas para o praticar é preciso caridade, é preciso o amor do próximo. E eis justamente por que os Srs. médicos, que mal conhecem outro próximo além daquele que extorquem...

— Ah! barão, é ingrato!

— Não, doutor, eu excetuo-o, e sabe-o bem.

Depois, mudando de tom de repente, isto é, baixando o verbo e elevando o diapasão de maneira a falar quase em voz de cabeça:

— Compreende que desde há um ano tenha feito vinte sonâmbulas? Sim, doutor, vinte sonâmbulas!... Ah! é que a natureza dotou-me de um fluido!... Olhe, toque na minha mão. É o fogo, é a chama... Sente-o, não é verdade?

— Sinto que em efeito tem calor nos dedos; mas diga-me, sem parábola, o que é, segundo o senhor, o fluido?

— O fluido, doutor!... é a força, é a vida, é a alma, é o sopro do criador, é Deus ele mesmo, é tudo!

E o Sr. de Goursac, ao debitar estas folias num tom de energúmeno, dava-se uma ação que acabava por injetar de sangue os seus pequenos olhos cinzentos, ao ponto de os fazer enrubescer como os de um albino.

Acalmou-se contudo e tomou de novo quase naturalmente:

— Escute, caro doutor, já que graças aos seus bons cuidados posso agora servir-me das minhas duas pernas, quero fazer-lhe antes de três dias a minha visita de agradecimento.

— Será bem-vindo, caro barão.

— É demasiado amável para que disso duvide; mas a fim de ter ainda mais direito ao bom acolhimento que me quer prometer... não é sozinho que irei a sua casa. — Ah! veja bem, faço questão: um homem como o senhor deve conhecer o magnetismo. — Ora, visto que tenho à minha discrição a última sonâmbula que fiz... uma pérola sob certos aspetos, sim, doutor, uma pérola, é preciso que a veja em ação.

— Oh! então, senhor barão, permita que, do meu lado, não esteja sozinho para o receber.

— Como não! tenha em sua casa, se lhe parece bem, todas as Academias. Quanto mais loucos mais se ri, como diz a canção, e nem o magnetismo, nem eu, graças a Deus! tememos as testemunhas. Depois de amanhã, às três horas precisas, doutor, verá quem somos. Mas fixo a hora e o dia sem lhe perguntar se lhe convêm?...

— Convêm-me às mil maravilhas, barão, e tomo nota disso.

— Até logo pois, doutor.

— Uma palavra ainda, peço-lhe.

E o Sr. de Goursac aproximando-se de mim, disse-lhe, muito baixo para o não comprometer:

— Como se faz, caro barão, que sendo o magnetismo, para todas as doenças, um meio curativo tão eficaz, tenha tido necessidade, apesar das suas vinte sonâmbulas, de recorrer a mim para a sua gota?

— Depois de amanhã, doutor, depois de amanhã, fez o Sr. de Goursac, respondendo indiretamente (muito indiretamente) à minha pergunta e num tom misterioso que talvez significava: até que tenha visto, inútil discutir.

Entre as pessoas convidadas para a sessão de que o Sr. barão de Goursac devia ser o herói, várias criam firmemente no magnetismo, eram Frapart e as senhoras Lourd...; outras criam a meio, eram o Sr. Pinheiro e as senhoras de K...; Le Carpentier e eu não críamos ainda, finalmente o Sr. de Beaur... recusava-se obstinadamente e apesar de tudo a crer nisso, o que da sua parte era lógico, visto que na sua qualidade de jornalista nunca tinha crido em nada.

Seja como for, este areópago não tinha nada, como se vê, de demasiado hostil aos prodígios de que o Sr. de Goursac nos devia regalar, visto que, em todo o caso, este último estava quase seguro de antemão da maioria dos sufrágios.

Mas esteve quase a alienar uma parte das boas disposições em que estávamos geralmente a seu respeito, tendo a culpa de se fazer esperar.

Apesar da sua promessa formal de estar em minha casa às três horas precisas, às três horas e vinte minutos não tinha vindo ainda.

Por isso Frapart, cuja pontualidade teria merecido tornar-se proverbial, tinha já tirado três vezes do seu bolso a grande relógio de prata sobre a qual se regulavam tão bem todos os atos do nosso amigo que ao parar essa relógio teria infalivelmente causado uma perturbação na sua vida.

À primeira vez, tinha feito uma careta; à segunda tinha resmungado algumas palavras ininteligíveis; mas à terceira, levantou-se e disse em voz alta, sem misericórdia:

— O seu Sr. Goursac (Frapart não compreendia o sentido da partícula *de* diante dos nomes próprios), o seu Sr. Goursac é um homem sem palavra. Livre seja ele de desperdiçar o seu tempo, mas que diabo! o nosso é precioso.

Apenas o austero homeopata tinha acabado a sua frase quando passos precipitados na antecâmara sucederam ao ruído da campainha, e se anunciou para a maior satisfação de todos:

O senhor barão de Goursac e a mademoiselle Stéphanie Dauruc.

O Sr. de Goursac estava radioso. O seu fato negro parecia sair no próprio instante do atelier de Staub. A sua gravata, o seu folho e os seus punhos estavam tão engomados como o espírito do Sr. Dubois (d'Amiens).

Mas já demos a conhecer o magnetizador, tentemos descrever a sonâmbula.

Mademoiselle Stéphanie Dauruc, a pérola de que o Sr. de Goursac me tinha falado anteontem, justificava bastante mal ao primeiro impacto esta metafórica qualificação.

Era uma rapariga grande de vinte e sete a vinte e oito anos, seca, chata, amarela, esquisita e tesada.

O seu traje concordava às mil maravilhas com a sua fisionomia.

Um vestido de florêncio, de um negro duvidoso, flácido, gasto, roído, testemunhava pela sua amplitude exagerada que não tinha sido cortado à sua medida, mas harmonizava-se passavelmente com o seu xaile de flanela liso e o seu chapéu de castor, pretensiosamente ornamentado com uma coroa de bolotas de carvalho.

Finalmente, botins de cotim cinzento e luvas de rede, que o rigor precoce da estação parecia acusar de anacronismo, completavam a *toilette* da nossa pitonisa.

É preciso convir que se, para o momento, estávamos quase no direito de ver nesta rapariga uma encarnação viva do magnetismo, o Sr. de Goursac comprometia a sua causa mostrando-nos esse magnetismo tão delapidado.

Pela minha parte senti vagamente que, embora não houvesse nenhuma relação entre o guarda-roupa de mademoiselle Dauruc e a sua lucidez, o que víamos daquele nos tornava quase apesar de nós mais exigentes sobre o que íamos ver da outra.

Quanto ao Sr. de Goursac, estava demasiado acima destas mesquinhas impressões para ter pensado em ter conta delas.

Entra com um ar orgulhoso e deliberado, avançando do meu lado para me pegar nas duas mãos, lançando de direita e de esquerda descargas de cortesia, inclinando-se muito baixo diante das senhoras e desculpando-se humildemente junto de todos do atraso involuntário que sofreu a sua presença.

— Minhas senhoras e meus senhores, diz ele, visto que tive muito apesar de mim a desgraça de me fazer esperar, não percam mais nem um segundo. Peço-lhe, doutor, um cadeirão para a menina.

Toda a gente levantando-se ao mesmo tempo para responder a este convite que só me dizia respeito a mim sozinho, resulta disso um momento de tumulto durante o qual a mademoiselle Stéphanie se desembaraça do seu chapéu e do seu xaile, e vem depois sentar-se com a rigidez de uma boneca de molas no grande cadeirão que lhe fizeram rolar para o meio do salão.

Logo o calma se restabelece.

O Sr. de Goursac, o jarrete tenso, o torso rígido, o olhar fixo, a cabeça um pouco inclinada à esquerda, exala por todos os poros o profeta inspirado: diriam dele, segundo o grau de imaginação de que vos dotou a natureza, ou Josué ordenando ao sol que suspenda o seu curso, ou o nosso bravo Marcillet adormecendo Alexis.

O fluido incomparável que se escapa das suas pupilas, sem precisamente incendiar ninguém, parece contudo provocar no sistema nervoso, sem dúvida muito impressionável, de mademoiselle Stéphanie, fenómenos muito insólitos.

Ela estica-se, boceja, torce os braços, treme como uma *quakeresse (NT: Vestuário austeros dos quacres.)*

Noto particularmente que as suas mandíbulas, agitadas por uma espécie de trismo, menos gracioso do que surpreendente, se entrechocam com uma rapidez que, por falta de hábito talvez, nunca pude atingir.

Finalmente, após dois ou três sobressaltos violentos mas pouco probantes, pois nada no mundo seria mais fácil do que imitá-los, permanece sem movimento e o Sr. de Goursac declara-a adormecida.

Dito isto, o Sr. barão, que parece cheio de reminiscências heroicas, cruza as mãos atrás das costas à maneira de Bonaparte, e fica assim como que absorvido numa profunda meditação.

Habituado como estou à sua fraseologia redundante e prolixa, tremo que ele se julgue na obrigação de fazer preceder as suas experiências de uma improvisação sobre o estado atual da ciência. Por isso, o caçador dos Alpes, ameaçado por uma avalanche, não põe mais precaução no seu andar para não abalar o solo do que a que pus ao abordar o nosso pensativo magnetizador com esta frase meticulosa:

— Senhor barão, estas senhoras estão impacientes por ver...

— Minhas senhoras e meus senhores, exclama o Sr. de Goursac sem me responder, e, tomando (o que só justifica demasiado as minhas apreensões) a pose oratória do cabo Trim lendo o sermão de Falstaff, minhas senhoras e meus senhores, o fenómeno de que ides ser testemunhas é um dos mais curiosos, dos mais raros, e ao mesmo tempo dos mais perentórios que seja possível observar. Não se trata aqui nem de catalepsia, nem da rigidez tetânica, nem da insensibilidade, nem da visão através dos corpos opacos, nem da vista à distância, nem do êxtase...

— Eh! justo céu! pensava eu, se este diabo de homem fez para si um dever de enumerar todas as coisas de que se não trata, não estamos perto de estar aviados!

Felizmente o Sr. de Goursac, cessando finalmente de proceder por exclusão, continuou nestes termos:

— Todas estas maravilhas, indiscutivelmente, são do mais alto interesse; mas afinal tereis cem vezes, mil vezes a ocasião de as constatar, ao passo que o praticante encontra a custo uma ou duas vezes no decurso de uma longa carreira a prodigiosa anomalia que vamos ter a honra de oferecer à vossa observação: esta interessante jovem, no estado em que a vedes, ouve pelo epigástrio.

— Ah! uma transposição de sentidos... disse negligentemente a senhora Lourd..., como mulher há muito habituada a parecidos prodígios.

— Nunca tinha ouvido falar, faz muito baixo o Sr. de Beaur... ao Sr. Pinheiro, deste nascer de orelhas na barriga.

Quanto ao doutor Frapart, cuja fisionomia observo, abre ao mesmo tempo uma grande boca e grandes olhos assustados, depois, passando duas ou três vezes as mãos pelos seus cabelos grisalhos desgrenhados, tira um bloco de notas do bolso e, cruzando as pernas de maneira a fazer uma mesa do seu joelho esquerdo, dispõe-se a escrever religiosamente o que vai passar-se.

A indução natural que tiro desta pantomima é que o fenómeno anunciado pelo Sr. de Goursac é digno de toda a minha atenção.

O Sr. de Goursac continua:

— O que há talvez, minhas senhoras e meus senhores, de mais surpreendente nesta anomalia é que ela se produz à minha vontade, isto é, conforme me apraz concentrar o meu fluido no epigástrio do sujeito, ou reportá-lo à sua cabeça.

— Neste último caso, diz o Sr. de Beaur..., o seu sujeito ouve sem dúvida por meio das suas orelhas, ao passo que no caso contrário?..

O sorriso trocista do Sr. de Beaur... completa para mim o seu pensamento, tão pouco compreendido do magnetizador que este se abstém de responder de outro modo que não por um sinal de cabeça afirmativo.

O Sr. de Beaur... acabava de conceber contra a pretendida audição epigástrica uma invencível objeção.

Em efeito, tinha dito para si, e eu dizia para mim após ele: como seria possível demonstrar que esta rapariga ouve pelo epigástrio e só ouve pelo epigástrio? Se, ainda, se não tratasse, como na extática de Pététin, senão de um fenómeno de visão pelo estômago, por mais incrível, por mais impossível que fosse esse fenómeno, haveria contudo meio de nos obrigar a crer nele. Pois afinal, se esta interessante jovem, como diz o Sr. de Goursac, lesse num livro fechado que eu próprio lhe aplicaria sobre as falsas costelas, força me seria bem convir que ela ali vê por essa região. Mas no caso presente, o mais crédulo dos mortais, a menos que seja absolutamente inepto, teria sempre o direito de se perguntar se a sonâmbula não ouve com as suas orelhas o que se lhe diz ao epigástrio...

Diabo! isto começa mal.

Falem-me de gente convencida!

A demonstração do fenómeno suspeito de que se trata é tão simples para o nosso magnetizador como dois e dois são quatro.

Ei-lo portanto a concentrar imperturbavelmente o seu fluido no estômago da rapariga Dauruc, que aparentemente julga do seu dever testemunhar por novas caretas que é sensível a esta operação.

— Que ignóbil fisionomia tem a interessante jovem! diz-me Edouard aproximando-se de mim.

— Fale portanto mais baixo, imprudente!

— Oh! estou tão longe da sua barriga!...

— E as orelhas do Barão?

— O facto é que são de tamanho! mas ele está todo no seu trabalho. Não lhe perguntará em que prostíbulo vai ele pescar as suas sonâmbulas?... é de fazer ganhar nojo ao magnetismo.

Estando a operação concluída, o Sr. de Goursac diz-nos:

— Como compreenderão sem pena, senhores, e também as senhoras, a resolução do nosso problema reduz-se a dois pontos, em outras palavras, a provar duas coisas: A primeira, que esta jovem já não ouve pelas orelhas; a segunda, que ela ouve pela região epigástrica. Ora, abordemos o primeiro ponto: — Ouve-me, Stéphanie? diz ele numa voz bastante forte, ao ouvido da pretendida adormecida. — Se me ouve, Stéphanie, ordeno-lhe que me responda.

E Stéphanie não responde.

— Vêm-no, senhores, diz então o Sr. de Goursac voltando-se de um lado e de outro com um ar muito contente de si, a audição pelas orelhas já não existe nesta rapariga.

— É verdade! dizem as senhoras (as senhoras de K... com um espanto irrefletido, as senhoras Lourd... sem o menor espanto).

— É incontestável, faz o Sr. de Beaur..., encolhendo os ombros desde que está seguro de não ser visto pelo magnetizador.

— É evidente, evidente, da última evidência, adiciona Le Carpentier, acompanhando as suas palavras com um dos seus finos sorrisos em cujo segredo só eu estou; sorrisos tão graciosos que é preciso ter-se estudado a expressão para lhes descobrir a malícia.

O Sr. Pinheiro Ferreira, velho amável e de uma benevolência extrema, abana impercetivelmente a cabeça em sinal de dúvida.

Mas quanto a Frapart... Oh! Frapart era soberbo em parecidas circunstâncias! Os seus dois lábios alongam-se, os seus dois olhos

arredondam-se, dá um pulo na sua cadeira; depois, metendo com mau humor o seu bloco de notas no bolso, afeta testemunhar pelo seu gesto e pela sua pose que pouco se lhe dá doravante do auto-verbal de uma parecida sessão.

Mais ainda: como percebe que me disponho a fazer ao Sr. de Goursac algumas objeções que ele adivinha, interpela-me energicamente pelo meu nome fazendo-me sinal para me abster. Como ignoro as suas razões, cedo ao seu desejo, de tal sorte que o nosso caro barão, julgando-se seguro de uma aprovação unânime, prossegue intrepidamente o curso da sua demonstração.

— Assim, senhores, diz ele, eis-nos bem elucidados sobre a primeira parte da experiência, passemos de seguida à segunda e a questão estará resolvida; pois, afinal, senhores, por mais que se diga, os factos são factos, isto é, argumentos sem réplica, e contra os quais a incredulidade e a má-fé hão de definhar sempre.

Após este belo movimento oratório, o Sr. barão de Goursac, aproximando-se da sua sonâmbula, ajoelha-se aos seus pés sobre o tapete, depois, fazendo das suas duas mãos uma espécie de porta-voz, diz-lhe na cova do estômago, baixando um pouco o tom, mas bastante alto contudo para que toda a gente possa ouvi-lo:

— Ouve-me, Stéphanie?

— Como, senhor? faz a velhaca afetando estremecer.

— Pergunto-lhe, Stéphanie, se me ouve?

— Certamente, senhor, que o ouço.

— E como me ouve?

— Com o meu estômago.

— Ora bem, senhores?... Ora bem, senhoras?...

— É maravilhoso! exclamam as senhoras!

— Oh! maravilhoso! repete o Sr. de Beaur..., rindo com a sua gargalhada mais grossa.

— Com que descaramento mente aquela canalha! diz-me Le Carpentier ao ouvido.

Depois, aproximando-se do Sr. de Goursac com uma naturalidade perfeita:

— Como se faz, senhor barão, que não solicite dos corpos sábios um exame oficial de um parecido sujeito?

— Ah! senhor, as academias!...

— Sim, são hostis ao magnetismo.

— Não imagina até onde vão as suas prevenções!

— Muito bem... mas tem aí com que as confundir, não é verdade, Frapart? não é verdade, Senhores?

E o meu malicioso amigo, para se ajudar a conservar o seu sério, aspirava indefinidamente uma pitada de tabaco da Virgínia.

— Não, não, não, fez com fogo o Sr. de Goursac, as academias são injustas de caso pensado, e nada as poderia convencer. Mostram-se aliás a respeito do magnetismo o que se mostraram a respeito de todas as grandes descobertas. Vede Harvey, vede Jenner, vede Fulton, vede Gall e tantos outros... As academias tratar-me-iam como trataram esses grandes homens; mas continuemos, senhores.

E o Sr. de Goursac, interiormente consolado pela recordação de tantos génios incompreendidos e perseguidos, volta a pôr-se impassivelmente a magnetizar a mademoiselle Stéphanie, ao redor da qual se apressam as senhoras, enquanto Frapart, de olhos esbugalhados e rosto vermelho de indignação, me faz sinal para o ir juntar ao vão da janela onde se instalou.

— Quem é aquele homem? faz-me ele bruscamente, desde que estou ao alcance de o ouvir.

— Eh! qual?

— Esse magnetizador.

— O Sr. barão de Goursac; eis, se conto bem, meu caro Frapart, a quinta vez que lho digo.

— Eh! não me entende, o que faz ele?

— Milagres, bem o vê.

— Sim, belos milagres, em verdade! e faço-lhe os meus cumprimentos por isso. Mas qual é a sua profissão?

— Magnetizador.

— Ora!

— Não lhe conheço outra.

— Pois bem, meu caro, tenha por dito (e Frapart falava-me com essa acentuação enérgica e essa mímica expressiva que não puderam esquecer aqueles que o conheceram), tenha por dito que o seu barão de Goursac é um louco e a sua sonâmbula uma trapaceira.

— Verdadeiramente! faço eu a sorrir e sem conseguir simular surpresa!

— Sim, sim, e tenha ainda por dito que são parecidos saltimbancos que estragam a causa do magnetismo.

— Eh! doutor, disse Le Carpentier que se tinha acabado de aproximar, e que tinha ouvido as últimas palavras saídas da boca de Frapart, como trata os seus congéneres!

— Os meus congéneres! os meus congéneres! eu o congénere dessa gente!... ah! por Deus! ensinar-lhes-ei a viver. Adeus, Senhores, adeus.

— Quê! já?... deixa-nos?

— Eh! o que quer que eu faça aqui?

— Ah! ora essa, mas diga lá, Frapart, faz Le Carpentier, arma connosco em académico?

— Não, pela minha fé, não sou tão tolo!

— Então, fique.

— Com aquela gente?... É mais forte do que eu: dão-me cabo dos nervos. Creia-me, meu amigo, não os receba mais em sua casa, pois comprometê-lo-iam.

E, feita esta recomendação, o bom Frapart esgueirou-se, sem que ninguém notasse a sua partida, de tal modo no momento o Sr. de Goursac e a sua sonâmbula cativavam a atenção.

É que em efeito, se as experiências eram atraentes para as pessoas que tinham a ingenuidade de crer nela, o magnetizador era por si mesmo muito divertido para aquelas que não criam.

Verdadeiro Dom Quixote da fé magnética, o Sr. de Goursac tinha justamente bastante espírito para fazer extravagâncias, e justamente bastante candura para se não dar conta disso.

A sua própria vaidade (pois tinha-a) não era, como a do herói da Mancha, senão um efeito da sua convicção.

Mas, quando ele teve finalmente saboreado suficientemente essa ambrosia dos elogios que cada um de nós fazia por dever ou por divertimento oferecer-lhe à vez, anunciou-nos que ia devolver definitivamente as suas orelhas à mademoiselle Stéphanie Dauruc, e terminar a sessão por algumas apreciações frenológicas, género de experiências no qual, assegurou-nos, se sobressaía a sonâmbula.

— Minhas senhoras e meus senhores, adicionou ficando fiel a esta inversão galante da fórmula usada pelos mercadores de orvietão, minhas senhoras e meus senhores, eis em que consistem as experiências sobre as quais tenho a honra de chamar a vossa atenção:

Ao tocar ligeiramente na cabeça das pessoas que quiserem sujeitar-se a esta prova, a sonâmbula definirá instantaneamente o seu caráter, ou pelo menos assinalará as suas faculdades mais salientes.

— Esta menina, perguntou timidamente o Sr. Pinheiro, fez um estudo particular da frenologia?

— De modo algum, senhor, respondeu o Sr. de Goursac, e é nisso justamente que o facto é maravilhoso.

— Exceto a gramática, fez dogmaticamente Le Carpentier, as sonâmbulas sabem tudo, sem ter aprendido nada.

Quanto a mim, confesso que não obstante a explicação do Sr. de Goursac não compreendia muito bem que relação havia entre a frenologia e a lucidez das sonâmbulas, e como era indispensável à mademoiselle Stéphanie Dauruc ser dotada de segunda vista para se entregar a um exame que o mais modesto dos discípulos de Gall não teria hesitado em fazer de olhos vendados.

Do mesmo modo, sem o receio de provocar uma discussão fastidiosa para as senhoras, e certamente ociosa para toda a gente, ter-me-ia arriscado a submeter o mais humildemente possível esta reflexão ao Sr. de Goursac.

Mas, em verdade, teria tido grande culpa em perturbar por objeções intempestivas o interlúdio divertido que nos reservava a frenologia.

Mademoiselle Dauruc superou-se ali; foi admirável de descaramento.

Alongando imperturbavelmente os seus longos feios dedos ósseos sobre o crânio de cada um de nós, encontrava a um a protuberância da alegria, a outro a da tristeza, ao Sr. Pinheiro a da música, à mademoiselle de K. a do amor filial, à senhora de K. a do amor maternal, a Le Carpentier a do cálculo (de que ele mal faz uso), a toda a gente afinal, façamos-lhe essa justiça, qualidades sem defeitos.

Contudo, como ao fim de uma meia hora a nossa deitadora de cartas, em desfavor dos seus cumprimentos e da sua sagacidade, acabava por se tornar de uma insípida monotonia, o Sr. de Goursac acordou-a.

— Meu Deus! como esta rapariga é estúpida! disse confidencialmente o Sr. de Beaur... a Le Carpentier.

— Que quer? respondeu o meu amigo com a sua inimitável bononomia, assegura-se que as sonâmbulas só têm o espírito do seu magnetizador...

Um incidente imprevisto e que devia pôr o cúmulo ao triunfo do Sr. de Goursac devia em breve ao mesmo tempo desmentir este adágio; mas este incidente tem demasiada importância para não fazer exclusivamente o assunto de um capítulo.

VI

A vinte e vigésima primeira

sonâmbula do Sr. barão de Goursac

É preciso convir que se durante muito tempo o magnetismo não foi para mim senão uma ridícula impostura, foi um pouco por culpa dos magnetizadores que empreenderam ensinar-mo. Como em efeito teria eu podido tomar a sério cenas grotescas, tais como as que descrevi no capítulo precedente?

É verdade que a justiça me impunha a obrigação de não olhar no máximo para esta última senão como um facto negativo, isto é, não provando nem a favor nem contra, visto que afinal essa cena tinha revoltado o próprio Frapart, de quem conhecia contudo as convicções afirmativas.

Mas a autoridade de Frapart bastava para me fazer crer em fenómenos de que não tinha sido testemunha, e que me pareciam impossíveis?

Por um lado, não estando ainda com Frapart nos termos de intimidade que nos uniram na continuação, não o conhecia o suficiente para apreciar ao certo o valor do seu testemunho. Por outro lado, se ele era já para mim um homem de inteligência, parecia-me acima de tudo um homem de imaginação, de tal modo que, sem suspeitar da sua probidade científica, estava no direito de recear que a respeito do magnetismo ele se tivesse deixado enganar.

O seu gosto ardente pelas novidades confirmava-me nesta hipótese.

Frapart, cuja testa, como dizia um jornal, levava sem vacilar a tripla coroa de homeopata, de frenologista e de magnetizador, Frapart juntaria bem a essa rigorosa potência de dedução que lhe via mostrar algumas vezes essa impassibilidade de espírito que reclama a observação dos factos novos, e sobretudo essa sábia desconfiança que nos previne contra as trapaças?...

Coisa estranha! A franqueza quase selvagem do meu amigo, essa lealdade meticulosa que ele levava até à candura, esse santo horror, afinal, que professava pela mentira, eram outras tantas razões que, no meu julgamento, diminuíam o peso do seu.

Quanto mais os homens são honestos, dizia para mim, tanto mais são fáceis de enganar. Ora, Frapart, em quem quase nada até então me

tinha revelado essas preciosas qualidades de espírito de que o inflexível lógico deu prova, dois anos depois, nas suas *Cartas sobre o somnambulismo*, Frapart não era ainda aos meus olhos senão o homem honesto por excelência.

Quanto aos meus outros amigos, partilhavam as minhas dúvidas, que a audição epigástrica de mademoiselle Dauruc não era muito mais do que as suas apreciações frenológicas de natureza a dissipar.

Indiscutivelmente, em boa lógica, e quando se trata somente de uma questão de possibilidade, os factos negativos não provam nada contra os factos positivos; mas em desfavor do raciocínio, eles inspiram a desconfiança, e algumas vezes parecidas prevenções que, em presença mesmo da evidência, tememos ainda ser enganados.

Eis, não o saberia duvidar, a verdadeira razão da incredulidade quase geral que acolhe ainda o magnetismo, apesar dos factos irrefutáveis que produz diariamente.

Para os homens prevenidos, isto é, tendo com razão ou sem ela a consciência de ter sido ludibriados, já não há factos positivos, do mesmo modo que para os entusiastas não há factos negativos.

Isto reconduz-me quase involuntariamente ao Sr. barão de Goursac que, na sua vida magnética, crer-se-á sem pena, devia encontrar muito raramente uma ocasião de duvidar; pois sem ser precisamente louco, sem ser mesmo precisamente tolo, levava, como se viu, o entusiasmo até ao delírio.

Mas, respeito aos mortos! O Sr. de Goursac já não existe.

Oh! o que foi feito, caro barão, na vossa última hora, desse fluido incomparável que, dizíeis, era a vossa alma? O magnetismo desempenha um papel na beatitude dos eleitos?

Se assim é, e se levamos para o outro mundo as aptidões e as paixões que nos dominam neste, com que ebriez não devestes encontrar nas celestes regiões as célebres extáticas cuja história, quando estáveis entre nós, vos preocupava tão vividamente!

Sócrates, as pítias, Cardano, Joana d'Arc, Savonarola, Campanella, estão no céu convosco? Desejo-o por vós e por eles.

Mas mesmo que tivésseis à hora em que estamos de magnetizar a própria santa Teresa aos pés do Eterno, e maravilhar todos os santos com a sua lucidez, estou convencido de que a vossa felicidade não excede a de quando vos vi ao fim da sessão que vos tinha trazido a minha casa, e de que me resta atualmente contar a última e a mais gloriosa parte.

Para proceder com método, voltemos primeiro, por muito arrojada que seja a transição, de santa Teresa a mademoiselle Dauruc.

Esta última, que o seu magnetizador acaba de acordar (julga-o ele pelo menos), experimenta ou afeta experimentar durante alguns minutos uma espécie de apatia que não contribui para a tornar interessante.

Depois, julgando a propósito reassegurar o seu porte, volta a pôr o seu chapéu e o seu xaile, afinal pede ao Sr. de Goursac a permissão de se retirar, permissão que lhe é concedida com a aprovação dos assistentes.

Contudo, creio perceber que se as senhoras estão convencidas (tinham posto nisso muita boa vontade), não estão satisfeitas. Em outras palavras, o que viram dá-lhes o desejo de ver mais ainda, ou se se quiser, de ver outra coisa.

Uma delas, a senhora Lourd..., expressa-me mesmo esse desejo, que na minha qualidade de anfitrião devotado ao prazer dos seus hóspedes me apresso a transmitir ao Sr. de Goursac.

— Senhor barão, digo-lhe eu, pensa que seja possível magnetizar toda a gente?

— Sim e não, responde ele; é sim, se por magnetizar entende produzir um efeito qualquer por meio das passagens e da vontade; é não, se por magnetizar entende adormecer.

— Desafiaria bem a quem quer que fosse a magnetizar-me neste último sentido, diz orgulhosamente o Sr. de Beaur...

— E eu, senhor barão, sou passível de ser adormecido? diz Le Carpentier.

— O senhor, talvez bem. Tem no olhar um não sei quê de langoroso...

— Oh! experimente, experimente, senhor barão, fazem todas as senhoras em coro.

— Com muito gosto, minhas senhoras, mas ainda é preciso que o senhor se preste a isso.

— Seja por isso, diz o meu amigo, instalando-se no grande cadeirão deixado vago pela rapariga Dauruc, estou sempre à discrição das senhoras.

— Seja. Mas notai, minhas senhoras, que isto pode ser longo. Não é que me sinta cansado. Oh! o meu fluido é de uma riqueza que me torna infatigável. Mas afinal é raro que se adormeça um sujeito na primeira sessão. Ao demais, vamos ver... sobretudo, Senhor, nada de resistência.

— Oh! senhor, diz Le Carpentier, alongando-se no seu cadeirão, vê-se bem que me não conhece: o meu elemento é o *dolce far niente*. É preciso dormir desde já?

— Dormirá, Senhor, quando a vontade lhe vier.

Desde que o Sr. de Goursac começa a operar sobre o meu amigo, cada um toma de novo o seu lugar, e logo o mais profundo silêncio reina no apartamento.

É a custo se de longe em longe alguns bocejos sufocados se fazem ouvir entre os assistentes como testemunho dos efeitos produzidos pelo magnetismo ou... pelo enfado.

Ao fim de oito a dez minutos, o Sr. de Goursac suando a em bica, e Le Carpentier, de olhos fechados, não se mexendo e respirando a custo, toda a gente pode imaginar que este último está adormecido.

Uma palavra destrói esta ilusão.

— Dorme, Edouard? pergunto eu ao meu amigo.

— Ainda não, responde ele, sem abrir os olhos.

— Afinal, experimenta alguma coisa?

— Creio que sim.

— Ah! não tem a certeza?...

— Sim... experimento...

— O quê?

— Como um pouco de calor.

— Na testa, não é verdade, Senhor? diz o Barão continuando as suas passagens.

— Sim, na testa; mas sobretudo nas têmporas.

— E tem vontade de dormir?

— Não... somente de bocejar.

— Boceje, meu caro; tem o direito.

— Mas poderia abrir os olhos? faz o Sr. de Goursac no tom de um homem seguro da sua potência, e encantado por ter a ocasião de fornecer disso uma prova sem réplica.

— Perfeitamente, responde o meu amigo, inundando o seu magnetizador de um olhar límpido que o desconcerta.

— Diabo! diabo, faz este último, julgava-nos mais avançados.

— Sujeito refratário? digo-lhe eu.

— Mau sujeito? adiciona uma senhora.

— Vêm-no, Senhora, diz o Sr. de Beaur..., se alguma vez vos acontecer experimentar a vossa potência magnética, não vos fieis demasiado nos olhos langorosos.

Uma outra senhora, notando com uma impiedosa caridade que o Sr. de Goursac parece ter muito calor, convida-me a mandar trazer um copo de água açucarada para ele.

— Obrigado, senhora, obrigado, doutor; não tenho necessidade de nada, asseguro-vos, diz o Barão enegrecendo o seu lenço branco do suor que escorre dos seus cabelos.

— Pobre Barão, ei-lo que continua maquinalmente a magnetizar o meu amigo, mas tenho a certeza de que ele daria muito para não ter empreendido esta experiência.

Um anjo, o seu bom anjo sem dúvida, veio sob os traços charmosos de mademoiselle de K. tirá-lo de embaraços.

Mas apressemo-nos a soprar sobre a alegoria, para não deixar no seu lugar senão a cena tão verdadeira como picante que se passou sob os nossos olhos.

Mademoiselle Adolphine de K. tem dezoito anos no máximo.

Tem a estatura esbelta, fina, redonda e flexível. O seu bonito rosto branco e rosa está emoldurado nos mais magníficos cabelos louro-cinza que seja possível ver. Os seus grandes olhos azuis são ao mesmo tempo doces e travessos, o que espalha sobre a sua fisionomia uma mistura singular de traquinice e de candura.

A senhora de K. pretende que a sua filha é nervosa: eu não teria ousado afirmá-lo.

O certo é que mademoiselle de K. goza de ordinário de uma saúde perfeita; de tal modo que a sua boa disposição nunca sendo perturbada pelo sofrimento, ela é risonha como uma criança.

As senhoras de K... que não mudaram de lugar desde a sua chegada, estão sentadas uma perto da outra num divã, atrás do grande cadeirão ocupado pelo sujeito, e por conseguinte em frente do magnetizador.

Durante todo o tempo que a rapariga Dauruc dormiu ou fingiu dormir, mademoiselle Adolphine só a tirou dos olhos para olhar para o Sr. de Goursac cujos grandes ares pareciam diverti-la muito.

Creria mesmo poder afirmar que por duas ou três vezes ela riu com todas as suas forças, no nariz do Sr. Barão que, felizmente, se não deu conta disso.

Mas desde que este último definha a magnetizar Le Carpentier, mademoiselle Adolphine já não ri.

Os seus olhos, cansados sem dúvida pela atenção, já não têm a sua expressão habitual.

Estão húmidos e, desta vez, langorosos, mais langorosos do que os do meu amigo.

Noto além disso que as suas pálpebras piscam a cada instante de uma forma singular. Finalmente por duas ou três vezes, deixa bruscamente cair a cabeça para a frente como faz uma pessoa que o sono começa a ganhar.

Ora, justo no momento em que a senhora de K... (pois era ela) humilha tão involuntariamente o Sr. de Goursac, implorando um copo de água para ele, mademoiselle Adolphine prostra-se sobre o ombro da sua mãe, que somente então percebe este singular estado de torpor e que logo com o seu coração de mãe se alarma além da conta.

— Minha filha! minha filha! exclama numa voz desvairada.

Olha-se, espanta-se a gente, levanta-se a gente.

Emoção, tumulto. — Que é? — o que tem esta menina? Toda a gente interroga ao mesmo tempo. A senhora Jenny Lend oferece um frasco de sais. Edouard supondo com razão que o seu papel acabou, lança-se para a janela para dar ar. Finalmente, eu próprio precipito-me junto destas senhoras.

Mademoiselle Adolphine não está nem vermelha nem pálida; o seu pulso está calmo; não está de modo algum oprimida. O calor da sua pele é quase natural. As suas longas pálpebras, a meio fechadas, mal velam os seus olhos, cuja esclerótica aparece entre as pestanas como uma linha de porcelana branca. Finalmente, um sorriso malicioso parece errar sobre os lábios da jovem.

— Onde sofre, menina? digo-lhe eu, pode responder-me?

Mademoiselle de K... não parece ouvir-me.

— Adolphine! minha Adolphine! exclama a sua mãe, tu não nos ouves então?

Mesmo silêncio.

— Ah! Senhores, mas isto é pavoroso!

— Não se assuste, condessa, digo à senhora de K..., o pulso é normal; não há o menor transtorno nas grandes funções. Isto não é senão nervoso.

— Mas o que é afinal?

— Uma síncope; a menina é sujeita a isso?

— De modo algum, senhor; é a primeira vez na sua vida que parecido acidente lhe acontece.

— Não seria antes o efeito do magnetismo? observa a senhora Jenny Lend, que está tão cega pelo magnetismo que o vê de bom grado em toda a parte.

— O que pensa disso, Barão?

— O que penso disso... O que penso disso... diabo! é muito delicado! faz este pobre Barão todo atordoado à só ideia de que se lhe pode imputar o desmaio de mademoiselle de K... O magnetismo é salutard em si. Aliás não magnetizei a menina, contudo permita... ouve-me, Menina?

Mademoiselle Adolphine faz um movimento e os seus lábios tremem como se ia falar. O Sr. de Goursac reitera a sua pergunta e a jovem responde:

— Certamente, senhor, que o ouço.

— E eu?

— E nós, menina?

— Oouves-me, Adolphine?...

Silêncio absoluto.

— Sonâmbula!! exclama então o Sr. barão de Goursac, com o tom e a voz que devia ter o soldado de Maratona anunciando a Esparta a nova dessa vitória. Sonâmbula! ela é sonâmbula! Senhores, é a minha vinte e vigésima primeira!

E o nosso caro Barão estava ébrio de alegria.

— Ah! convenha que para esta, disse-lhe a sorrir Le Carpentier, o senhor fê-la quase... como o Sr. Jourdain fazia prosa.

— Oh! por favor, Senhor, disse a senhora de K... tranquilizada, mas um pouco contrariada com o incidente e importando-se mediocremente de nos dar a sua filha em espetáculo, visto que a adormeceu sem o querer, tenha a bondade de a acordar.

— Oh! senhora!

Exclama-se de todos os lados ao mesmo tempo.

E este grito é uma prece ardente de que me apresso a fazer-me intérprete.

— Só temos aqui íntimos, condessa.

— Mas o que querem perguntar à minha filha?

— Coisas que nos convençam, senhora, e quanto ao resto... não está aí a senhora!

— Pobre querida criança! faz a senhora de K..., concedendo-nos tacitamente o que lhe pedimos e abraçando amorosamente a sua filha que não parece perceber as suas carícias.

Mademoiselle de K..., as costas apoiadas num dos acolcohados do divã, e a cabeça de tal modo inclinada para a frente que o seu queixo está enterrado no seu lenço de gaze, conserva nesta atitude a imobilidade de uma estátua, o que a não impede de ser encantadora.

Ao procurar encontrar um sentido ao sorriso impercetível que uma contração fortuita dos músculos das suas faces talvez sozinha desenhou na sua boca, recordo-me do *Diabo Apaixonado* de Cazotte, e mademoiselle Adolphine parece-me para o momento a realização viva de Biondetta, isto é, da mais sedutora criatura que seja possível fazer de um demónio sem dele fazer um anjo.

— Minhas senhoras e meus senhores, diz o Sr. de Goursac, creio do meu dever dar-vos algumas explicações respeitantes à causa da agradável surpresa que acaba de nos causar a menina. Este feliz incidente bastaria para provar, se isso não estivesse já provado há muito tempo, que existe positivamente um fluido magnético; que este fluido se escapa das nossas mãos durante as passagens; que ele se move como um projétil no ar atmosférico, e que afinal, sem a participação da nossa vontade e algumas vezes mesmo à nossa revelia

(o que acaba de acontecer, pois sou forçado a convir que não pensava de modo algum na menina quando ela adormeceu), este fluido vai longe de nós produzir os seus efeitos. Ao demais adicionarei...

— A sua sonâmbula impacienta-se, Senhor Barão, observa docemente Le Carpentier, falando sem o saber em nome de todos e desejando muito que o Sr. de Goursac não adicione nada.

Em efeito, mademoiselle de K... acabava de fazer um pequeno movimento de ombros cujo sentido teria aliás sido muito difícil de precisar.

— Como se encontra, menina? diz-lhe o Sr. de Goursac renunciando definitivamente à sua peroração.

— Encontro-me bem.

A voz da jovem, naturalmente doce e flautada, é breve e de um timbre um pouco diferente daquele que tem de hábito.

— Vê-nos, menina?

— Vejo-vos.

— A todos nós, ou a mim sozinho?

— A si sozinho.

— Ah! ah! faz o Sr. de Goursac empertigando-se e fazendo à sua sonâmbula algumas passagens de encorajamento; mas poderia ver uma pessoa com a qual a pusesse em relação?

— Não o sei.

— Experimentemos.

— Vês-me? diz a senhora de K..., pegando na mão da sua filha.

— Sim, vejo-a.

— Eh! por que me dizes: vejo-a?

(Mademoiselle de K..., acordada, tratava a sua mãe por tu.)

— Porque a vejo.

— Não me reconheces então, feia?

Mademoiselle Adolphine parece hesitar e refletir antes de responder.

— Oh! Senhor, exclama a senhora de K..., ela não me reconhece!

— Sim... espere... a senhora é minha mãe.

A surpresa e a curiosidade levadas ao seu último paroxismo estão pintadas em todos os rostos, enquanto o de mademoiselle Adolphine permanece de uma impassibilidade que não faz senão adicionar à estranheza desta pequena cena.

— É bizarro! — é maravilhoso! — é incrível! — ouve-se de todos os lados ao mesmo tempo; pois cada um, como de hábito, precisa de uma palavra particular para traduzir uma impressão que, embora emanando de um mesmo facto, não deixa de ser diferente em todos os espetadores.

Mas, enquanto esperam estar de acordo, é a quem de entre eles se aproximará mais perto da encantadora sonâmbula, é a quem lhe pegará na mão.

O acaso dá a preferência ao incrédulo Sr. de Beaur...

— Ora bem, menina, diz ele, num tom polido embora troçador, terei também a felicidade de ser reconhecido por si?

Mademoiselle Adolphine responde, após alguns segundos de hesitação:

— Como o reconheceria, não o tendo jamais visto?

— Jamais?

— Não, jamais.

— Parece-me, menina, que relativamente ao minuto em que me quer permitir tocar-lhe na mão, é demasiado explícita dizendo que nunca nos vimos, pois, em definitivo, há duas horas que estamos juntos.

— Ah?... é possível.

— Oh! sabe bem que isso é assim; mas se neste momento está dotada do que o Sr. barão de Goursac chama creio a lucidez, deve saber bem outra coisa ainda.

Mademoiselle Adolphine reflete um instante e diz com uma expressão inimitável de indiferença e de desdém:

— Não compreendo.

— Ora bem, vamos lá, menina, vou tentar fazer-me compreender.

Mademoiselle de K... solta um grande suspiro e o Sr. de Beaur... recomeça assim:

— Vê-me?

— Sim, vejo-o.

— Da cabeça aos pés?

— Sem dúvida.

— Poderia ver o que tenho no meu bolso?

— Talvez.

— Experimente, peço-lhe.

— Não.

— Por que motivo então, menina?

— Porque isso me maça.

— A razão é sem réplica, diz a rir o Sr. de Beaur..., mas para um incrédulo é pouco convincente.

— Que tem então? faz mademoiselle Adolphine.

— Rio-me.

— De que se ri?

— Eh! mas... deve sabê-lo.

— Oh! isso interessa-me tão pouco!

— Muito bem, menina; todas as suas respostas são muito hábeis.

— Hábeis?....

— Sim, sim, eu compreendo-me... mas afinal, menina, seria bastante amável para responder de uma maneira um pouco mais direta a algumas perguntas que gostaria de ter a honra de lhe dirigir?

— É conforme.

— Poderia dizer-me se sou casado?

— Sim.

— Sou casado?

— É-lo.

— Vê a minha mulher?

— Vejo-a.

— O que faz ela neste momento?

— Ela...

Mademoiselle Adolphine tem mais do que nunca o seu sorriso de duende.

— Conclua, menina.

— Ela é bonita.

— Isso é verdade, mas o que faz ela?

— Ela...

Uma gargalhada nervosa corta a palavra a mademoiselle de K..., mas, retomando subitamente o seu sério:

— Ela não faz nada, diz ela.

— É bastante possível... tenho filhos?

— Sim.

— Quantos!

— Tem um filho.

— De que idade?

— Doze anos.

— Um pouco mais.

— Treze?

— Sim, o meu filho tem treze anos. E como é ele?

— É pequeno para a sua idade.

— É verdade.

— Muito moreno.

— É verdade,

— Diria quase que é negro.

— Pela minha fé, menina, perdoar-lho-ia, pois está tão perto da verdade... e tão longe do meu filho, que a parecida distância lhe é bem permitido enganar-se um pouco. — Senhores, é espantoso, não o saberia discordar. — Mas não tenho outros filhos, menina?

— Não.

— Tenha cuidado.

— Digo-lhe que não.

— Ora bem, menina, engana-se.

— Em verdade?

— Em verdade.

— A sua palavra?

— Sob minha palavra.

— Tem outros filhos?

— Tenho outros filhos.

— Não os vejo: pense nisso.

— Quero bem. Olhe, penso nisso com todas as minhas forças.

— Muito bem!... ah!

— Está lá?

— Estas duas meninas pequenas?

— É isso mesmo!

— Louiras?

— É isso mesmo!

— Que brincam num jardim?

— É possível!... pela minha fé, Senhores, é de confundir!

— Ah! mas... ah! mas...

— Ora bem? as minhas duas meninas pequenas... não as acha bonitas?

— Sim, sim, muito bonitas, mas...

— Mas o quê?

— Que engraçado é! que engraçado é!

— O que é que é engraçado?

— O mundo.

— Já não está então nas minhas meninas pequenas?

— Sim, estou lá; mas é o senhor que não está ao que vejo.

— Eh! o que vê?

— Isso não se pode dizer.

— Porquê?

— Porque... porque... não é verdade que elas se não parecem consigo?

— Isso é verdade, nem uma nem outra. Mas parecem-se com a mãe?

— Não, não mais do que consigo.

— Com quem se parecem elas então? faz o Sr. de Beaur..., esforçando-se por rir, mas visivelmente preocupado e embaraçado.

Mademoiselle Adolphine hesita, sorri, depois toma um pequeno ar amuado e responde:

— Com ninguém.

— Ora bem! Senhor, é isso? exclama o Sr. de Goursac, que não vê em causa senão a lucidez do seu sujeito.

— Quê, isso?

— O que lhe diz a menina.

— Eh! que diabo quer que lhe responda? faz o Sr. de Beaur... regressando ao seu lugar no meio de um riso geral, enquanto a Senhora de K... parece corar pela sua filha.

Le Carpentier diz-me então ao ouvido:

— O que pensa desta bela criança?

— Que é muito espirituosa para uma ingênua.

— E bem acordada para uma adormecida.

— Convenha que se o magnetismo não é verdadeiro, é muito divertido.

— Sim, mas convenha também que se ele fosse verdadeiro, seria muito perigoso.

— Ah! quanto a isso, estamos de acordo. Definitivamente, pensa que esta jovem esteja realmente adormecida?

— Vou tentar certificar-me disso.

— Por minha vez, Menina, digo eu sentando-me ao lado de Mademoiselle de K..., e pegando-lhe na mão.

— Ah! ah!... faz ela estremecendo, o senhor também!

— Eu também!

— E o que é preciso dizer-lhe? Tem, como o outro, meninas pequenas que se não parecem consigo?

— Mas cala-te então Adolphine, exclama a Senhora de K..., esquecendo que a sua filha a já não ouve.

— Não, Menina, não tenho nem filho nem filhas, e se os tivesse... a menos que tivessem o seu charmoso rosto, gostaria bastante que se parecessem comigo.

O Sr. de Beaur... agita-se na sua cadeira e assoa-se com ruído.

Eu continuo:

— Menina, não creio no magnetismo.

— Sei-o.

— Sou mesmo tão pouco propenso a crer nisso que, apesar de toda a confiança que tenho em si (e suplico-lhe que desculpe a minha franqueza), mesmo revelando-me coisas que na ordem natural não deveria saber, mas que existem atualmente, teria poucas hipóteses de me convencer.

— Como faz grandes frases! diz Mademoiselle de K..., com um pequeno ar troçador que me desconcerta. Quer que lhe diga se fará bom tempo amanhã?

— Diga, será alguma coisa.

— Choverá.

— Tem a certeza?

— Sim, vi-o no almanaque.

— Charmosa pequena louca!... Tem portanto tanta malícia adormecida como acordada? Vamos, diga-me outra coisa.

— Do futuro?

— Sim, do futuro.

— Mas alguma coisa de agradável?

— Ah! peço-lho.

— Ora bem, espere por esta noite...

— Oh! é muito perto... Tanto melhor, ficarei tanto mais depressa convencido. Esta noite?...

— Sim, esta noite e mesmo antes desta noite receberá a visita de um dos seus amigos.

— Menina, tenho tantos amigos que isso é muito vago.

— Espere então... a visita de um dos seus amigos de quem gosta muito.

— Ah! isto torna-se mais preciso.

— E que não vê há muito tempo.

— Há quanto tempo?

— Oh! há anos.

— Verdadeiramente! mas como se chama ele?

Mademoiselle Adolphine parece procurar um instante e diz:

— É demasiado difícil, não o vejo.

— Então, tente ao menos descrever-me a sua pessoa. Qual é a sua idade?

— Perto da sua.

— É baixo ou alto?

— Nem alto nem baixo.

— E depois?

— É louro.

— E depois?

— Pálido.

— E depois?

— Oh! como é exigente!

— Suspeita que possa ser Le Carpentier?

— Auguste X., se isso é alguém.

— Vê o seu caráter? digo dirigindo-me de novo à sonâmbula.

— Sim, é um belo caráter: generoso, franco, leal, sem rodeios.

— Oh! então, não é X...

— É um *fashionable*, adiciona a rir o nosso amável duende, tem um lorgnon e botas envernizadas.

— Diabo! não me sabia com amigos tão brilhantes.

— Não seria Lat...? faz Le Carpentier.

— É muito comilão? digo à sonâmbula.

— Comilão?... Mas não, responde ela com o maior sério e após ter refletido meio minuto.

— Vamos, ainda não é Lat... Eis aliás, é preciso convir, uma descrição bastante completa: estatura média, vinte e cinco anos, cabelos louros, rosto pálido, traje elegante, um lorgnon e botas envernizadas. Tem espírito?

— Muito, muito, muito.

— Decididamente o meu amigo é um homem acabado. O grande malheur é que à exceção de si, Edouard, não conheço nenhum semelhante.

— É muito bom, meu caro, mas eu sou comilão, e não tenho lorgnon. Além disso... eis-me aqui.

— Menina, agradeço-lhe, digo à sonâmbula, beijando-lhe a mão.

— Ah! magnetiza-me... faz ela retirando vivamente a mão... estou cansada, que me acordem.

Ao mesmo tempo que acedia com presteza ao convite da sua sonâmbula, o Sr. de Goursac, cuja eloquência comprimida há um quarto de hora só esperava um pretexto para fazer explosão, pôs-se a dissertar *ex professo* sobre a necessidade de os magnetizadores se conformarem pontualmente e em toda a ocasião aos desejos dos seus sujeitos.

Ao fim de duas ou três minutos de passagens transversais, mademoiselle de K... abriu os olhos.

— Onde estou? disse ela... Mamã,... onde estás?.. Ah! eis-te... Eh! mas... tinham-me adormecido então?... etc.

A senhora de K... abraçou a sua filha com uma terna efusão; depois o Sr. de Goursac, tomando de novo a palavra, resumiu (para me servir da sua expressão) os fenómenos de que vínhamos de ser

testemunhas, tudo para a maior glória de Mesmer e sobretudo para a sua.

Finalmente a minha sociedade despediu-se de mim, fazendo-me prometer, no caso em que a profecia se realizasse, de os informar disso o mais depressa possível.

Uma meia hora mais tarde, no instante em que me ia sentar à mesa, anunciaram-me que um estrangeiro de boas maneiras, e dizendo-se meu amigo, pedia para me falar e esperava-me no salão.

Corro; o coração bate-me. O visitante é um jovem loiro, pálido; usa pince-nez e sapatos de verniz; finalmente, o seu rosto anuncia vinte e cinco anos. Nada mais exato do que o retrato que dele fez a sonâmbula. Todo o malogro está em que este jovem

homem não é dos meus amigos, pois sou forçado a confessar-me que o seu rosto me é totalmente desconhecido.

VII

JACQUES ALBIN

Jacques Albin.

O estranho, que se tinha sentado para percorrer um jornal enquanto me esperava, levantou-se quando entrei e veio ao meu encontro de braços abertos, como para me abraçar.

— Então, disse ele, reconheces-me?

Este tom familiar não fazendo senão acrescentar à minha surpresa, respondi balbuciando:

— Mas não, senhor... não o reconheço.

— Oh! senhor!... fez o visitante desatando a rir; olha lá bem para mim.

— Estou a olhar para ti com todos os meus olhos.

Afinal, Jacques Albin, pois era ele, estava tão mudado no seu trajo, nas suas maneiras, até nos seus menores gestos, que mesmo depois de se ter nomeado eu não o reconhecia ainda.

— Ah! meu amigo, disse-lhe eu apertando-o nos meus braços, abraço-te de confiança...

— Esperava, replicou ele, gozar do teu espanto. Sim, despojei-me do velho hábito com o homem velho. Mas se pudesses ler no meu coração, verias pela sua emoção que ele não mudou para ti;

— Meu pobre velho amigo! Mas afinal, de onde vens? da China ou de Tombucto?

— Eu!... venho da rua Louis-le-Grand, onde moro há dois anos.

— O quê! há dois anos que estás em Paris?

— Há muito mais tempo.

— E nunca nos encontrámos!

— É verdade que é estranho; mas Paris é tão grande!...

— E que fazes por cá?

— Medicina; foi até um dos nossos colegas que me ensinou a tua morada.

— Ah! fico-lhe grato por isso. Mas então reconciliaste-te com a nossa profissão?

— Mais ou menos. Desde que li e meditei esta proposição de Jâmblico: *a medicina é filha dos sonhos*—

— Que dizes tu aí, grande Deus! serias tu magnetizador?

— Van Helmont bem o era.

— Oh! então, é o céu que te envia, pois vais esclarecer-me. Que feliz sou por te rever! Dás-me a tua noite?

— Inteirinha, se estiveres livre.

— Estou-o sempre para os meus amigos. Fica então combinado, jantamos juntos. Mas, antes de tudo, e para que eu não tenha nada no espírito que me impeça de estar inteiramente dedicado ao prazer de te rever, esclareçamos um ponto que me interessa ao extremo. Conheces as senhoras de K...?

— Conheço-as um pouco.

— Tanto pior! mil vezes tanto pior!

— Eh! mas por que razão tanto pior? estas senhoras são muito amáveis.

— Sim, mas se nunca tivesses ouvido falar delas, eu tinha uma convicção.

— Meu amigo, és mais obscuro do que um tratado de hermética.

— Explicar-me-ei em breve. Assim, tens a certeza de que elas te conhecem?

— Sim, por me terem encontrado duas ou três vezes no grande mundo.

— É quanto basta, é demais!

E o meu amigo, como se compreende, olhava para mim com um indizível espanto.

Nem por isso prossegui menos o meu interrogatório:

— Disseste a essas senhoras que tencionavas vir à minha casa?

— Que ideia! Não vejo as senhoras de K... há pelo menos seis semanas.

— Disseste-o a alguém do seu conhecimento?

— Só o disse a uma única pessoa.

— Que conhece essas senhoras?

— Ora... não sei de nada. Mas pelo amor do céu! porquê estas perguntas?

— Ah! meu amigo, acabas de me confirmar no pensamento de que já não se fazem milagres, e de que verosimilmente nunca se fizeram senão para os tolos. Imagina tu que há escassamente uma hora, uma pítia moderna me previa que eu te ia rever e rever-te tal como aí estás. Esta predição, ao realizar-se, parecia-me implicar, a despeito do senso comum, uma noção real do futuro. Depois a minha imaginação, correndo a toda a pressa, deduzia disso loucamente toda a história dos oráculos e nem sequer parava nas profecias sagradas. Mas agora tudo se explica. A minha pitonisa conhecia-te, pôde saber a tua intenção de me vir ver. A partir daí, adeus prestígio; a certeza vai-se e mal me resta a dúvida.

— Oh! que ao menos te reste explicitamente, meu amigo: a dúvida é a opinião do sábio. Mas, pela minha fé, não esperava a honra de ser predito como o Messias. Vejo que se trata de uma história de sonâmbula. Conta-ma; sou perito, e dar-te-ei a minha opinião.

Contei então ao meu amigo tudo o que se tinha passado entre o Sr. de Goursac, a rapariga Dauruc, a menina Adolphine, o Sr. de Beaur., etc. A mistificação deste último fez rir muito Albin.

— Quanto a esse, disse ele, estou contente com a sua desventura. Vi-o um dia tão arrogante, tão impertinente e tão fútil, que mereceria que a tua sonâmbula lhe tivesse dito a verdade. Mas agora raciocinemos. O que se passou há pouco na tua casa não me surpreende de todo: na maioria das nossas experiências o erro, quando não a mentira, mistura-se com a verdade, e esta mistura, quase inevitável, é o ponto fraco do magnetismo. Contudo, mesmo nas experiências falhadas, isto é, quando tudo parece falso, inverosímil, impossível, pode ainda encontrar-se algum facto de boa lei; de tal modo que rejeitar tudo sem exame é ou de um homem prevenido ou de um mau observador.

Tomemos por exemplo o que acabas de ver. O barão de Goursac é um iluminado, sincero, não duvido, mas desprovido de espírito, de discernimento, de senso comum, concedo-te este primeiro ponto. A

rapariga Dauruc é uma miserável; vi-a no ano passado: ela dorme e eis tudo. Talvez, de início, estivesse realmente dotada daquilo a que chamamos lucidez. Mas se alguma vez teve essa faculdade, há muito tempo que a perdeu, o que não a impede de continuar o seu ofício porque ele lhe rende algum dinheiro. Eis aí a história em resumo de uma boa metade das sonâmbulas. Agora, a essa rapariga Dauruc, que te sacrifico sem misericórdia, como vês, ousas comparar a menina Adolphine? Convém antes de mais que, fisicamente, elas mal se assemelham.

— Ah! de todo em todo, concordo com isso. A menina Adolphine é encantadora. Nunca vi um rosto mais bonito.

— Oh! oh! fez rindo o meu amigo, vejo que terei pouca pena para te fazer absolvê-la. Ora bem, visto que lhe encontras tantas qualidades amáveis, como admitir que com tão grandes meios de agradar sem artifício, esta jovem, bem-nascida, bem educada, até ao presente irrepreensível, venha tolamente desempenhar um papel indigno, ia a dizer um papel ignóbil numa farsa ridícula? Mas não é tudo ainda. Considera a inverosimilhança da trapaça que lhe atribuís! Que suposições não é preciso fazer para chegar a concluir razoavelmente que a menina de K..., que mal me conhece, que talvez nem saiba o meu nome, que só poderia ter sabido por um acaso inaudito a minha intenção de vir à tua casa... Ah! meu amigo, mas isso é absurdo.

— Pois bem, francamente, não me pesa.

Albin sorriu e replicou-me:

— É uma pessoa tão charmosa, a menina de K...!

Tinha chegado a hora de nos pormos à mesa. Nunca jantei tão alegremente. Jacques contou-me uma parte das aventuras que lhe tinham acontecido desde a nossa separação, e eu contei-lhe as minhas. Depois a conversa voltou ao magnetismo. Como me recordasse das experiências de que tinha sido testemunha em Montpellier, dei conta delas ao meu amigo. Mas Jacques, para minha grande surpresa, já conhecia todos os pormenores.

— Ah! desta feita, exclamei, eis o que me espanta ainda mais do que a profecia da menina de K...; de quem soubeste tu tudo isso?

— Do próprio Bonnin, replicou Jacques.

— Ora! tu conheces o Bonnin?

— Como o bairro onde moro.

— Mas como o encontraste?

— Mas como não o encontraste tu mesmo?

— Ele mora em Paris?

— Sem dúvida, há anos.

— E que faz ele por cá, Deus todo-poderoso?

— Magnetiza para viver.

— E morre de fome, com certeza?

— Infelizmente, sim... mas muito dignamente.

— Oh! quanto a isso, não duvido; Bonnin faz dignamente tudo o que faz. Estão ainda em relações?

— Necessariamente, na qualidade de correligionários.

— Em verdade, não vejo senão prodígios.

— E pretendes tu que já não se fazem. Mas não há nenhum aqui: Bonnin estava em Montpellier e Bonnin está em Paris; os grandes homens são cosmopolitas. Levar-te-ei lá quando quiseres. Além disso, vem ver-me amanhã e encontrarás em minha casa uma outra das tuas velhas conhecidas cuja presença, tenho a certeza, te surpreenderá muito mais.

— Quem então?

— Dou-te mil palpites.

— A menina Aimée Désormes?

— Quem te disse? fez Albin levantando-se estupefacto.

— Oh! ninguém, como é evidente.

— Então estás dotado de segunda visão e tenho-te por infinitamente mais lúcido do que Stéphanie Dauruc. Sim, a menina Aimée Désormes, ou antes a senhora Graffeild está aqui.

— Misericórdia! E o marido dela?

— Morreu, graças a Deus!

— Graças a Deus?... Parece-me que por agora és menos moral do que egoísta.

— Não, tu não me compreendes. Esse Graffeild era um monstro que maltratava a mulher e que a teria feito morrer no duro trabalho se não tivesse morrido ele próprio. Por toda a herança deixou-lhe dívidas e um filho póstumo, de quem sou o padrinho.

— É edificante. E ela mora na tua casa?

— Não, mas vem lá frequentemente.

— Faz como o Bonnin, vive também do magnetismo?

— Eh! justamente, meu caro, fiz dela uma sonâmbula.

— Sem falar do que fizeste dela ainda?

— É aí que te enganas, meu amigo, não fiz dela nada mais.

— E contudo amas a ainda?

— Sim..., de boa amizade.

— É bem assim que o entendo, pois um amor de sete anos de data... mas afinal?...

— Não, mil vezes não. Jurei ser fiel.

— Tu, fiel!... a quem então?

— A uma fada...

— Ah! isto fecha-me a boca. É o quinhão das fadas fazer milagres. Mas decididamente, meu caro Albin, vejo que estás a descambar para o fantástico. E para te dizer a verdade, isso espanta-me menos do que o resto, pois, examinando-te da cabeça aos pés, vendo-te beber água tingida de vinho e recusar até Madeira, pensava eu há pouco que a vara de condão de uma fada poderia ser a única a ter operado em ti semelhante metamorfose. Afinal, essa fada... é a tua mulher ou a de outro?

— Nem a de outro nem a minha.

— Ora ainda bem, ela sabe o seu dever, pois creio que as fadas não se casam.

— A minha teve outrora a loucura de o esquecer. Saberás isso a seu tempo e lugar; mas a propósito de casamento, foi esse mestre louco do Bonnin que se safou por uma unha negra.

— Como assim?...

— É toda uma história. Mas para que estejas em estado de a compreender é preciso que te ponha em poucas palavras ao corrente da minha teoria magnética.

— Que queres dizer? o magnetismo tem alguma coisa a ver com esse casamento falhado!

— Tem a ver com tudo e assim devia ser. Bonnin nunca procede senão em nome do magnetismo.

— Sempre pensei que esse rapaz só acabaria os seus dias em Bicêtre.

VIII

OS AMORES DE BONNIN

Como tínhamos terminado de jantar, perguntei ao meu amigo se tomava café.

— Nunca, disse ele, e tu?

— Eu! agita-me até me pôr louco.

— Perguntaste a ti mesmo alguma vez porquê?

— Ora essa! quem não sabe que o café é para as pessoas nervosas um excitante muito enérgico!

— Que bela resposta! porque é que o ópio faz dormir? *Quia opium facit dormire*... é a cantiga do Senhor de la Palisse.

— Eh! os médicos não cantam outra.

— Porque, como diz Cleanto a Sósia: «os médicos são uns animais.» — Fumas?

— Quando tenho bons charutos.

— Oh! então, fumarás esta noite, pois eis aqui, certifico-te, o que de melhor se faz em Havana.

E Jacques tirou do bolso um charutoira de tartaruga, contendo verdadeiros *primera* dos quais acendemos cada um o seu.

— Agora, disse ele, escuta-me:

O que nos agita no café é o seu aroma, isto é, uma essência. Toda a essência é, como sabes, uma matéria muito volátil, mas que não deve a sua volatilidade senão à eletricidade que contém. O café ou antes todas as essências (pois todas são excitantes) não nos agitam portanto senão adicionando subitamente à eletricidade natural que circula nos nossos nervos uma grande quantidade do mesmo fluido (1). Há então em nós um excedente de vida, porque há excesso de princípio vital.

Mas se não esqueceste completamente a tua física, lembrar-te-ás de que existem duas espécies de eletricidade, uma a que se dá o nome de positiva e a outra de negativa.

(1) Todos os venenos que exercem especialmente a sua ação sobre o sistema nervoso são essencialmente sublimáveis ou voláteis; tais são o ácido prússico, o arsénico, o antimónio, o mercúrio, os compostos destes metais, etc., etc. Ver o Magnetismo animal explicado, 11.ª lição.

Estes dois princípios procuram-se, atraem-se e neutralizam-se a partir do instante em que se encontram. Eis por que o ópio, que provavelmente contém uma eletricidade de natureza oposta à do café, é o antídoto deste último, e reciprocamente.

Mas o que se passa entre os corpos inertes passa-se também entre os homens: há homens eletropositivos e homens eletronegativos. Estes experimentam para com aqueles um impulso involuntário, ao passo que tanto os primeiros como os últimos se repelem entre si.

Na ordem habitual, estas atrações e estas repulsões são puramente morais, o mais das vezes muito vagas e não se pronunciam senão por ocasião de aproximações forçadas.

Quantas mulheres detestam o seu marido e que não experimentariam por ele senão indiferença, se ele não fosse o seu marido!

Seria portanto uma grande felicidade para a humanidade se existisse algum meio de prevenir essas uniões mal combinadas, e de demonstrar, antes da sua consumação, que a natureza as reprova.

Ora, pareceu-me que o magnetismo era em tais casos uma espécie de pedra de toque.

A atração moral, dizia eu um dia a Bonnin, coincide constantemente com a atração física, de tal sorte que se esta se manifesta, pode ter-se como certa a existência da outra.

Admitido este princípio, todo o homem que se quer esclarecer sobre as propensões íntimas da sua noiva a seu respeito, não tem senão de a magnetizar. Em menos de vinte passes, conhece a sua sorte. Se ele atrai, que case; mas no caso contrário, que não case de modo algum, pois a incompatibilidade é incontestável.

— Oh! que divertido sofisma! exclamei dando uma gargalhada.

— Não te dou a coisa por outra; mas era preciso que ele fosse muito especioso para o nosso amigo Bonnin, pois vais ver o que ele fez disso.

— Adivinho-o!

— Não inteiramente, pois em certas matérias de extravagâncias Bonnin ultrapassa sempre tudo o que se pode imaginar.

Esse bom rapaz, no ano passado, magnetizava uma pequenina doente que esperava curar, mas que não curou nada. Ela era apenas epilética, ele tornou-a idiota. Esta rapariguinha tinha duas irmãs, uma chamada Cécilia, a outra Julie. A primeira tinha vinte anos, a outra tinha dezoito. Ambas eram bonitas e não careciam de dotes. Não é pois de admirar se, vendo-as todos os dias, Bonnin não tardou a apaixonar-se por uma destas jovens que, aliás, viviam recolhidas e mal viam outro homem além dele.

Se ele tivesse tido o bom senso de se afeiçoar à mais velha, a sua causa estava ganha; mas Bonnin só faz trapalhadas: foi a mais nova que ele amou.

Não é, de resto, que o preconceito de casar a mais velha antes das outras fosse inexorável na família: as dificuldades deviam vir de outro lado: foi o próprio Bonnin que as criou para si.

Seja como for, a jovem correspondia à sua chama,—

— À chama de Bonnin!

— Vi as cartas, pois a ingénua respondia por escrito.

— Que dizes tu aí, grande Deus! Bonnin tornado um Faublas!... Então, creio em tudo, no absurdo, no impossível, creio no magnetismo!

— Hás de vir aí dar, assim o espero bem, mas deixa-me continuar:

Encarregado pelo nosso amigo de colher indiretamente informações sobre a família de Julie, sobre a sua fortuna, as suas pretensões e, no caso necessário, as suas intenções se Bonnin se declarasse, desincumbi-me o melhor que pude desta missão delicada. Os resultados do meu inquérito foram muito satisfatórios. A menina Julie tinha 50 000 fr. de dote e aquilo a que, por uma horrível antífrase, se chama esperanças; Bonnin agradava ao pai, e a madrasta (pois era uma madrasta) não pedia melhor, como é uso, do que livrar-se o mais depressa possível das filhas do marido.

Quando anunciei isto ao nosso amigo, pôs-se a saltar de alegria e a dar tais cabriolas que, com as suas longas pernas esqueléticas, me lembrava D. Quixote, imitando na montanha negra as loucuras do Belo Tenebroso.

Depois, quando se recompus um pouco da sua extravagante hilaridade, conversámos, e foi nessa noite que lhe expus a minha teoria.

Que discípulo! meu amigo, e como ele me escutava! Platão não teria colhido mais religiosamente as máximas de Sócrates.

Quando acabei de falar, ele estava todo pensativo.

— Que tendes? perguntei-lhe.

— Admiro-vos, respondeu ele.

Separámo-nos por volta das onze horas e só o voltei a ver três dias depois. Mas ele estava então em desespero, pois eis o que se tinha passado:

Logo no dia seguinte à nossa anterior entrevista, Bonnin, ainda todo exaltado com os meus novos preceitos, já só pensava em provar o seu amor no crisol da minha invenção. Propôs pois à sua futura madrasta e às suas duas filhas magnetizá-las. Embora ninguém, a menos de ser Satanás, tivesse adivinhado o seu pensamento, ele julgava dever agir com astúcia; e da mesma forma que em certos jogos inocentes se aceita a tarefa de beijar vinte rostos feios para beijar aquele que se ama, Bonnin teria magnetizado até ao cão da casa para ter o direito de magnetizar a sua Julie sem deixar ver a sua intenção.

Começou pela madrasta, que teve a honra de fazer bocejar, mas que não experimentou nada mais.

Depois dela veio Cécilia.

Ao cabo de quinze a vinte passes, a jovem suspira e adormece. Depois declara que experimenta um bem-estar extraordinário, e no qual gostaria de ficar para sempre. Finalmente a sua cabeça inclina-se, as suas mãos levantam-se e seguem as do magnetizador... De toda a evidência a atração existe...

— Pobre Cécilia! pensava o honesto Bonnin, vós também me teríeis então amado! Ah! se alguma vez eu ficar viúvo e vós estiverdes livre ainda, será convosco que me casarei.

A menina Julie, quer tivesse medo de adormecer e de revelar os seus pequenos segredos, quer tivesse um pressentimento do que devia passar-se, não se submeteu de tão boa mente como fizera a sua irmã aos passes do nosso amigo. Contudo, como, apesar das boas razões que tinha para a isso se recusar, não podia ou antes não ousava alegar senão más razões, força lhe foi ceder às solicitações do seu pai que, passando pela boca da sua madrasta, se tornavam tão imperativas que pouco faltaria à pobrezinha para ver nelas uma verdadeira intimação. Sentou-se pois enrubescendo, e a experiência começou.

Ah! desgraçado Bonnin! Que demónio ciumento do teu amor te impelia então a tentá-la!

A menina Julie não está antes em relação com o seu magnetizador sem que estremeça, se lance para trás e deixe transparecer todos os sinais de um bem-estar inexistente. Contudo Bonnin insiste: está feliz por segurar nas suas mãos estes bonitos dedos brancos e delicados, que nunca tocou senão às escondidas. Mas quanto mais insiste, mais o mal aumenta. Por fim, a pobre criança, chorando, não podendo mais e pedindo por favor que cessem de a magnetizar, a experiência fica por ali.

Por muito incompleta que fosse, essa infeliz experiência era ainda demasiado conclusiva para o nosso caro Bonnin.

— Estava tão fora de mim, dizia-me ele, tão desesperado, que saí quase sem me despedir de ninguém, e em vez de regressar a minha casa, onde alguém devia estar à minha espera, fui-me embora maquinalmente até aos Campos Elísios.

Parece contudo que o ar puro devolveu um pouco de senso (não digo de bom senso) ao nosso amigo, pois, regressado a sua casa, teve o sangue-frio de encarar a sua situação e de tirar gravemente do que se tinha passado as seguintes consequências:

1.º É certo que a menina Julie não me ama;

2.º Não é menos certo que, do meu lado, eu.... não a devo amar.

Ora, visto que por outro lado me está provado que Cécilia tem inclinação por mim, é Cécilia que devo desposar. Logo Cécilia será minha mulher se me concederem a sua mão.

Feito este belo raciocínio, Bonnin aparou a sua pena e escreveu ao pai uma carta eloquente na qual lhe pedia a filha mais velha em casamento.

Gosto de crer pela sua razão que se ele se tivesse dado até ao dia seguinte para refletir, essa carta não teria sido enviada. Mas é justamente porque ele receava este regresso a si próprio que se apressou a deitá-la ao correio. A ciência tinha falado, dizia ele, e o instinto devia obedecer.

Infelizmente, o instinto nem sempre é dócil. Desta vez, revoltando-se, estava no seu direito; mas já não era tempo.

No dia seguinte (outra tolice), quis retratar-se. Teve a desfaçatez de ir dizer ao pai que, ao pedir-lhe a filha, se tinha enganado no nome! O nosso homem riu-se-lhe na cara, era bem o menos que lhe devia. Quanto às duas filhas, uma, ferida no seu amor, fugiu quando o viu entrar, e a outra, ferida no seu brio, teria querido vê-lo vergonhosamente corrido.

E eis como terminou, disse Jacques atirando ao fogo o resto do seu charuto, a deplorável história do infortunado Bonnin.

Esta anedota burlesca, ao revelar-me uma face nova do caráter do meu antigo camarada, não fez senão acrescentar ao desejo que sentia de o rever. Por isso combinámos, Albin e eu, ir surpreendê-lo ao primeiro dia, se o não encontrasse logo no dia seguinte na casa do meu amigo.

Depois voltámos a falar da senhora Graffeild, cuja estranha sorte me interessava, e a nossa conversa ter-se-ia provavelmente prolongado muito pela noite dentro se um criado não tivesse vindo pedir a Albin, em nome da Senhora viscondessa de V., que passasse imediatamente pela casa dessa senhora.

— Ah! meu amigo, disse-lhe eu quando o criado se retirou, visto que afirmas não ter confiado senão a uma única pessoa a tua intenção de me vir ver, foi incontestavelmente a esta que o disseste.

— Sim, mas, na sua qualidade de fada, tê-lo-ia adivinhado sem isso.

— Ah! verdadeiramente! é essa a tua fada... uma viscondessa!

— Porque não?

— Porque me parece, Meu Senhor, que éreis republicano.

— Continuo a sê-lo.

— E então?...

— O magnetismo é como o amor: não tem preconceitos.

IX

MADAME GRAFFEILD

IX Madame Graffeild.

O leitor não se esqueceu sem dúvida de em que circunstâncias Albin tinha deixado a África no mês de julho de 1834.

Uma carta trazida por um barco a vapor do Estado, tendo-lhe anunciado que a sua mãe estava a morrer, ele tinha pedido e obtido a permissão de embarcar no próprio dia num outro navio, de partida para Toulon. Mas apesar dessa precipitação, o tempo faltou-lhe. A sua mãe dava o último suspiro na mesma noite em que ele desembarcava em Toulon, após cinco mortais dias de quarentena, e ele só chegou à sua aldeia no segundo dia após os seus funerais.

Foi para ele um golpe terrível, pois um pensamento dilacerante veio juntar-se à sua dor. Imaginou, não sem alguma razão, talvez, que

as suas dissipações e a sua vida dissoluta deviam ter causado à sua mãe um desgosto capaz de lhe abreviar os dias. Derramou portanto lágrimas de remorso. Depois fez aos manes da sua mãe o juramento de mudar de conduta.

Após ter passado quinze dias em Salins, em casa de um dos seus tios, cujos costumes patriarcais temperaram o seu espírito e afirmaram os seus projetos de reforma, deu definitivamente a sua demissão de cirurgião militar, mandou pagar as dívidas que tinha deixado em África e partiu para Paris.

Lá, retomou seriamente os seus estudos médicos, seguiu assiduamente os cursos e as clínicas, enfim, fez-se doutor no mês de julho de 1835.

Mais tarde, o próprio Jacques nos contará a continuação da sua história.

Desejo por agora dar a conhecer as desventuras da primeira mulher que ele amou.

E antes de mais quero que se saiba que a alcunha grotesca de Mémée a que ela respondia não era senão uma corrupção mimosa do nome Aimée, que ela tinha recebido da sua madrinha sobre as pias batismais.

Por muito frívola que possa parecer esta retificação, não a creio sem importância. Num relato, como na vida, os nomes têm um valor, e talvez entrem, mais do que se supõe, na causa dos nossos reveses ou das nossas prosperidades.

Dos recordações que despertam, ou simplesmente da sua eufonia, resulta uma impressão que, no espírito daqueles que os ouvem, se torna desde logo uma prevenção a respeito daqueles que os levam. Que homem chamando-se Judas fez jamais o seu caminho no mundo? Ora, um nome ridículo é quase tão fatal como um nome maldito: que as mães se lembrem disso ao batizarem os seus filhos.

Já não é portanto Mémée, mas Aimée, que nomearei doravante a viúva do cervejeiro Graffeild.

Não esqueçamos que à época em que estamos (1839), sete anos se escoaram desde o dia em que te vi pela última vez em Besançon.

É portanto tempo de explicar o enigma do seu desaparecimento súbito em 1832; enigma antes emaranhado do que esclarecido pela notícia inopinada do seu casamento.

Recorda-se que Aimée vivia sob a tutela de um velho militar reformado, chamado Desormes. Tendo este um dia de fazer à sua pupila uma comunicação importante, dirigiu-se à casa dela, onde a não encontrou. Supondo contudo que a jovem, retida sem dúvida pelos afazeres da loja, não tardaria a regressar, tomou o partido de a esperar. Em consequência, fez-se dar a chave da água-furtada que ela habitava e instalou-se lá.

O apartamento de Aimée era mais arejado do que espaçoso. Consistia numa única divisão no quarto andar, com bela vista para os telhados das casas vizinhas que, na sua maioria, não tinham senão três andares.

Podia-se de um só golpe de vista inventariar todo o mobiliário da jovem. Compunha-se de uma pequena cama com cortinados de chita branca, de algumas cadeiras comuns, de um armário de nogueira e de um pequeno móvel, chamado, creio eu, chiffonnière; móvel cuja designação explica o uso habitual, mas que, a julgar pela presença de um frasco de tinta, de uma pena e de uma folha de papel de fresco escrita, deixada sobre a sua tábua, acumulava para a sua proprietária os dois empregos de mesa de trabalho e de mesa de escrever.

Surpreendido com os hábitos literários que a sua sobrinha parecia ter contraído nas peles, Desormes, após ter deixado passar um acesso de asma que lhe tinha causado a ascensão dos quatro andares, apoderou-se sem mais cerimónias do manuscrito que o acaso entregava à sua discrição e leu-o: era o seu direito.

Esse manuscrito era uma carta inacabada e sem endereço. Ignoro aliás em que termos essa carta estava concebida e até que ponto era possível deduzir dela a verdadeira natureza das relações de Aimée com Albin, partido na véspera para a sua aldeia. A julgar pelas minhas próprias recordações, devo confessar que as formas hieroglíficas da sua ortografia cobriam por vezes com um véu espesso os sentimentos

da jovem. Além disso, o seu estilo era raramente eivado de familiaridades comprometedoras. Ao inverso de qualquer outra mulher, ela tinha mais abandono nas suas palavras do que nas suas cartas e dizia sem embaraço o que não teria ousado escrever.

Em resumo, se o simples facto da sua correspondência com um jovem era uma testemunha irrefutável da sua leveza, faltava muito para que a epístola obscura escapada da sua pena fosse suficiente para demonstrar a consumação do seu desonra.

Por isso Desormes tomou o partido muito sábio não só de nada pré-julgar, mas ainda de nada aprofundar. Dobrou a carta, fê-la no bolso e, sem se perguntar em termos demasiado prementes se a virtude das noivas fazia ou não parte do seu dote, não persistiu senão com mais força na intenção de casar a sua pupila o mais depressa possível; intenção que uma circunstância inopinada tinha feito nascer no seu cérebro.

Após meia hora de espera, não vindo a sua sobrinha, Desormes desceu do quartozinho, entregou a chave ao porteiro e regressou a sua casa.

Aimée só lá veio às cinco horas, isto é, à hora a que habitualmente se dirigia no domingo à casa do seu tio para jantar com ele.

O bom Desormes acolheu-a com o ar afetuoso que tinha sempre para ela. Tomou-lhe as mãos, beijou-a na testa e sem mesmo lhe perguntar o que a tinha impedido de vir mais cedo, introduziu-a no seu quarto, onde a convidou a sentar-se junto do fogo e sentou-se ele próprio ao lado dela.

Contudo, os velhos amigos de Desormes, aqueles que conheciam melhor o seu humor, as suas manias e a sua calma habitual, teriam facilmente adivinhado que alguma grande preocupação o obcecava, de tal modo teria havido para eles estranheza na forma desordenada como ele espevitava o fogo, tomava a sua pitada e sacudia os joelhos das suas calças com as mangas do seu casaco. De tempos a tempos, abanava a cabeça ou fazia um pequeno esgar como se lhe tivessem pisado um calo. Finalmente, pôs-se a assobiar à maneira do tio Toby, em Tristram Shandy, uma espécie de Lilla-Bullero que, nas grandes

ocasiões, servia de bom grado de exórdio aos seus discursos, dos quais um acesso de tosse era a peroração habitual.

Terminado este exórdio, expressou-se assim:

— É aborrecido, minha sobrinha, que as tuas ocupações te não tenham permitido vir ver-me um pouco mais cedo. Tinha de conversar contigo sobre um grande negócio que te diz respeito. Além disso, como nos resta ainda meia hora antes do jantar, é mais tempo do que me é preciso para te explicar aquilo de que se trata.

Eis-te, Mémée, nos teus dezanove anos, e eu vou ficando velho. De um dia para o outro, posso morrer e deixar-te só ou quase só num mundo que na tua idade se vê de modo muito diferente do que ele é. Creio-te bastante razoável para fazer uma honesta mulher; não o serias talvez bastante para ficares uma honesta rapariga. Pensei portanto em estabelecer-te. Viste aqui no domingo passado o Sr. Victor Graffeild... Eh, meu Deus! não enrubesças (a pobre Aimée estava purpúrea). Victor é um rapaz honesto e inteiramente capaz de fazer uma mulher feliz. Sabes, além disso, que conheço a sua família. Ele é o filho mais velho de Antoine Graffeild, um dos amigos do teu pai. Tu agradas-lhe, ele pediu-me a tua mão, e pela minha fé... Ora bem! eis que choras! E por que razão chorar? Porventura Victor não te agrada? que tens a censurar-lhe? vá, vejamos, fala francamente.

— Ele é ruivo, fez soluçando a jovem que, na pavorosa confusão dos seus sentimentos, não desembaraçava senão a necessidade de responder ao seu tio e o horror que lhe inspirava aquele que vinha tão inopinadamente declarar-se o rival de Albin.

— Ele é ruivo?... repetiu primeiro Desormes, sem se zangar, e procurando penetrar o sentido que podia ter semelhante objeção.

Mas, quando se julgou certo de ter compreendido, a cabeça subiu-lhe. A carta de Aimée, que ele tinha no bolso, veio-lhe à memória e fê-lo sair do seu caráter. Levantou-se, atirou para o canto da chaminé o par de tenazes que segurava e que caiu ruidosamente sobre o soalho. Finalmente, bateu com o pé e exclamou num tom cuja solenidade contrastava risivelmente com o sentido absoluto das suas palavras:

— Ele é ruivo! minha senhora minha sobrinha... Graffeild é ruivo e isso desagrada-vos! Eh, por Deus! nós lho mandaremos tingir se lhe for preciso isso para casar convosco. Vejamos, dizei-nos enquanto aí estais a cor que vos agrada, ou antes, dizei-nos qual é a cor daquele a quem escreveis tão belas cartas!

Aimée, a este último propósito, ergueu grandes olhos ainda mais surpreendidos do que chorosos para o seu tio, que continuou:

— Ah! eis o que vos espanta, minha senhora! Ora bem! sim, nós sabemos tudo; mas por vossa vez, aprendei isto, é que, enquanto eu viver, a filha do meu irmão não se tornará uma companheira de perdição; aprendei ainda...

Um violento acesso de tosse impediu Desormes de dar a saber mais à sua sobrinha que, de resto, já não sabia senão demais para seu malogro.

Ser-me-ia impossível pintar a dor e a confusão da jovem quando, dominado pela sua asma e quase envergonhado de ter feito tanto barulho, o seu tutor retomou com uma voz mais calma, mas contudo firme ainda:

— Basta assim, minha sobrinha; nada de cenas, nada de espalhafato. Faltam-te ainda dois anos para atingires a tua maioridade. Quando fores maior, és livre de agir como bem te parecer. Mas até lá não tens o direito de dispor de ti sem o meu consentimento. Ora, Graffeild tem a minha palavra e eu não lha retirarei. Agora reflete.

Em vez de refletir, a pobre Aimée contentou-se com chorar. Crer-se-á aliás sem custo que, lendo raramente o Código Civil, ela estava pouco esclarecida sobre a extensão da autoridade que a lei confere aos tutores sobre os seus pupilos; não lhe veio mesmo à ideia que o seu tio não tinha o direito de a casar contra a sua vontade. Mas se essa ideia lhe tivesse vindo, tê-la-ia repelido com espanto. Submissa até à abnegação, tão incapaz de resistência como de iniciativa, obedecia por instinto e resignava-se por fraqueza, de tal sorte que essa mesma resignação não era nela por assim dizer senão uma virtude negativa. Nas circunstâncias difíceis, não sabia senão chorar, perdia a cabeça, já não pensava, abandonava-se à sorte como a flor caída num torrente, e só recobrava os sentidos após a consumação da sua desgraça.

Foi assim que em menos de quinze dias, não obstante o seu amor por Albin e a sua aversão por Graffeild, ela se tornou sem muito saber como a mulher deste último.

Confinada em casa do seu tio onde tomava as suas refeições e dormia, não lhe veio mesmo ao pensamento escrever ao seu amante, pelo qual, estou certo disso, teria dado a sua vida, mas pelo qual ao mesmo tempo não sentia a coragem de cometer um ato de desobediência.

Contudo, como Julie d'Etange tornada Senhora Wolmar, Aimée guardava no fundo da sua alma a imagem querida do seu Saint-Preux. Mas se ela estava longe de ser uma Julie, faltava muito mais ainda para que Graffeild se assemelhasse a Wolmar. Este homem era simplesmente um operário brutal cujos vícios torpes se escondiam sob as maneiras meias-burguesas de um proletário abastado.

No dia seguinte ao das bodas, Desormes prestou as suas contas de tutela e os novos esposos partiram para Estrasburgo. Que viagem para a pobre Aimée!

Nem todo o mundo figura bem o que há de horror no papel passivo de uma jovem sentimental, pura ainda e entregue sem transição ao contacto obsceno de um homem grosseiro que ela abomina. Por muito que as leis e a religião santifiquem semelhantes acasalamentos, eles não deixam de ser monstruosidades.

Aimée estava longe de ser o que eu a tinha julgado ao início: tinha tomado a sua ternura por depravação, a sua ingenuidade por astúcia. Ela era fraca, eis tudo; fraca no moral como no físico. Mas este defeito nas condições ínfimas é o pior de todos os vícios.

Graffeild começou por desprezar a sua mulher; um pouco mais tarde bateu-lhe. Reveses, uma falência, algumas perdas no jogo acabaram de o azedar e puseram o cúmulo aos seus arroubos. Então tornou-se no seu lar uma verdadeira fera.

«Sob pretexto de se consolar das suas perdas e sobretudo do desgosto de me ter, dizia-me um dia Aimée, ele embriagava-se todo o dia, e à noite maltratava-me. Por isso tinha eu um tal pavor dele que, ouvindo somente o barulho das suas botas no pátio quando ele

regressava, era tomada de um tremor nervoso e de um aperto de mandíbula que me impedia de falar, ao ponto de me ser impossível responder-lhe se ele me dirigia a palavra, e era então que ele me batia.»

Que existência! e isso durou sete anos!

No fim, a força de beber, Graffeild caiu doente. O médico que foi chamado julgou reconhecer os sintomas de um amolecimento cerebral: todo um lado do corpo estava paralisado. Graffeild já não andava, já não falava senão balbuciando e já não podia servir-se dos seus braços.

Então a sua mulher, anjo de bondade, esquecendo que o moribundo tinha sido o seu algoz, tratava dele como uma boa mãe teria tratado do seu filho. Levantava-o de manhã, deitava-o à noite, provia a todas as suas necessidades e não se afastava dele.

Há três semanas sensivelmente que ele estava nesse estado quando uma pavorosa catástrofe veio terminar a sua existência.

Era uma manhã. Ele estava sentado ao canto do fogo, numa velha poltrona de veludo de Utrecht. A sua mulher cosia perto da janela e dava-lhe as costas.

De repente, um grito terrível, dilacerante, infernal fá-la estremecer. Ela volta-se e tem sob os olhos o mais hediondo quadro que possa apresentar uma criatura humana.

Graffeild, com a cabeça voltada para trás, todos os músculos do corpo crispados pelo tétano, está estendido mais do que sentado na sua poltrona que se inclina para trás e ameaça ceder sob ele. Os seus cabelos estão eriçados. O seu rosto, decomposto, irreconhecível, está lívido e marmoreado de negro. Finalmente uma chama azulada escapa-se crepitando da sua boca e das suas narinas, enquanto um pavoroso cheiro de carne queimada infeta já o apartamento.

Aterrada, tomada de horror, Aimée solta gritos penetrantes. Alguns vizinhos acorrem à sua voz. Reconhecem com estupefação o assustador objeto da sua aflição. Mas que fazer? Vê-se e não se compreende, e o temível fenómeno, sem intérprete e sem remédio, acaba de se cumprir.

Em menos de alguns minutos, o cadáver de Graffeild, morto nas angústias de uma combustão espontânea, já não é senão um repulsivo amontoado de carnes e de ossos calcinados, um detrito infeto no qual ninguém reconheceria os restos de um ser humano.

Esta fim trágico passou na vizinhança por um justo castigo infligido pelo céu. Da mesma forma, dizia-se, era evidente que a chama que se tinha visto sair da boca de Graffeild não podia ser senão o fogo do inferno.

Quanto a Aimée, cujo coração generoso tinha tudo perdoado, tinha pena em compreender que Deus fosse menos do que ela própria suscetível de misericórdia... Ela chorou o seu marido!

Chorou-o porque as nossas lágrimas nem sempre são a expressão dos nossos pesares. A morte, mesmo a das pessoas que não amamos, traz em si algo de sinistro e de solene que nos comove a despeito de nós mesmos. Lembro-me de ter visto uma jovem desfazer-se em lágrimas ao saber que a mulher do seu amante estava a morrer, e chorar muito mais ainda quando lhe anunciaram que essa mulher não tinha morrido.

Que enigma o coração humano!

X

MADAME GRAFFEILD EM PARIS

X Madame Graffeild em Paris.

Graffeild não tinha tido outro filho do seu casamento senão uma garotinha nascida raquítica, e que não tinha vivido senão três dias. Morria, pois, sem herdeiros diretos, e a justiça interveio em nome dos seus colaterais. Puseram-se os selos e procedeu-se ao inventário.

Alas! despesas inúteis, ele não deixava senão dívidas.

Por todo o penhor dos quatro a cinco mil francos do seu dote e de uma soma sensivelmente igual, proveniente da sucessão do seu tio Desormes, morto em 1833, a pobre Aimée não teve portanto senão um miserável mobiliário que vendeu por escassos cem escudos.

Esta circunstância foi talvez a única em que ela deu prova, não direi de resignação (tinha-a tido toda a sua vida), mas de coragem e de vontade.

A ideia de retomar o seu antigo ofício e de trabalhar em casa dos outros não teve nada para ela de demasiado amargo. O importante e o difícil era encontrar emprego. Estrasburgo, a esse respeito, oferecia-lhe poucas de recursos. Aliás, ela tinha ganho horror a essa cidade e por nada deste mundo teria consentido em ficar lá mais tempo.

Por um instante inclinou-se por Besançon, e talvez, cativada pelo charme de uma melancólica recordação, se tivesse decidido a regressar a essa cidade se não tivesse sido retida pela vergonha tão natural de mostrar lá a sua penúria. Finalmente, pensou em Paris, esse foco de vida para o qual convergem todas as grandezas e todas as misérias.

Passo, para abreviar, sobre uma multidão de pormenores e de incidentes que, sem interesse num relato, nem por isso deixam de ter o seu lugar na vida real: tais como as perplexidades, para uma jovem mulher, de uma longa viagem numa carruagem pública; da sua chegada no meio da noite a uma cidade imensa que não conhece e onde ninguém a conhece; mil pequenos embaraços enfim que a inexperiência agiganta, e que, na amargura de um completo isolamento, geraram, mais frequentemente do que se supõe, o desespero.

Assim que se instalou, Aimée procurou trabalho. Era raro, é-o sempre. Em todos os géneros da indústria parisiense, um terço pelo menos das mulheres da classe operária não tem outra alternativa senão morrer de fome ou prostituir-se.

Foi portanto para Aimée uma boa sorte inteiramente providencial encontrar colocação quase ao chegar, em casa de um peleiro do boulevard. Tomaram-na primeiro à experiência; depois, como ficaram contentes com o seu trabalho, conservaram-na.

Tudo é relativo, bem se sabe, nas coisas da vida: a suspensão de uma dor viva é um prazer real, e a paz que sucede a longas tribulações é quase felicidade. Durante um mês, a viúva Graffeild gozou portanto com deleite a quietude e o bem-estar da sua nova condição.

Alas! não era senão uma trégua da sorte funesta que a perseguia, pois, da taça de amargura que ela julgava ter esvaziado, restava-lhe beber a borra!

Desde há dois ou três meses que a jovem viúva experimentava na sua saúde uma desordem insólita que atribuía naturalmente aos seus desgostos passados, e que, sem constituir precisamente uma doença, não deixava de a inquietar um pouco.

Tinha apetites estranhos, ou nojo de toda a espécie de alimentos. Algumas vezes mesmo acontecia-lhe devolver o que tinha tomado nas suas refeições. Finalmente, pareceu-lhe que engrossava da cintura e que os seus vestidos a incomodavam.

Impacientada com este estado de mal-estar, que parecia ir agravando-se, determinou-se a consultar um médico. Mais do que uma outra no seu lugar teria duvidado da Providência, e ter-se-ia suicidado. A infortunada estava grávida!

Em Paris, os chefes de oficina, mesmo quando têm costumes morais, mostram-se raramente escrupulosos a respeito dos das pessoas que empregam. Pouco lhes importa em geral a conduta privada dos seus operários de ambos os sexos, desde que os seus próprios interesses se não encontrem comprometidos. Mas a sua tolerância nunca se estende até os fazer suportar o escândalo, isto é, o menor facto suscetível de lançar sobre a sua casa uma luz desfavorável, e a sua virtude, sobre este ponto, vai por vezes até à prudaria.

Eis como a gravidez de Aimée, embora não tivesse nada de humilhante, visto que estava legitimada por um contrato de casamento, bastou contudo para a fazer excluir da loja onde trabalhava.

Não é, a dizer verdade, que se achasse nada de imoral na presença de uma mulher grávida ao balcão. Mas Aimée tinha tido o torto de não contar a sua história. Viu-se desconfiança e dissimulação onde não tinha havido senão timidez. Em suma, despediram-na para a punir da sua discrição.

Acrescento, contudo, que não lhe retiraram por isso todo o meio de existência. Posta à peça, como se diz em linguagem de oficina,

trabalhava em sua casa em vez de trabalhar na loja. O único perigo para ela era que o trabalho viesse a faltar, e foi com efeito o que aconteceu.

Ir pedi-lo para outro lado era coisa supérflua. O inverno é a estação morta para as operárias em peles, e o inverno tinha chegado. Era, pois, preciso esperar; mas, esperando, era preciso viver.

Para acréscimo de perplexidades, a jovem viúva via aproximar-se o termo da sua gravidez. Estabelecendo o seu cálculo sobre a declaração do homem da arte que tinha consultado, devia estar grávida de mais de oito meses.

A pequena soma que tinha ao partir de Estrasburgo tinha-lhe servido para pagar a sua viagem e os móveis indispensáveis à sua instalação. Restava-lhe no máximo com que subsistir algumas semanas.

Vender os seus panos, e no caso de necessidade até a sua cama para alimentar o seu recém-nascido, eis portanto a necessidade que ela tinha em perspetiva. Um ato antecipado de devotamento materno sugeriu-lhe o meio de se esquivar a isso.

Oh! foi o seu bom anjo que a inspirou quando, desafiando uma tola vergonha, tomou o partido de solicitar a sua admissão num hospital.

No dia seguinte ao da sua entrada na Clínica, um dos jovens médicos que, para sua instrução, seguiam o chefe de serviço, parou diante da sua cama.

Após a ter examinado com um ar estranho e com uma emoção visível, aproximou-se dela e tomou-lhe a mão.

— É a senhora, Aimée, disse-lhe ele... Mudar de modo considerável, mas reconheço-a.

— Ele! murmurou a jovem mulher enrubescendo e sufocando um grito de alegria, é ele!... Ah! obrigado, meu Deus! bem sabia que o tornaria a ver.

Assim como os nossos leitores adivinharam, o herói desta patética reunião não era outro senão o nosso amigo Jacques Albin.

Jacques era generoso. Embora uma paixão nova tivesse singularmente apagado do seu coração os traços outrora tão caros da sensível Aimée, embora além disso ele não tivesse tido esclarecimentos sobre os tortos que lhe supunha, prezava ainda bastante a recordação dos seus primeiros amores para não abandonar no triste estado em que a tornava a ver a mulher que tinha tanto amado, e que até então tinha tido o direito de crer infiel.

A viúva de Graffeild deixou portanto o hospital e regressou ao seu quartozinho.

Uma enfermeira inteligente, escolhida e paga pelo meu amigo, foi encarregada de lhe dar cuidados. Oito dias depois ela deu à luz um rapazinho, penhor irrefutável aos olhos de Albin de uma falta desde há muito perdoada, mas que, contudo, por uma espécie de respeito pelos seus sentimentos de outrora, ele receava ainda aprofundar.

Felizmente tudo se esclareceu sem que Aimée tivesse de enrubescer.

Ela contou ingenuamente a sua história. Jacques escutou-a, acreditou nela, comoveu-se mais de uma vez enquanto ela falava, depois foi, como já se sabe, o padrinho do recém-nascido.

Não obstante as circunstâncias precárias em que via o dia, esta criança parecia conjurar a sorte que desde há tantos anos se encarniçava sobre a sua mãe. Teve por madrinha uma jovem senhora da província de quem Albin tratava desde há alguns meses.

Eu próprio conheci essa senhora. Ela chamava-se Caroline G.

Possam estas linhas cair-lhe sob os olhos e provar-lhe a boa recordação que dela conservei. Boa, prestável, afetuosa, a Sra. G. possuía a arte difícil de socorrer sem humilhar, de tal modo que a gratidão que lhe era devida se transformava quase de imediato em verdadeira afeição.

EM PARIS

A Sra. G., sem ser bela, tinha uma fisionomia agradável. Era viva, brincalhona, franca até à irreflexão, espirituosa sem pretensão e, por vezes, ingénua até à ingenuidade. ACRESCENTO que, condenada a viver num meio mal apropriado aos seus gostos delicados, concebera insensivelmente por Albin uma casta inclinação; espécie de ternura latente que, à falta de um meio legítimo de se manifestar abertamente, se derramou, sem se atenuar, sobre a protegida do meu amigo.

Por mais indireto que fosse, este interesse não deixou de se tornar proveitoso para aquela que dele era objeto.

A Sra. G. sabia ter para Aimée dessas palavras que consolam e reasseguram para o futuro, dessas delicadas atenções que atenuam a desigualdade das condições e fazem o encanto das relações agradáveis.

Depois, o filho póstumo de Graffeild teve um enxoval da sua madrinha, que quis ao mesmo tempo ser encarregada de lhe escolher uma ama-de-leite na aldeia onde nascera.

Por fim, a vigilância imediata do recém-nascido foi confiada à mãe da Sra. G., que, a pedido da sua filha, se comprometeu a fazer chegar todos os meses ao meu amigo o boletim sanitário do seu afilhado.

Se, não obstante a sua pouca importância intrínseca, me detenho nestes pormenores, é porque se tornarão mais tarde indispensáveis para a compreensão de um facto de muito grande valor que me proponho relatar.

É, aliás, bom observar que os diversos incidentes da vida de Aimée desde o seu casamento só foram por mim conhecidos ulteriormente à época em que tudo isto se passava, pois só em Dezembro de 1839 a revi pela primeira vez, isto é, cerca de três meses após o seu parto.

Magnetizada por Albin, era ela então somnâmbula, e foi assim que tive o prazer de a ver figurar como sujeito nas experiências que tenho em breve de descrever.

XI

DÚVIDA. — CONVICÇÃO. — FANATISMO.

II

XI

Dúvida. — Convicção. — Fanatismo.

Jacques ocupava então um entrepiso de uma das mais belas casas da rua Louis-le-Grand.

O que sobretudo me impressionou quando entrei na sua casa foi a extrema elegância do seu apartamento. Era mais do que confortável.

Havia no seu mobiliário aquele apuro aristocrático de que eu pudera reconhecer o exemplar na sua vestimenta da véspera.

Em que se tornara, grande Deus!, o bebedor desalinhado da rua Bab-Alloued?

Acusaria de inverosimilhança o herói de romance que, no espaço de cinco a seis anos, apresentasse consigo mesmo semelhante contraste.

E, no entanto, era bem ele; era bem o meu velho amigo; mas já não lhe restava de si mesmo senão o seu sotaque montanhês; sotaque indelevelmente impresso, por meio do qual os franco-condeses se reconhecerão sem dúvida, no juízo final, no vale de Josafá.

Embora eu já estivesse informado da excessiva dor que Albin experimentara aquando da morte da sua mãe, e dos projetos de reforma que ela lhe sugerira, essa circunstância não bastava para me explicar a revolução que nele se operara.

Era literalmente uma nova encarnação. A lagarta imunda e rastejante não muda mais completamente de existência quando sai da sua crisálida, com as asas de borboleta. Era bem preciso que uma causa mais persistente do que o desgosto, sempre efémero, alas!, que sucede à perda de um ser amado, tivesse presidido a esta metamorfose.

Ora, essa causa que eu já pressentira não tardou a sobressair para mim das confidências do meu amigo. A fada que ele me nomeara

mantinha-o sob a influência absoluta da sua vara, e o encantador salão-budoir no qual nos recebia devia ser, se não o santuário dessa divindade, pelo menos a sucursal do seu templo.

O que eu sabia do carácter de Albin confirmava as minhas presunções a esse respeito.

Mesmo no meio das suas desordens, eu adivinhara os traços salientes da sua organização.

Com um gosto apaixonado pelas coisas da inteligência, com uma necessidade ardente de conhecer e uma necessidade maior de amar, Albin carecia das duas faculdades que, na maior parte dos homens, são como que os eixos de todas as outras. Estava privado de brio e de firmeza.

Daí o humor fácil, mas mutável do meu amigo. Era um espírito superior, suscetível ao mesmo tempo e segundo o impulso do momento, de grandes conceções e de grandes desvios; era, além disso, um coração amante enquanto estava sob o domínio imediato do objeto que o cativara; mas, afinal, não era o que se chama um carácter.

Se nos seus estudos como nos seus sentimentos ele parecia por vezes mostrar constância, essa constância não provinha mais de um instinto primordial do que de um esforço de vontade de que era incapaz.

Resultava muito simplesmente da persistência das excitações exteriores que ele sofria sem resistir.

Generoso com todo o mundo, amando talvez um pouco o amor pelo amor, como amava a ciência por si mesma, era sensível com todas as mulheres, mas idólatra daquela que se apoderara do seu coração.

A sua paixão ia então até ao último grau da abnegação, até ao fanatismo, até ao delírio; mas nada disto teria resistido a alguns meses de ausência.

Eu enganara-me, pois, sobre a impressão que lhe haviam causado as minhas palavras quando, cinco anos antes, aquando do nosso encontro na Argélia, lhe recordara os seus amores de Besançon. Com

acrescida razão se iludira ele próprio sobre a natureza do que experimentara ao reencontrar a sua antiga amante num hospital de Paris. O que ele tomara pelo despertar de uma paixão morta para sempre não passava de um vago abalo da sua imaginação febril ao sopro das suas recordações.

Assim, o que acabo de escrever basta para dar conta da autoridade suprema que uma mulher inteligente podia tomar sobre o meu amigo.

Tinha ele, com efeito, como se costuma dizer, as qualidades dos seus defeitos, e, desde que uma vigilância ativa mantivesse sem interrupção as ardentes propensões da sua alma, a sua falta de vontade tornava-se talvez uma garantia da sua constância e certamente da sua docilidade.

Foi, pois, em breve para mim fora de dúvida que a extrema elegância de Albin não era, tal como talvez a sua própria esmerada cortesia, senão uma qualidade emprestada, isto é, um sacrifício perpétuo ao decoro de que uma mulher lhe impusera as leis.

No estilo dos seus móveis, no corte dos seus vestidos, em todas as suas formas exteriores, numa palavra, revelavam-se evidentemente os dogmas do mesmo culto ou, se se quiser, as marcas de uma fantasia feminina. Jacques, afinal, ostentava, sem dele suspeitar, a libré dos seus sentimentos. A viscondessa de V... pegara-se-lhe.

Julguei notar, contudo, que a frequência do convívio social, ou antes uma análise refletida do coração humano, lhe incutira uma virtude pessoal que, coisa bastante estranha atendendo à sua vida passada, lhe faltava outrora.

Jacques, a quem eu tantas vezes ouvira praguejar da espécie humana, tornara-se tolerante. Isto é, em matéria de ciência, suportava as opiniões contraditórias às suas e perdoava os maus costumes desde que os tinha bons.

Confesso até que por vezes o desejaria menos caridoso a respeito de certas pessoas, ou, pelo menos, um pouco mais severo no tocante a certos princípios.

— Alceste torna-se Philinte, dizia-lhe eu um dia a rir. — Por que não?, respondeu-me ele, pois Philinte não era no fundo senão Alceste civilizado.

Para ficar sobretudo impressionado com as formas sociais que Albin adquirira e sobretudo com a vivacidade de espírito que sempre tivera, era preciso vê-lo, como eu o vi, em contraste imediato com o nosso amigo Bonnin.

Este era um tipo cujo molde é pouco comum: tipo, aliás, estimável, mas que seria difícil levar sempre a sério.

Bonnin era inteiriço. Bastava vê-lo um dia para o saber de cor. Parecido, sob certos aspetos, com um desses pobres comediantes ambulantes que, representando num melodrama cuja ação dura dez anos, conservam desde o erguer do pano até ao desfecho a mesma figura e o mesmo fato, Bonnin era exatamente o que eu vira em Montpellier: longa figura de carneiro, longa espinha curvada, casaco preto de abas largas, gravata branca engomada, óculos de armação de tartaruga, lenço de bolso de algodão azul, tudo de uma limpeza irrepreensível.

François-Jérôme Bonnin devia ter vindo ao mundo com este rosto, esta figura e este trajo.

Quanto ao moral... Aqueles dos meus leitores que compreendem a poesia dos nomes de batismo acharão facilmente naqueles que ele usava o emblema do carácter do nosso amigo.

Não que ele tivesse algo quer da eloquente fervor de São Jerónimo, quer do sombrio misticismo de São Francisco de Assis; mas, abstração feita dessas duas grandes figuras, um homem de espírito, ao olhar para Bonnin e ao ouvi-lo falar, sentia ao primeiro golpe que ele se devia chamar ou Jerónimo ou Francisco.

Ele próprio parecia compreendê-lo tão bem que, refletindo nos seus dois nomes, acabara por descobrir aquele que melhor lhe convinha.

Em Montpellier, os seus íntimos chamavam-lhe Francisco, e em Paris Jerónimo. Talvez houvesse nessa mudança uma nuance de pretensão, mas quem de nós é perfeito?

Direi, para fazer compreender o meu bom Bonnin às pessoas que não partilham das minhas impressões a respeito dos nomes próprios, que ele encerrava sob as aparências de uma perfeita bonomia uma coragem estóica no tocante às suas opiniões, uma fé inabalável, uma probidade meticulosa, tudo corroborado por uma teimosia de mulo.

Discutir com Bonnin era perder tempo. Ele vira ou julgava ter visto, e não saía dali. Agarrado a esse argumento, fazia dele um cavalo de batalha que se podia matar debaixo dele sem que ele desse por isso.

Mas note-se, todavia, que não lhe faltava bom senso, nem sequer bastante espírito para compreender o dos outros, contanto todavia que se lhe desse tempo, pois a sua inteligência procedia com uma extrema lentidão.

Bonnin ria de uma boa piada; mas ria dela no dia seguinte. Era preciso, aliás, que essa boa piada não dissesse respeito ao magnetismo, atendendo a que sobre este assunto não admitia brincadeiras.

O magnetismo era nele a corda sensível; tão sensível que muitas vezes a faziam vibrar sem lhe tocar. E faço notar que sobre esta questão a sua tese, feita de antemão, era uma espécie de catecismo cujo texto era sagrado e gravado no bronze como a lei das Doze Tábuas: — O magnetismo existe? — Sim. — É evidente? — Sim. — É útil? — Sim. — É preferível à medicina como meio curativo? — Sim, sim, sim, cem vezes sim!

«O magnetismo ou a morte!», teria de bom grado exclamado Jerónimo, parodiando com o mais profundo seriedade o famoso dilema de noventa e três.

Tal era o amigo Bonnin.

Espero que, ao esboçar o seu retrato depois de ter completado o de Albin, que o leitor deve agora conhecer, tenha dado o sentido das três palavras: *Dúvida, convicção, fanatismo,* que figuram no cabeçalho deste capítulo.

Graças a Deus, eu era demasiado céptico para fundar uma convicção em dados incertos. Era, além disso, demasiado voltairiano para me tornar jamais fanático. Assim, longe de expressar os termos

progressivos da minha crença no magnetismo, a trilogia do meu título implica três personalidades:

A dúvida sou eu;

A convicção é Jacques;

O fanatismo é Bonnin.

Antes de proceder às experiências que nos reuniam, Albin julgou dever preparar-me para elas por algumas palavras de exortação.

Começou, pois, um pequeno discurso, durante o qual Jerónimo, inclinando-se com um ar de aprovação ao fim de cada período, parecia marcar o ritmo do pensamento do orador.

Interrompi brutalmente esse duo de eloquência para perguntar ao meu amigo onde estava a Sra. Graffeild.

— Está ali, respondeu Albin, no meu gabinete, onde lê enquanto nos espera.

— Ora! Faz com que entre. Anseio pelo prazer de lhe apertar a mão.

— Agradeço-te por ela, mas faço muita questão de que ela não te veja antes de estar adormecida.

— Que ideia tão singular!

— Escuta-me, meu amigo: fiz o voto de te convencer da realidade do magnetismo. Não podes, pois, achar mau que eu tome providências para ser bem-sucedido. Ora, notei há muito tempo que a mais ligeira emoção durante a vigília trazia prejuízo àquilo que chamamos a lucidez dos sonâmbulos; logo...

— Continua, meu amigo: tirei a consequência e admiro a tua precaução.

— É sábia, é muito sábia, disse Bonnin com uma voz estridente.

Jacques olhou para mim, sorriu e tomou de novo a palavra nestes termos:

— Despenda-te, meu amigo, de toda a espécie de prevenção. Se não és médico até à ponta das unhas, isto é, impregnado de

preconceitos tradicionais, deve parecer-te indiferente que o magnetismo seja ou não seja. Pela minha parte, se não fosse, nada daria para que fosse. Mais ainda: desejaria de todo o meu coração nunca dele ter ouvido falar. Mas visto que afinal sei que existe, visto que dele adquiri a certeza, não sinto em mim a coragem ou a cobardia de dissimular a minha fé.

Neste momento, Jerónimo fez com todo o corpo um grande gesto, do qual apenas compreendi a solenidade.

Também eu o olhava com uma espécie de apatia.

Albin veio em meu auxílio:

— Acreditas talvez, disse-me ele, que Bonnin aprova o que digo? Pois bem, desengana-te: Bonnin ainda não chegou aí. Apostaria que o movimento que acaba de fazer não é senão uma nova aprovação da precaução que tomei ao ocultar a tua chegada à Sra. Graffeild. Ora, seja franco, Jerónimo!

Bonnin fez, sem pestanejar, um sinal de cabeça afirmativo. Sufoquei uma gargalhada, e Albin continuou:

— Os factos magnéticos não têm em si mesmos nada de mais maravilhoso do que todos os outros factos naturais. A gente espanta-se porque os vê raramente, e a dúvida que os acolhe prende-se com a sua inconstância.

— E de onde provém essa inconstância?

— Deus o sabe; mas o que me espanta é ver certos fisiologistas fazerem disso levianamente um argumento contra nós, pois ela é própria dos fenómenos que eles observam todos os dias. Não viste cem vezes na Sorbonne ou no Colégio de França as experiências falharem e desmentirem de algum modo a teoria, justa contudo, que o professor acabara de expor?... Por que razão o teu estômago não digere igualmente bem todos os dias? Por que razão os tolos têm por vezes espírito? Por que razão as pessoas de espírito fazem tão frequentemente tolices? O homem, como vês, conforme se disse, só é constante na sua inconstância, e, graças à desigualdade de todas as nossas aptidões, justificamos sem cessar esse dístico de comédia.

— Que tem a responder?, disse Bonnin, fazendo da sua grande boca uma pequena careta que significava: *Safa-te dessa se puderes.*

— Tenho a responder, meu caro colega, que um homem que tem bons olhos vê claro todos os dias.

— E se os tem maus?... retorque vivamente Bonnin, fazendo tiro de todas as tábuas, e que, na sua pressa de me confundir, toma a miopia por um argumento.

— Se os tem maus?... vê menos bem, mas afinal ainda vê. E, aliás, acrescentei com a intenção de exasperar Jerónimo, que pode essa circunstância fazer aos vossos sonâmbulos, que, segundo vós, leem através das paredes sem o auxílio dos seus olhos? Se o que dizeis é verdade, um sonâmbulo deve ver tudo, ou sustento que não vê nada.

Bonnin, atordoado por este pavoroso sofisma, não encontra nada a objetar-lhe, mas Jacques vem em seu auxílio.

— Eis, disse ele, a mais louca maneira de raciocinar que as academias inventaram. Tal sonâmbulo, dizem certos sábios, que, de olhos vendados, lê uma palavra num livro, deve poder igualmente ler duas ou duas mil, ou a lucidez não existe. Ora, para pôr a nu todo o valor deste belo silogismo, apliquemo-lo a factos conhecidos. Leio um volume, só dele retenho duas linhas, e tenho, contudo, o direito de concluir que a memória existe e que estou, como qualquer outro homem, dotado dessa faculdade. Nada disso, poderia de repente exclamar algum insensato, pois, se a memória existisse, teríeis retido todo o volume.

— Ah! O caso é diferente.

— Talvez; que se sabe disso? Mas, crê-me, meu amigo, não te esfalfes de antemão por encontrar objeções contra este pobre magnetismo, que, em definitivo, nunca te fez mal nenhum. Duvida, se o quiseres: é, assim como te dizia ontem, o procedimento de um espírito sábio; mas não julgues sem provas. Só te peço por agora uma única concessão: sê benevolente e guarda-te de imitar esses loucos furiosos que, assistindo a experiências, parecem sempre prestes a devorar magnetizador e sonâmbulo, por pouco que essas experiências pareçam ser bem-sucedidas.

— Ah! Tu bem sabes que não sou nenhum ogro.

— Sim, sei que és bom; por isso vou, em toda a confiança, adormecer o nosso sujeito.

— Que cabeça!, disse Jerónimo quando Albin saiu.

— Sim, Jacques tem espírito.

— Espírito! Diga génio. Este homem teria sido capaz de inventar o magnetismo.

— Mas vejamos, meu caro colega, falemos das nossas experiências. Tenho a minha no bolso: são cabelos. Tem alguns?

— Cabelos?... Bem os vê.

— Onde estão eles, afinal?

— Mas... na minha cabeça, aparentemente.

— Não é isso, não é isso.

— Eh! Que é então, peço-lhe? É uma peruca que lhe seria precisa?

— Meu Deus! Como o senhor é...

— Conclua, disse eu a rir.

— Médico! Olhe, acrescentou Bonnin, tirando do bolso do seu colete um pequeno pacote selado. Eis os cabelos de uma criança raquítica, escrofulosa e maneta, além do mais. Esta menina tem cinco anos. É pálida, frágil, doentia, taciturna. Pois bem! É o que, ao simples contacto dos seus cabelos, nos dirá a sonâmbula, se for tão clarividente como pretende o nosso colega. Mas, visto que não teve o cuidado de lhe trazer algum objeto análogo, far-lhe-á fazer uma viagem.

— Uma viagem?

— Sim. Como conhece o Levante, por exemplo, poderá conduzi-la a Esmirna, a Constantinopla, a Alexandria, para onde quiser, afinal.

— Não está a rir, Bonnin?

— E de que me riria eu?

— Oh! Então é a minha vez de lhe dizer que o senhor é muito... magnetizador! Como! É seriamente que me propõe embarcar com esta mulher e fazê-la dar a volta ao mundo!... Quero que o diabo me leve, Bonnin, se o senhor não está a ficar doido varrido.

— Eh! Grande Deus! É que o senhor não me compreende.

— Então explique-se e fale sem parábolas.

— É uma viagem mental...

— Que me propõe? À boa hora... Se se trata apenas de ir ao Egipto sem sair de Paris, por que não o dizia logo? Estou prontíssimo a partir; mas, para lhe falar francamente, isso não me parece ainda claro.

— Nada contudo é mais simples. Toma a mão da sonâmbula e diz-lhe: *Minha senhora, queira seguir-me*, depois...

— Ah, bom!... Fustiga, cocheiro! Creio que o compreendo.

— Entrem, meus senhores, disse Albin, abrindo-nos a porta do gabinete.

— Épico sem juízo!..., murmurou Bonnin em tom de aparte e dirigindo-se majestosamente ao convite do nosso amigo.

Escurecido por um duplo par de cortinados, uns de damasco verde, outros de musselina bordada, o gabinete de Albin não é menos elegante do que o seu salão.

A Sra. Graffeild, em vestido de luto, está sentada numa grande poltrona de tapeçaria que ocupa o meio da divisão.

Saúdo-a ao entrar, mas ela não me retribui a saudação. Albin afirma que ela dorme, o que nada no seu porte me teria permitido supor.

Seja por efeito do claro-escuro no qual a revejo, seja porque na realidade sete anos de infortúnio tenham deixado nos seus traços uma profunda marca, ela parece-me tão mudada que não a teria reconhecido.

Não é que Aimée tenha empobrecido de beleza. Está pálida, na verdade, mas há na expressão do seu rosto um não sei quê de inteligente, ia dizer de inspirado, que ela não tinha outrora.

As suas pálpebras entreabertas deixam entrever o branco dos seus olhos. Por fim, parece-me que duas lágrimas estão suspensas nas suas longas pestanas negras.

— Como! Ela chora!, exclamei.

— Sossega, responde Albin, ela chora, mas sem desgosto. É um efeito do magnetismo.

A fim de lisonjear Bonnin no seu gosto favorito, Jacques faz-lhe sinal para tomar uma poltrona vaga ao lado da sonâmbula e se pôr em primeiro lugar, na sua qualidade de adepto, em relação com ela.

Jerónimo obedece e apodera-se, sem mais formalidades, de uma das mãos da jovem viúva, que parece estremecer.

— Ah! Ah!..., faz ela, soltando um som flautado. Depois, após um curto silêncio, acrescenta com uma voz suave, um pouco breve e muito afirmativa:

— Não o conheço.

— Não, minha senhora; mas, se assim o desejar, vamos fazer conhecimento.

— De bom grado: que quer de mim?

— Trago-lhe cabelos.

— Cabelos! Sempre cabelos!...

As pessoas são ridículas. Enfim... vejamos, dê... O senhor tocou-lhes?

— De modo nenhum.

— À boa hora.

A Sra. Graffeild dessela ela própria o pacote que lhe apresenta Bonnin e dele tira uma mecha de cabelos louros, que aperta na mão, depois sobre a sua testa e sobre o seu coração.

— É uma mulher, diz ela.

— Não.

— Não é uma mulher?

— Não.

— É sim, meu senhor, o senhor está a enganar-me, pois não é um homem.

— É verdade que não é um homem.

— Então uma mulher tocou-lhes?

— Talvez.

— Talvez... talvez... É engraçado! Vejo uma mulher... uma mulher alta, de touca, com laços de fitas encarnadas... Oh!, meus senhores, que estranho!... Dir-vos-ei isso daqui a pouco... Mas... mas... mas... Ah! Aqui estou... É a mãe que eu estava a ver.

— Justamente!!

— Meu Deus, sim, diz Aimée, balançando-se na sua poltrona com um arzinho infantil... É uma pobre criança de sete a oito anos... Um pouco menos... Cinco a seis anos... Ah! Mas de outra vez diga à mãe para não tocar nos cabelos.

— Perfeito! Admirável!

Como não tenho nenhuma razão pessoal para partilhar desta admiração, abstenho-me de ir além das exclamações de Bonnin, que, não podendo compreender semelhante frieza, com isso se indigna à sua maneira, isto é, sacudindo a cabeça e batendo com o pé.

A sonâmbula continua:

— Não é bonita a sua menina.

— É verdade.

— Será mesmo a sua?... Vejamos... Não, não é do seu sangue... Tanto melhor para si, pois ela não é bonita... Ora esta!... Que tem ela nas costas?... Uma corcunda?... Pois é, pobre menina!

— Por esta feita, faz Bonnin dirigindo-se a mim, que diz o colega a isto?

— Dê-me tempo para refletir sobre o assunto.

— Com quem está o senhor a falar?, faz a sonâmbula.

— Continue, continue.

— Sim, mas com quem está o senhor a falar? — Sabê-lo-á em breve. — Como se faz, observei eu com toda a reserva imaginável e abrandando a minha voz, que a Sra. Graffeild, que pretende ver longe daqui a pequena menina cujos cabelos toca, não me veja, contudo, a mim, que estou tão perto dela? — Justamente porque ela segura os cabelos dela, ao passo que não segura os seus. — Eu explicar-te-ei isso, disse Albin, que compreendeu que a resposta do nosso colega devia deixar-me algo a desejar. — Isso é então explicável? — Pudera! — Sim e não... Tu julgarás. — Ora bem, retoma Jerónimo, que descobre ainda de particular na minha pequena doente? — Ela tosse. — Acidentalmente. Procure outra coisa. — Ela tem gânglios no pescoço. — Nada de mais exato; mas outra coisa ainda... — Ah, ora essa!... Ela reúne então todas as misérias deste baixo mundo? — Procure bem. — Sim... Vejo... — O quê? — Escapa-me... Não é uma doença. É... uma enfermidade. — Está no caminho certo. — Eh! Eu bem sei que estou no caminho certo; mas digo-lhe que isso me escapa.

— Vê-lhe os membros? — Sim. — Todos? — Sim. — Os seus dois braços? — Mas sim. — Ah! Que desgraça! Que desgraça não acabar melhor depois de ter começado tão bem!

Seria difícil imaginar algo de mais divertido do que a fisionomia desfeita de Bonnin, debitando esta jeremiada que parece como que o ponto de remate final do *crescendo* das suas últimas perguntas.

Seguramente, o erro que ele lamenta, ao afastar do meu espírito toda a ideia de conluio, não faz senão confirmar para mim a sinceridade da sonâmbula e o valor muito significativo de uma experiência tanto mais provante, na minha opinião, quanto apenas é bem-sucedida a meias.

Mas estas deduções são demasiado subtis para a inteligência de Bonnin.

— Pouco filósofo é o senhor, diz-lhe Jacques. Penso o senhor então que os sacerdotes de Delfos eram queimados vivos a cada erro da Pítia? Seremos mais felizes outra vez. — À tua vez, acrescenta ele, dirigindo-se a mim.

— É engraçado, este senhor!, diz a sonâmbula, dando-me a sua mão. Como se fosse por minha culpa que a sua pequena doente tem uma corcunda, gânglios no pescoço e uma pequerrucha cara de coelho branco. — Depois, mudando de tom de repente: — Mas eu conheço-o, diz ela com uma voz comovida;... sim.... eu vi-o.... lá longe, lá longe.... há muito tempo com ele, não é verdade?... Não é verdade que é o senhor? — Mas sim, minha senhora, sou eu. — É singular!... Isso recorda-me... Já não é como outrora, olhe, para ele... pois para mim... — Quer a senhora fazer uma viagem?... Vamos lá longe, lá longe. — Oh! Não.... suplico-lhe. — Eh! Porquê?, diz Albin.

A sonâmbula hesita, baixa a cabeça e diz muito baixo: — Porque o senhor já lá não está.

Depois, após uma pausa de um minuto, durante a qual parece absorvida: — Deixe-me, meu senhor, não me toque mais, isso agita-me... Ah! Vejo todo o passado... É pavoroso!

O seu magnetizador ensaia acalmá-la e parece ser bem-sucedido. Um não sei quê de seráfico ilumina de repente a figura da jovem mulher. Neste momento, creio no magnetismo com uma espécie de fervor.

— Jacques, diz ela com uma voz suave e penetrante... vejo o futuro... Vejo ainda um grande desgosto. — Para mim? — Não, para mim, graças a Deus!

Quanta paixão nestas palavras!

— Sim.... Na próxima quarta-feira (estávamos a uma quinta-feira) a esta mesma hora, chorarei. — E por que razão chorará? — Ignoro-o.... não o posso ver. — Faça um novo esforço.

— Não, esforço-me em vão.... Tudo o que vejo é um desgosto, mas cuja causa me escapa.... Acorde-me, meu amigo.

Jacques acede ao seu desejo e diz-nos a meia-voz: — Meus senhores, o acaso serve-nos.... Até à próxima quarta-feira.

A Sra. Graffeild, acordada, passeia lentamente os seus olhares em redor de si sem parecer ver-nos. Por fim, contudo, apercebe-se de nós e saúda-nos com um ar tímido.

— Reconhece-me, minha senhora?, digo-lhe estendendo-lhe a mão.

Ela hesita, sorri, dá-me maquinalmente a mão e faz um sinal negativo de cabeça, interrogando com os olhos Albin, que é forçado a dizer-lhe o meu nome. Então Bonnin avança e diz-lhe com ênfase:

— Está muito bem, minha senhora, a senhora é muito clarividente; com exceção de uma única omissão, estamos perfeitamente satisfeitos. — Cumprimento perdido, diz Albin, Aimée não crê no magnetismo. — Não crê?... Ora essa!, e Bonnin encolhe os ombros.

Despedimo-nos da jovem viúva e regressamos ao salão.

— Ora bem?, diz-me Jerónimo, colocando-se em frente de mim. — Ora bem, duvido ainda, mas estou muito abalado. — Queres esperar pelo desfecho? — Meu Deus, sim. — E tens razão. No teu lugar, outrora, teria feito o mesmo. — Mas tu próprio, meu amigo, quem te convenceu então?

— Ah! Ah! É toda uma história. Se queres que te a conte, acompanha-me amanhã à noite ao baile da duquesa de L... — Quem me apresentará? — O teu servidor. — A tua fada estará lá? — Talvez. — E contar-me-ás também a história dos teus novos amores? — Se a ocasião o permitir. — E o senhor, Jerónimo, será dos nossos? — Eu, no baile! Onde está com a cabeça? Ah! Que Deus me livre disso!

Que pena! Teria, creio eu, dado um dos meus olhos para ver com o outro Jerónimo Bonnin dançar a polca em casa de uma duquesa.

XII

UMA PARTIDA DE ECARTÉ

XII

Uma partida de ecarté

Às dez horas, Albin e eu estávamos em casa da duquesa.

A reunião era numerosa; dançava-se em dois salões.

A duquesa de L... passava por ser uma mulher de espírito: o acolhimento agradável e familiar que ela fez a Albin pareceu-me provar que ela merecia essa reputação, pois quase só as pessoas de espírito fazem caso da inteligência.

Nada direi nem das pessoas nem das coisas que a rodeavam. Por mais brilhante que seja um baile, a natureza destas memórias proíbe-me a sua descrição.

Aliás, para os meus olhos profanos, todos os bailes da alta sociedade têm a mesma fisionomia. Ruído, luz, perfumes misturados, pessoas que se agitam, mulheres cor-de-rosa ou brancas, homens de preto ou galonados, conversas vazias de sentido, olhadela, insipidezes, mentiras, tolices, por vezes um pouco de espírito, sempre muita maledicência e mais ainda calúnias: tais me pareceram até ao presente os verdadeiros elementos de todas as festas parisiense.

Após as saudações da praxe e as banalidades com que as acompanham, regressámos ao segundo salão, onde se formavam duas quadrilhas. Mais habituado do que eu a viver nestas multidões, Albin explorara num piscar de olhos todos os rostos. De repente, vi no seu a expressão de uma alegria contida; inclinou-se para mim e disse-me ao ouvido:

— Ela está cá, ei-la, acabamos de nos desejar a boa-noite.

Confesso que não reparara nessa troca de cortesias.

— Onde está ela? — Defronte de nós, com o cotovelo apoiado na consola. — À esquerda da janela? — Sim, uma rosa nos cabelos, nem um brilhante sobre si, pois ela os aborrece.

A viscondessa Mathilde de V... (1) pareceu-me ter entre vinte e oito e trinta anos.

Era uma mulher de estatura média, tanto quanto eu podia julgar ao vê-la sentada. O seu rosto, ligeiramente aquilino, estava pálido e cansado. Tinha contudo, sem ser gorda, uma certa farta compleição, e os seus ombros eram de uma alvura deslumbrante. Os seus cabelos, de um castanho duvidoso, agrupavam-se com bastante negligência em dois largos bandós, sob os quais a sua testa, larga aliás e perfeitamente lisa, se ocultava bruscamente e fugia para trás. O seu nariz, pequeno e bem feito, encimava uma boca bastante graciosa, com lábios pálidos e móveis e dentes um pouco demasiado espaçados. As sobrancelhas, fortemente arqueadas, desenhavam-se a custo acima dos seus olhos; mas os olhos em si mesmos pareceram-me de uma admirável beleza.

(1) Peço ao leitor para não esquecer que os nomes são aqui pseudónimos.

Eram castanhos, vivos, brilhantes e suaves.

Havia no conjunto desta mulher, que em definitivo estava longe de ser bonita, um não sei quê de atraente que cativava a atenção.

Pergunta-se a si próprio, ao examiná-la, se o seu ar abandonado era coquetaria ou ingenuidade, se a sua tristeza era melancolia, se o seu cansaço provinha do desgosto ou do prazer.

Nos seus olhares, na sua pose, nos seus menores movimentos transparecia uma certa intenção de agradar, mas que se não sabia como qualificar. Havia tanta bonomia nas suas pequenas pretensões, tanta graça e naturalidade nos seus trejeitos, que daí concluí que ela fazia muito simplesmente do parecer agradável uma questão de consciência.

— Dançarás?, disse-me Albin. — Não, só danço em casa dos meus amigos. — E eu não danço em parte nenhuma; mas jogas? — Raramente, e esta noite não jogarei, pois estaria certo de perder. — Porquê então? — Porque recebi esta manhã uma carta que me contrariou. — Uma carta!... E que relação há entre essa carta e o teu receio de perder no jogo? — Ah! Ah!, meu caro amigo, cada um de nós tem a sua mania; eis a minha: creio nas marés de sorte como nas

marés de azar. As pessoas felizes sê-lo-ão em todas as coisas, ao passo que as infelizes parecem predestinadas a não ser bem-sucedidas em nada. Ora, temos os nossos dias de felicidade e os nossos dias de infelicidade.

— Sem contar os nossos dias mistos, aparentemente. — É possível também. Mas existe evidentemente entre todos os acontecimentos que nos sucedem uma certa concordância que emana, ou da Providência, ou da essência da nossa natureza. Isso é tão verdade que o vulgo disso fez a observação: *um azar nunca vem só*, diz um provérbio sem dúvida muito antigo.

— Assim, o primeiro incidente que notas ao acordar é para ti o presságio certo do que te deve acontecer durante o dia?

— Certo.... É dizer muito. — Supersticioso! — Não me defendo disso. Quase todas as pessoas nervosas e, portanto, suscetíveis de impressões muito delicadas estão sujeitas à mesma fraqueza.

Enquanto conversávamos assim, tínhamos entrado numa sala onde se jogava o *whist*, numa mesa, e noutras duas o ecarté.

Aproximámo-nos de uma destas últimas que um grupo numeroso rodeava.

— Faltam dez francos do meu lado, dizia um dos jogadores; quem de vós, meus senhores, os põe?

Olho para o jogador e completo a aposta.

— Cometes uma inconsequência, disse-me Albin ao ouvido. — Não, é para te convencer.

A partida começa, o nosso adversário faz o *slem* depois de ter anunciado o rei; em suma, em duas jogadas perdemos.

Aquele que sucede ao meu parceiro é um homem alto, calvo e de bigodes pretos.

— Aposta ainda?, diz-me ele. — Não, meu senhor. — E afasto-me com Albin, que me conduz a uma pequena galeria deserta onde podemos conversar sem receio de ser ouvidos.

— Quem é então, disse-me em primeiro lugar o meu amigo, o jogador pelo qual apostaste? — Ora, acabo de o ver pela primeira vez. — Em verdade! Pareciam conhecer-se. — É que este homem me agrada. — Porquê?

— Não sei de todo. — E o jogador que lhe sucedeu? — Oh! Desagrada-me soberanamente. — Porquê? — Não sei de todo, ainda. — Às mil maravilhas! Mas confessa agora que o que experimentaste por esses dois desconhecidos o sentiste cem vezes em parecida circunstância. — É verdade; o mundo está cheio de indivíduos que desde a primeira vista nos agradam ou nos desagradam sem que possamos dizer porquê. — Nada de mais justo! — Gostas de trufas? — Muito; mas onde queres chegar? — E de pudim? — Abomino-o.

UMA PARTIDA DE ECARTÉ. 55

— Porquê? — Que o céu te confunda com as tuas perguntas esquisitas! — Responde-me, peço-te. — Que queres que te responda? A mil perguntas semelhantes diria sempre: *não sei de todo*. — Ora bem, resumindo: a vida humana, considerada no seu carácter essencial e dominante, consiste numa mistura inextricável de atrações e de repulsões mais ou menos pronunciadas, cuja causa ninguém até ao presente especificara. — E tu, conheces a causa? — Esquecido! E a minha teoria?... Esta causa é o magnetismo. — Qual! Levas isso a sério!... Oh! Então não tenho necessidade de te perguntar se o magnetismo desempenha o seu papel na história que me prometeste dos teus últimos amores. — E que te vou contar. Sentemo-nos, para estar à vontade, no vão desta janela.

Neste momento, um criado passou perto de nós trazendo uma bandeja carregada de gelados. Tomei um, sem me perguntar se havia ainda magnetismo na minha afinidade pelo gelado de limão. E o meu amigo começou o seu relato nestes termos:

XIII

EUGÉNIE

XIII

«O magnetismo está em toda a parte. É o fio invisível que nos conduz sem o sabermos e que muitas vezes nos extravia; é assim, como já te disse, a simpatia pelos homens, é o gosto pelas coisas. O magnetismo, numa palavra, é o amor, e o amor é

60 EUGÉNIE.

a vida. Um incidente estranho e capital na minha, um facto irrefutável e nitidamente caracterizado revelou-me esta lei suprema: seria um louco se dela duvidasse.

«Há dois anos que amo a viscondessa Mathilde com um amor profundo, inalterável, no qual se fundiram todas as minhas outras afeições. Mathilde é para mim metade do universo; a outra metade sou eu. Só vivo por ela e para ela. Sou feliz quando a vejo, sofro quando dela me afasto; ela é quase só por si o objeto dos meus pensamentos e da minha fé; ela é a minha religião, o meu Deus, e tão pouco conceberia a possibilidade de viver agora sem ela que me mataria se a perdesse.

— Como és louco, meu pobre Albin! — Confesso-o, mas ficaria desgostoso se me curasse desta loucura. — Visto que acabas de ver Mathilde, nada tenho a dizer-te do seu rosto. Não é bonita, bem o sei, e, visto que a amo assim, não desejaria que o fosse: sofreria com a só ideia de que outro homem se ocupasse dela.

— Mas a viscondessa partilha do sentimento que te inspira? — Sim. Durante muito tempo tentou esconder-mo e escondê-lo a si própria. Adivinhei, sem nisso tomar parte, esse nobre combate de uma alma virtuosa. Mathilde apercebeu-se disso e ficou-me grata por uma reserva cuja recompensa foi um dia a confissão mais explícita da sua parte.

— Ditoso mortal! — Oh! Esse dia, sabes tu, foi o mais belo da minha vida.

— Mas não me dizias ontem que a viscondessa era viúva? — Sim, há cinco anos, de um velho imbecil e devasso, nos braços do qual a atirara um fatal momento de abnegação e de dedicação pela sua família. Contar-te-ei tudo isso.

— E o que a impede, se assim é, de se tornar tua mulher? — Deus sabe o futuro, esperamos. — E enquanto se espera... — Compreendo-te; mas não. Oh!, meu amigo, prestar-te-ia o juramento sobre a tumba da minha mãe: Mathilde não é nem nunca será minha amante. A salvaguarda da sua honra está na sua confiança em mim. Meu Deus! Tu conheces-me, sou homem como qualquer outro, e mentiria se te afirmasse que o desejo nunca perturbou o meu espírito nem os meus sentidos; mas luto contra o instinto, na persuasão de que uma paixão satisfeita se altera e enfraquece. Amo o amor que tenho por Mathilde; amo-o tal como ele é, ardente como o meu coração e puro como o dela.

«Sem dúvida consideras ainda como uma quimera ou como uma extravagância esta união quase mística de duas almas que se entendem, se compreendem e vibram, por assim dizer, sempre em uníssono. Meu amigo, pensei como tu durante muitos anos; mesmo ainda hoje digo a mim próprio por momentos que a minha felicidade não passa de um sonho; mas este sonho é tão doce que não me quero acordar.

— Dorme então, meu caro Albin, dorme, e possas tu dormir assim até ao fim da tua vida. Mas até ao presente pareces-me esquecer o importante, pois não sei ainda que relação tem o magnetismo com a estranha ligação de que acabas de me fazer a confidência. Seria Mesmer então o inventor do amor platónico?

— Se não é o seu inventor, deu-me a sua explicação. Vais saber o que se passou entre Mathilde e mim; mas devo em primeiro lugar contar-te as circunstâncias que me o fizeram conhecer.

No início de 1839, alguns meses depois de ter defendido a minha tese, instalei-me na rua Louis-le-Grand, na casa que ainda habito. O meu título de doutor gravado numa placa de bronze à porta do meu apartamento foi o único apelo que fiz à atenção do público. Por isso, teria infalivelmente morrido de fome se o meu pequeno património não tivesse provido às minhas necessidades.

Contudo, graças ao meu porteiro, que me achava sábio porque eu era generoso e que, para prover sem dúvida às pequenas larguezas de que tirava proveito, se declarou meu protetor, vieram ter comigo

alguns doentes; em primeiro lugar, dois indigentes dos quais nada tinha a esperar, depois um merceeiro que conservou gloriosamente em álcool a ténia que lhe fiz expelir, mas que nunca me pagou. Por fim, a Providência pôs a mão na minha fortuna, e a cura de uma jovem leiteira declarada quase incurável tornou-se a pedra basilar da minha reputação.

Era uma bela rapariga alta de vinte anos que a mãe me disse ser atacada de epilepsia desde a idade da puberdade. Chamava-se Eugénie. Tinha-se feito tudo para a curar da sua horrível enfermidade e nada fora bem-sucedido. De onde me veio a ideia de fazer nessa rapariga o ensaio do magnetismo? É o que não saberia dizer, pois o magnetismo nessa época era ainda para mim letra morta: só lhe sabia o nome. Seja como for, propu-lo à mãe como um meio novo que operava milagres e pus-me bravamente em campo.

Meu amigo, tive um pleno sucesso... sorri tanto quanto o quiseres, Eugénie adormeceu sob os meus passes, viu a causa do seu mal, descreveu-a à sua maneira e prescreveu a si própria remédios que acabaram por fazer cessar os acessos.

— Diabo! Essa cura deve ter feito barulho? — Não, os epiléticos são raramente bons doentes: se são pobres, pouco se fala da sua cura porque pouca gente se ocupa dos pobres; e, se são ricos, fala-se menos ainda porque quase sempre se teve o cuidado de esconder a doença. Além disso, eu acabava de adquirir uma convicção, a única talvez que tenha tido na minha vida, e desde então, cheio de esperanças, considerei-me como que pago com a gratidão de Eugénie.

— Que sem dúvida era moeda mais positiva do que aquela de que te contentas com a viscondessa?

— Sem malícia, peço-te. — Eugénie veio à minha casa, e, como me tinha apresentado durante o seu sonambulismo vários fenómenos curiosos que eu desejava submeter à observação de várias pessoas instruídas, persuadi-a a deixar-se magnetizar diante delas. Estas experiências renovaram-se um número bastante grande de vezes. Tiveram em primeiro lugar por testemunhas íntimos, depois, naturalmente, de junto em junto, os amigos dos meus amigos; por fim falou-se disso na casa, na rua, no bairro, de tal modo que um belo dia

acordei magnetizador célebre, sem me ter preocupado um instante com as vantagens ou os inconvenientes que poderiam resultar para mim de parecida celebridade. Ela devia custar-me muito caro: tardei pouco em convencer-me disso. Os médicos puseram-me no índex e afastaram-se de mim.

Tive em breve a ocasião de compreender que já não me olhavam como um colega e que a maior parte das pessoas do mundo, adotando a sua opinião sobre mim, mais não me restava senão deitar o meu diploma ao fogo e quebrar as minhas lancetas. Tal sacrifício pouco me custou porque, ao fechar-me voluntariamente todas as saídas de uma carreira que talvez o meu gosto pelo estudo me chamasse a percorrer com um certo brilho, tinha outras ilusões e levava para outro lado as minhas esperanças.

Com efeito, bem convencido da realidade do magnetismo, era-me impossível pensar que não devesse acabar um dia por se reabilitar. Ora, não era evidente que então me levariam em conta a coragem que mostrava ao empenhar-me, sem esperança de proveito nem de honra, num torneio ridículo onde estava certo de ser esmagado?

«Contudo, é preciso dizer tudo: arrependi-me mais de uma vez da minha temeridade. Que suplício com efeito para um homem leal e desinteressado ver-se sem cessar alvo dos sarcasmos ou pelo menos das suspeitas de uma multidão de pessoas que não valem tanto como ele! Não havia sequer o meu porteiro que me não olhasse a passar com um ar gozador. Insigne vilão! Quantas vezes tive a tentação de lhe chicotear a cara! Isso faz-te sorrir... Meu amigo, leva-se tudo em conta na situação em que eu estava. Bati um dia no meu cão porque me passou pelo espírito que o pobre bicho tinha o ar de se rir de mim. Por fim, sentia-me ensopado em amargura e, faltando-me a coragem, ia talvez reentrar furtivamente no seio da velha escola quando um acaso feliz veio indemnizar-me, pela estima e pela afeição de uma família honrada, de todas as misérias morais sob o peso das quais sucumbia.

XIV

A BARONESA DE B...

XIV

A baronesa de B...

«A senhora baronesa de B... — prosseguiu Albin —, respeitável viúva de Mance, habitava na minha vizinhança, no n.º da rua Chauchat. Esta senhora estava atacada de uma doença considerada com razão como incurável por todos os médicos que a tinham tratado. Era um amolecimento da medula espinal, complicado com uma irritação das entranhas. Os membros inferiores, necessariamente paralisados e emaciados por uma longa inatividade, eram a sede de dores agudas. Desde há três anos que a doente já não saía do quarto.

Dez vezes por dia transportavam-na da sua cama para a sua poltrona e da sua poltrona para a sua cama; pois ser-lhe-ia quase impossível conservar a mesma posição durante mais de uma hora. A maior parte das suas noites eram horríveis: era a custo se, apesar das enormes doses de láudano que se era forçado a aumentar todas as noites, se conseguia proporcionar-lhe alguns instantes de sono. Enfim, era o último período de uma doença mortal cuja marcha e cujos sintomas te são igualmente conhecidos. Inútil acrescentar que a baronesa pusera a contribuição as luzes de todas as nossas celebridades médicas: a faculdade inteira desfilara junto da sua cama. Depois, desgostada de remédios, cansada de consultas e protestando enfim contra uma ciência de que experimentava tão cruelmente a impotência, despedira todos os seus médicos e pusera-se a correr piedosamente a sorte de um milagre. Tinham-se dito por ela missas e novenas. As capelas de Santa Apolónia, de Santa Filomena, de São Ginés, etc., etc., tinham-se ornado com as suas oferendas,... alas! Tudo em vão.

«Foi nestas conjunturas desesperadas que a família de B... ouviu falar de mim.

«O desespero absoluto é um estado contra a natureza, incompatível com a organização humana. Por isso, nos malogros extremos vê-se a esperança sobreviver quase sempre à razão. Eis por que o homem que se afoga se agarra loucamente a um bico de erva que o peso de uma ave quebraria, e procura fazer uma boia de salvação de uma folha de nenúfar.

«Não estou, pois, longe de pensar que em qualquer outra circunstância a baronesa se teria rido do magnetismo, ou pelo menos teria exigido, para nele crer, que lhe fornecessem as provas da sua realidade. Mas nenhum género de ceticismo resiste habitualmente às aproximações da morte. "Salve-me, salve-me, nem que seja em despeito do senso comum, nem que seja fazendo o impossível..." Em dez moribundos, tu sabê-lo, nove pelo menos falam assim.

Seja como for, dirigi-me com presteza a casa da baronesa, examinei-a, interroguei-a longamente, fiz-me dar pormenores minuciosos sobre os tratamentos que seguira, e reconheci em definitivo que o mal não tinha remédio.

— O que não te impediu — disse eu a Albin — de aconselhar o magnetismo?

— Sim, e de propor imediatamente o seu ensaio.

— É isso mesmo, pega no meu urso e para a frente com os passes...

— Como és injusto! Devia eu, pois, arrancar a esta desgraçada família a sua última esperança?

— Se ela era quimérica?

— Que importa? Meu amigo, uma ilusão que consola não é sempre um bem? Aliás, se era evidente para mim que se não podia esperar do magnetismo a cura da doente, tinha pelo menos a certeza de acalmar momentaneamente as suas dores e talvez de lhe prolongar a vida. Cumpria, pois, ao agir como fiz, a verdadeira missão do médico. Oh! Crê-me, meu amigo, a minha consciência em tal caso nunca se vendeu, e espero bem que disso não duvides.

«A baronesa de B... era uma mulher de cerca de sessenta anos. Era de grande estatura e de uma constituição cujos destroços atestavam a energia primitiva. Embora extenuada pela doença, a sua figura era bela ainda: respirava bondade, doçura e confiança, essa confiança das pessoas honestas que, vendo o mundo em si mesmas, quase nunca suspeitam da sinceridade de outrem. No intervalo dos paroxismos conversava com espírito. Escapavam-se-lhe mesmo por vezes, no mais forte das suas crises, relâmpagos de alegria e ingénuas

tiradas que faziam rir e chorar tudo ao mesmo tempo. Excelente mulher! Enfim, recordava-me a minha mãe.

«A primeira visita que lhe fiz limitou-se à exploração médica de que te disse os resultados. A baronesa estava na cama e eu tinha razões particulares para desejar que ela estivesse na sua poltrona quando a magnetizasse. Combinámos, pois, que a nossa sessão seria adiada para a noite.

«Às oito horas em ponto, devia encontrar-me em casa da Sra. de B..., e fui exato ao encontro. Essa hora era ordinariamente para ela a pior do dia. Tinha, pois, a certeza, se conseguisse acalmá-la, de provar de uma maneira flagrante a eficácia do agente cujo emprego propunha.

«Se entro nestes pormenores, é porque, embora não o possas ainda compreender, eles se prendem diretamente à minha ligação com Mathilde, e formam por assim dizer os preliminares desta singular história. Algumas palavras vão aliás pôr-te no caminho: Mathilde era a filha única da baronesa.

— Ah! Adivinho agora.

— Não, meu amigo, não adivinhas, pois ninguém no mundo adivinharia. Verem-se um dia, um instante, em presença de um terceiro, olharem-se a custo, não trocarem duas palavras e ficarem contudo tomados de uma paixão recíproca, eis certamente um facto estranho e de que nenhum psicólogo deu a explicação.

— E foi isso o que teve lugar entre a viscondessa e ti?

— Quase isso, juro-te.

— Acredito em ti, visto que o dizes; mas, se a coisa me tivesse acontecido a mim, não acreditaria numa palavra.

— Erro! Pois a paixão é um argumento sem réplica que carrega em si a convicção. Meu amigo, temos sobre o amor, isto é, sobre a causa e o mecanismo das nossas afeições, as ideias mais vagas e até as mais falsas. Sei-o agora por experiência: o amor é antes de tudo um fenómeno fisiológico e que tem as suas leis em certas propriedades essenciais da matéria de que somos formados. Tão independente da

estima como da admiração, não emana mais do belo moral do que do belo físico e consiste unicamente numa atração primordial e sempre relativa, mas de que nem o espírito, nem a virtude, nem mesmo a beleza são os verdadeiros instigadores.

— Ah! Vejo que voltas às tuas máximas de há cinco anos. Mas se o amor não é, como sempre pensei, uma apreciação rápida e instintiva dos sentidos que decide do belo relativo ou do belo em geral (pois não o há absoluto), se afinal não é como dizia Clément Marot: "Uma paixão que pelos olhos nos entra..." Dispenso-te do resto, qual é então o seu princípio? Suporias, por exemplo, que dois surdos-mudos privados ao mesmo tempo do tato, da visão e do olfato poderiam amar-se com amor?

— Não o saberia duvidar.

— Oh! Eis o que me parece um pouco demais... magnético.

— Dize tudo o que te aprouver; tenho a razão da minha teoria. Os homens, meu caro, se não são corpos inertes, são ainda menos puros espíritos. Que tenham a mais do que as pedras o triste privilégio de sentir e de pensar, à boa hora; mas que, gozando e glorificando-se dessa prerrogativa, se libertem das leis, isto é, das afinidades e das repulsões inerentes às moléculas de que o seu corpo é amassado, é o que não posso admitir.

— De modo que, na tua opinião, o amor seria um fenómeno de pura gravitação?

— Algo como isso...

— Sofisma revoltante!

— Menos talvez do que imaginas. Faz calar os teus preconceitos e interroga as tuas recordações de médico, de observador, de naturalista. Não é verdade que a natureza está cheia dessas atrações eletivas de que o amor é o tipo, desde o íman que atrai o ferro até ao pólen do salgueiro que, levado pela nortada, vai fecundar a uma légua de distância um salgueiro de outro sexo?

— Eh! Os homens são árvores?

— A diferença entre uns e outros é menos enorme do que pensas, e os factos são factos.

«Quando voltei à rua Chauchat, a baronesa esperava-me com impaciência. O tempo estava de trovoada, circunstância que não deixava nunca de aumentar as suas dores. Sofria a ponto de gritar. Contudo, tinha sobre si tanto domínio que sorriu ao ver-me e disse-me alegremente, estendendo-me a mão: "Entre, senhor feiticeiro, tem ainda fé nas suas conjurações?"

— Sim, minha senhora, respondi, tenha boa esperança, os seus sofrimentos aproximam-se do fim.

— Oh! Possa dizer a verdade!, disse num tom penetrado a viscondessa, que estava sozinha junto de sua mãe e de quem eu mal me apercebera ao entrar. Contudo, tinha-a saudado, mas friamente e sem lhe dirigir a palavra. Talvez a tenha saudado mais friamente ainda ao retirar-me meia hora depois. A sua figura cansada não me agradara nada. Pobre Mathilde! Se eu tivesse podido ler no seu coração! Acabava involuntariamente de a prender a mim para sempre.

— Eh! Como assim, bom Deus! Adormecendo a mãe dela?

— Não, magnetizando-a a ela, Mathilde, sem disso ter a intenção e, o que é mais, sem disso me aperceber.

Desta feita, desatei a rir.

— Meu amigo, não estou louco, retomou Albin. O que te conto, compreendo-o, deve parecer-te inverosímil.

— Oh! Melhor do que isso.

— Absurdo, impossível, tudo o que há de mais ridículo no mundo; sou de bons fígados, pois outrora seguramente teria partilhado da tua opinião.

— E és sincero hoje quando pretendes que um movimento da mão, que um gesto automático dirigido a uma mulher é capaz de lhe virar a cabeça e de lhe inflamar o coração?

— Por que não, se o amor não passa de um facto material? Ora foi justamente isso o que me provou a experiência. O mundo moral tal

como tu o concebes não passa de um sonho, e creio ter posto a mão na realidade.

— A isso nada tenho a dizer, senão que seria bem triste pensar contigo que a nossa alma não passa de um fluido e que as nossas ideias e os nossos sentimentos não são, como o raio e a queda dos corpos, senão puros fenómenos físicos. Continua todavia, meu caro Albin, o teu relato interessa-me.

— Tenta pois apreciar as induções filosóficas que me parecem dela decorrer.

«A senhora de B..., enterrada antes do que sentada numa vasta poltrona onde a mantêm almofadas, ocupa um dos ângulos da chaminé, de que está contudo bastante afastada para que me seja possível colocar-me diante dela. Mathilde está sentada atrás de sua mãe, numa cadeira encostada à parede e de tal maneira que, inclinando-se um pouco, tem o rosto sobre o ombro da baronesa. Ora, Mathilde dedica demasiado interesse à cena que espera para não se inclinar sem cessar e se manter assim face a face comigo. Contudo, não me ocupo dela. Se a vejo, é sem a olhar, ou, se a olho, é sem nisso pensar: a doente é o único objeto da minha atenção. Reina em primeiro lugar no apartamento um silêncio religioso.

«O magnetismo é acima de tudo uma escola de benevolência. Querer o bem dos seus semelhantes é o preceito fundamental que lhe rege a prática. Quando é como em mim uma convicção sincera, merece, pois, tanto mais respeito quanto a caridade, de qualquer maneira que proceda, não saberia ser em caso algum uma virtude ridícula.

Conheço contudo um homem de letras que citavam outrora como um homem de espírito e que pretende nunca ter podido ver magnetizar sem rir. Que o céu lho perdoe! Pois sei que só viu magnetizar desde a época em que, gasto pelo jornalismo, caiu sem dar por isso na infância de uma velhice prematura. Ao demais, não receava nada, na circunstância de que falo, tornar-me em caso de insucesso um objeto de troça: sentia pela minha confiança que a inspirava em redor de mim.

«Após alguns minutos de recolhimento, começo a agir segundo as regras admitidas pelos magnetizadores. Uma das minhas mãos apoia-se na da doente e, por uma ligeira pressão suficientemente prolongada, põe-me com ela em relação de calor e de intenção; depois, segundo o termo técnico, magnetizo-a a grandes correntes, isto é, elevo as minhas duas mãos à altura da sua testa para as trazer lentamente ao nível dos seus joelhos: movimento uniforme que se deve renovar numa grande parte da sessão.

«Ao fim de alguns minutos, a baronesa suspira profundamente, boceja por várias vezes.

— Pudera! Acredito bem, quem resistiria ao enfado causado por parecida manobra?

— Mas a dor, parece-me; a dor, que de ordinário não cede ao enfado e que a monotonia dos passes tem a virtude de dissipar. Meu Deus! Que há afinal de tão maravilhoso, de tão incrível e de tão ridículo na ação física exercida por um homem sobre outro homem por meio de gestos e de toques? Ninguém contudo acha estranho que um físico carregue um eletróforo esfregando-o com uma pele de gato.

— Sem dúvida, mas estes dois factos são pois idênticos?

— Não sei de todo; tudo o que posso dizer é que são pelo menos análogos.

— Seja, passemos sobre este ponto. — E a baronesa adormece?

— Não, mas pouco falta. As suas pálpebras pesam e acabam por se fechar. A sua pele cobre-se de uma suave humidade, a sua respiração abranda, enfim a sua figura, que exprime o calmo mais perfeito e o bem-estar mais desacostumado, inclina-se insensivelmente para o seu peito, onde o seu queixo fica apoiado. Pergunto-lhe então o que experimenta: mas ela não parece ouvir-me e renovo-lhe assim a minha pergunta: — Queira dizer-me pelo menos se está bem?

— "Oh! Sim", responde-me ela, sem mudar de atitude e com uma voz tão fraca que tenho pena em ouvi-la. Parece que receia perturbar pelo menor esforço o estado de beatitude em que a mergulhei.

«Neste instante, os meus olhares procuram e encontram pela primeira vez os de Mathilde. O sinal de cabeça com que acompanho a minha olhadela é uma interrogação tácita que se poderia traduzir assim: *que pensa do que vê?*

«Meu amigo, julguei por um instante que Mathilde estava louca. Estava de pé, de olhos ardentes e molhados de lágrimas, o peito opresso, a boca entreaberta como para aspirar não sei que embriagante emanação. Uma das suas mãos premia o seu coração, enquanto a outra parecia maquinalmente procurar a mão cujos movimentos seguia.

XV

A VISCONDESSA MATHILDE

XV

A viscondessa Mathilde

Albin continuou:

«Seguramente esta jovem mulher estava bem bela assim, e contudo não me apercebi disso.

— Que tem, minha senhora?, disse-lhe eu contudo, surpreendido com a sua atitude. A minha voz chamou-a a si mesma; mas ela não me respondeu e sentou-se de novo mesmo em frente, murmurando estas palavras:

— Meu Deus! Que é estranho!

«Era preciso que eu estivesse bem penetrado da minha missão, isto é, bem exclusivamente ocupado da minha doente para não adivinhar o verdadeiro sentido desta exclamação. Atribuí tudo à surpresa ou ao prazer que causava à viscondessa o estado em que via a sua mãe. Ora, o amor filial sempre me pareceu um sentimento tão natural que me não detive nas singulares manifestações que o revelavam em Mathilde.

«Acordei pois ou antes desmagnetizei a baronesa, cujas dores estavam completamente suspensas, e despedi-me dela.

«Soube no dia seguinte que o bem-estar em que a deixara persistira toda a noite, e deixei-me de bom grado ganhar pela esperança que este feliz começo lhe inspirava.

«A partir dessa época, dirigi-me regularmente todas as noites à rua Chauchat. Cada sessão passava-se quase como a que acabo de descrever e produzia os mesmos resultados. Infelizmente, as dores renasciam com o dia, e os progressos evidentes do mal deixaram-me por demasiado pouco tempo tomar o engano sobre as consequências definitivas dos efémeros alívios que procurava cada noite.

«Contudo, uma confiança explícita começava a estabelecer entre a família de B... e mim verdadeiras relações de amizade.

«Muitas vezes as minhas visitas prolongavam-se por horas inteiras sem motivo mais especioso do que uma conversa em que cada um parecia tomar um interesse igual. Dissertava com abandono sobre a medicina, sobre o magnetismo, sobre os meus negócios privados, e o tempo passava para todo o mundo com uma rapidez que se tinha bom cuidado em não constatar senão no instante em que me retirava.

«Algumas vezes, a baronesa, entorpecida com as suas dores, dormitava durante a conversa, o que nos não impedia, a Mathilde e a mim, de a continuar baixando a voz. Esta circunstância adicionava quase necessariamente à intimidade das nossas palestras, que em poucos dias tomaram o tom de uma certa familiaridade.

«Elas rodavam sempre a começar sobre banalidades e acabavam invariavelmente por ter por texto algum assunto íntimo e delicado que o acaso parecia só fornecer, mas que trazia todas as noites com uma maravilhosa constância. Depois de termos tratado da razão, do espírito, da honra, etc., etc., entrávamos o capítulo das afeições humanas: a amizade, o amor com os seus sintomas e as suas consequências vinham quintessenciar-se no crisol da nossa análise, e a nossa filosofia já não saía dali.

«Enfim, de dia para dia tornávamo-nos mais filósofos; isto é, sem quase nos apercebermos, deslizávamos suavemente sobre essa rampa insidiosa que num certo mundo forma o leito de toda a paixão nascente, conduzindo das tese gerais às questões de personalidades,

dos argumentadores cuja última razão é infalivelmente uma terna confissão.

«A baronesa distinguia o fim para que avançávamos? Não o penso. Quanto a Mathilde, estou convencido de que caminhava de boa-fé de olhos fechados e que o seu perturbo foi sincero quando pensou em os abrir. Então era demasiado tarde para voltar atrás nos seus passos. Aliás, assim como te disse, a fatalidade que nos devia unir pesara sobre ela desde a primeira noite que tínhamos passado juntos. Contudo, eu não a amava ainda e estava longe de suspeitar do que havia já no seu coração de ternura e de dedicação por mim. Achava-lhe espírito, amabilidade, demasiada amabilidade, eis tudo. Este excessivo abandono deu-me o engano sobre o que ela era.

«Não tendo tomado nenhuma informação sobre a família de B..., não sabia absolutamente nada dos antecedentes da viscondessa e não podia julgar dos seus costumes senão pelas aparências atuais. Ora, devo dizê-lo, essas aparências eram-lhe pouco favoráveis. Mathilde, com os seus olhares ternos, as suas conversas arriscadas, a sua figura cansada e languecente, parecia-me não poder pertencer senão a uma das duas classes de mulheres mais justamente desprezadas, as coquetes e as mulheres sensíveis.

«Pobre Mathilde! Tomava por uma máscara a venda que lhe cobria os olhos e fui bem cruel ao arrancar-lha.

«Não a achando sequer bastante bonita para justificar as pretensões que me parecia ostentar e, por outro lado, suspeitando-a de muito fácil composição, fiz-lhe uma noite brutalmente a mais extravagante proposta de que se possa revoltar uma mulher honesta. Richelieu ou Lauzun, com formas certamente mais amáveis, não teriam sido mais audaciosos. Ao demais, visto que acabas de ver a viscondessa, confessa que nem todas as culpas estavam do meu lado. Mathilde tem na sua fisionomia e no seu porte um não sei quê que não está em harmonia com a pureza dos seus costumes. É preciso conhecê-la intimamente para não duvidar da sua virtude. Pois bem! Crê-me, meu amigo, esta mulher tem o coração de um anjo.

«Assim como deves adivinhar, a baronesa estava adormecida no instante que eu escolhera para entabular com a sua filha esta monstruosa transação.

— Mas sabes — disse eu a Albin — que a tua conduta nesta ocasião era pelo menos... ligeira?

— Era infame, cortemos a palavra. Todo o médico que comete um tal abuso de confiança seria enviado para as galés se as leis fossem justas. Mas que queres? Mais uma vez, tinha-me enganado sobre o carácter de Mathilde, e tomar uma mulher perdida nunca me pareceu um crime.

— O médico nas suas funções devia respeitar até o vício.

— Talvez: tinha-o esquecido. Mathilde empalideceu com a afronta que acabava de lhe fazer. Uma lágrima molhou-lhe as pálpebras, mas ela teve o orgulho de a reter.

«Desgraçada mulher! Tinha-a fascinado: ela tinha o direito de me expulsar, não teve sequer a coragem de me fugir.

«Contudo, a minha proposta ficara sem resposta, e não soube como interpretar em primeiro lugar o sorriso convulsivo que a acolhera.

«Sendo a hora adiantada, saudei a viscondessa, que me acompanhou até ao salão segundo o seu hábito; mas no dia seguinte, pela primeira vez, não assistia à sessão. Disseram-me que uma enxaqueca a retinha no seu apartamento. Estaria esta indisposição fingida? Ignoro-o, pois havia para que fosse real uma razão suficiente. Senti-o vagamente e não ofereci a intervenção do meu ministério.

«Seja como for, a enxaqueca não durou senão três dias e Mathilde reapareceu. Não havia na sua figura senão uma expressão de tristeza de que me senti tocado e que me fez compreender mil vezes melhor as minhas culpas do que se me as tivessem reprochado duramente. Teria querido repará-las. Uma emoção sincera fez-me ultrapassar o alvo. Estendi a mão à viscondessa como se a natureza das nossas relações me tivesse permitido esse ato de intimidade.

«Desta feita, ela chorou e eu pedi-lhe perdão.

«Ó meu amigo, que horrível veneno o magnetismo em mãos impuras! Ofereciam-me três dias mais tarde o penhor de paz que antevéspera ainda consideravam como uma afronta. E é assim que a mais casta e a mais virtuosa das mulheres parecia atirar-se para os meus braços com a impudicícia de uma cortesã.

«Para não interverter a ordem cronológica dos factos, vou citar-te um de que só tive conhecimento vários meses após a sua realização. Quatro ou cinco dias após a nossa reconciliação, Mathilde, encontrando-se em Saint-Denis, já não sei por que negócio, teve de repente a consciência do que se passava nela e a vergonha tomou-lhe o coração. Entrou pois numa igreja onde chorou com lágrimas sentidas, suplicando a Deus que sufocasse nela o invencível sentimento que a arrastava para mim. Mas Deus não atendeu a sua oração, e foi para seu bem sem dúvida, pois Mathilde encontrou em mim o homem de honra que tinha sonhado, e soube conciliar sem tormento, se não sem alguns reparos, o nosso amor e a sua virtude. Ela e eu, desde há dois anos, somos felizes sem remorsos.

«Contudo, uma terrível provação ser-lhe-ia reservada.

«Mathilde adorava a sua mãe. Nunca entre duas mulheres afeição recíproca foi levada mais longe: era fanatismo. A esperança de que os meus cuidados salvariam a baronesa pudera pois corroborar no princípio a inclinação de sua filha por mim. Talvez mesmo que por ocasião dos nossos pequenos desentendimentos essa esperança justificasse no espírito da viscondessa a excessiva indulgência que teve a meu respeito. Tenho por ela hoje tanta estima que sou levado a ver até nas suas faltas o mérito da dedicação.

«A continuação todavia forçou-me a reconhecer que havia na sua conduta outra coisa para além da abnegação.

«A baronesa morreu.

«Abstenho-me de te contar as peripécias que precederam este triste acontecimento e os incidentes imprevistos que apressaram a catástrofe. Estes pormenores nada adicionariam para ti ao interesse do meu relato.

«Mas acreditarás? No meio das angústias de uma perda irreparável, a viscondessa só podia pensar em mim. O que havia de mais pavoroso para ela na morte de sua mãe era a vergonha do sentimento que se misturava aos seus pesares: o receio de carecer de pretexto para me rever no futuro dominava a sua dor! Que estranha fraqueza numa bela alma! Mas, ao mesmo tempo, quanto amor!

«Pois bem! Descobre, se o puderes, fora do magnetismo, isto é, fora de uma ação puramente material, a causa de um transtorno moral tão profundo e tão súbito.

«Oito ou dez dias passaram sem que eu revisse a viscondessa. Após ter mandado duas ou três vezes pedir notícias da sua saúde, julguei por fim dever fazer-lhe a minha visita de pêsames. Recebi de Mathilde o acolhimento afetuoso que se faz a um amigo. Falo-me de sua mãe e chorou apertando-me a mão. Não compreendia ainda senão muito vagamente o que ela experimentava, mas estava comovido, e, embora não tendo por ela senão piedade, sentia já que a sua afeição me era doce. Diria afinal, se quisesse definir segundo as regras da filosofia escocesa o sentimento que ela me inspirava, que a *amava por caridade*; devo acrescentar, aliás, para ser verdadeiro, que me tornei em muito pouco tempo mais caridoso do que o fora em toda a minha vida.

«As nossas entrevistas, a princípio bastante raras, aproximaram-se pouco a pouco. Ao fim de três meses, começámos a ver-nos todos os dias. Uma parente da viscondessa, a senhora Emma de G., sua íntima e sua confidente, assistia sempre às minhas visitas. Foi a única pessoa iniciada no segredo da nossa afeição, cujo mistério dobrava o charme.

«O verdadeiro amor é num coração honesto o contrapeso da sensualidade. Por mais paradoxal que te possa parecer esta máxima, fiz dela a experiência. Vi a mulher sob um dia novo ao estudar Mathilde; ela ensinou-me a arte da vida íntima e das alegrias inocentes que eu não suspeitava. Enfim, foi a força de lhe dar a minha estima que me afeiçoei e que aprendi a merecer a sua.

A natureza do seu apego por mim modificou-se, aliás, sobre as fases da transformação que eu sofria junto dela. Durante o primeiro

mês, dizia-me ela há alguns dias, eu amava-o loucamente, cegamente, pois não o conhecia. Era um amor depravado de que me envergonhava sem me poder defender dele; mais tarde, tornou-se amizade. Hoje já não temo dizer-lho: os dois sentimentos reuniram-se, fundiram-se em mim, e amo-o como o senhor me ama, quase tanto como a minha honra e muito mais do que a minha vida.»

Vivamente interessado pelo relato de Albin, ia de novo pressioná-lo com perguntas sobre os motivos que o impediam de casar com a viscondessa quando um rumor particular se fez ouvir numa divisão adjacente à galeria na qual conversávamos. Perguntámos a um criado se tinha acontecido algum acidente, e ele respondeu-nos que uma senhora acabava de ser acometida de um desmaio súbito e que a iam sangrar.

— Eh! Meu amigo — disse eu então a Albin —, eis uma boa ocasião para ti de operar um milagre. Poupa uma efusão de sangue, que diabo! Jesus Cristo não sangrou Lázaro para o ressuscitar, e não se trata verosimilmente aqui senão de uma síncope ocasionada pelas odores ou por um atacador demasiado apertado.

Entrámos junto da doente, que vinte pessoas sufocavam com a sua presença, para a chamar à vida. Albin reconheceu-a antes de a ver: era a viscondessa!

Estava estendida num sofá. Um senhor gordo, vestido de preto da cabeça aos pés, dispunha-se a sangrá-la. A trança vermelha de rigor estava no braço da doente e a lanceta entre os dentes do oficioso doutor.

— Pare, meu senhor, pare! — exclamou Albin, precipitando-se entre a vítima e o sacrificador. — Sou o médico habitual desta senhora, conheço o seu temperamento, a sangria não lhe convém.

— Não lhe convém, não lhe convém... — repetiu com um tom trágico o Esculápio de casaco preto; — convém-me a mim, pois está indicada.

— De modo nenhum: o pulso está muito fraco.

— Estava muito forte há um instante.

— Ora bem, meu senhor, já não o está.

— Sem dúvida, há síncope; mas razão de mais para abrir a veia.

— Que absurdo!

— Meu senhor!

— Eh! Meu senhor, cada qual com o seu método.

— O seu não é cortês, meu senhor.

— Sinto-o muito, meu senhor.

— Desejaria que esta doente morresse de apoplexia nas suas mãos — disse o gordo doutor ultrajado, embainhando a sua lanceta e perdendo-se na multidão que o acolhe com um riso muito significativo.

Ao demais, o seu desejo não foi cumprido;

A VISCONDESSA MATHILDE. 117

pois, para dar ganho de causa ao seu bem-amado, a morta ressuscitou sem outro remédio senão um pouco de ar.

Presumi que Albin reconduziria a viscondessa a sua casa e, em consequência, esgueirei-me sozinho, muito satisfeito com a pequena comédia de que acabava de ser espectador.

XVI

LITERATURA MAGNÉTICA

No dia seguinte ao baile da duquesa, mal batiam as oito horas da manhã quando o criado de Albin entrou na minha casa e me entregou, com dois maços de livros fumarentos, a carta que aqui vai:

«São três horas da manhã e trabalho para ti.

«Deixei a viscondessa à meia-noite, depois de a ter reconduzido a sua casa, onde a deixei razoavelmente refeita do seu desmaio. Confesso contudo que a sua saúde me inquieta. O pai dela, disse-me ela, morreu de uma apoplexia nervosa: receio para ela um fim semelhante, e, por mais quimérica que seja sem dúvida esta apreensão, não deixa de me tornar por vezes muito infeliz. Eis por que o pequeno acidente que ela experimentou ontem à noite, na tua presença, me impressionou bastante vivamente para me tirar toda a vontade de dormir. Mathilde, estou certo disso, sofreu menos com a sua indisposição do que eu próprio sofri com ela.

«Para me distrair, enquanto espero pelo dia ou pelo sono, acabo de passar duas horas a escolher na minha biblioteca as obras cuja leitura me pareceu mais indispensável à tua educação magnética, e envio-tas.

«Por qual destas obras deverás começar? A questão é delicada. Se escolheres por ordem de antiguidade, tomarás Pomponazzi; por ordem de tamanho, Paracelso; por ordem de génio, Van Helmont; por ordem de sabedoria, Deleuze; por ordem de espírito, Simon Mialle; por ordem de estupidez... Mas não, não te envio esta última, pois ela te desgostaria das outras e, o que é mais, do magnetismo.

«A maior parte dos livros modernos publicados sobre este grande assunto mal merecem ser lidos. Não é que não haja em França um número muito considerável de homens esclarecidos que se ocupam do magnetismo; mas, por desgraça, não fazem livros. Aqueles que escrevem estão quase todos desprovidos de ciência e de literatura.

Fizeram passes a título de estudo e, como a maior parte das pessoas que nada sabem, têm a tolice de se julgarem muito de bom grado sábios. Conheço um, por exemplo (o autor do livro estúpido que estive quase a enviar-te), que, estudante de medicina há vinte e cinco anos, não se sentiu com inteligência para prestar os seus exames, renunciou à medicina e fez-se, não podendo fazer melhor, doutor em magnetismo!

«Eis, meu caro, de que pano são feitos alguns dos nossos mestres. Que doutrina não seria comprometida por semelhantes intérpretes?

Mas a nossa tem, graças a Deus, mais dignos representantes. Deleuze, entre outros, era um homem infinitamente esclarecido. Das diferentes obras que deixou, só te envio provisoriamente a sua *Memória sobre a previsão*, pequeno obra-prima de lógica, de graça e de estilo. Lê esta memória, meu amigo, e desafio-te, quando a tiveres lido, a ousar rir ainda do magnetismo.

«Tive o cuidado, e saber-me-ás grado disso, de te indicar por marcadores as passagens de Van Helmont que te recomendo especialmente. Os médicos, que citam ainda Van Helmont, já não o leem hoje e talvez nunca o tenham compreendido. Um dia, se nisso consentires, comentá-lo-emos juntos, pois quero levar-te a reconhecer nele um dos maiores metafísicos que jamais viveram.

«Não ouso fazer-te a mesma proposta a respeito de Paracelso: lê-o se quiseres, compreende-o se puderes; quanto a mim, não me pico de te o tornar constantemente inteligível. Uns dizem que era um grande homem, outros um grande charlatão; eu creio que era um sonhador que pensava algumas vezes.

«O marquês de Puységur, protótipo do homem de bem, era bom observador, mas mau filósofo, isto é, conta bem, mas disserta mal; lembra-te disso ao ler o *Hermès*.

«Encontrarás, nos quatro volumes intitulados *Anais do magnetismo*, alguns artigos muito engenhosos, por Deleuze; e outros não menos notáveis, mas de um género inteiramente diferente, pelo conde Abrial.

«Este último juntava à memória mais extraordinária do seu tempo um conhecimento perfeito do magnetismo; por isso devemos à sua erudição, que era imensa, os documentos mais curiosos sobre a história deste agente.

«Juntei aos *Anais* duas obras tanto mais picantes quanto ambas, escritas em ódio às nossas crenças, lhes confirmam o objeto. Uma tem por título: *Pesquisas e dúvidas sobre o magnetismo*, por Thouret; a outra, *O Antimagnetismo*, sem nome de autor. Contenta-te com percorrer a primeira, mas lê a segunda de um cabo ao outro. O que acharás sobretudo interessante nesta última é uma notícia sobre os

Milagres de um cura da Alemanha, chamado Gassner, que curava os doentes exorcizando-os.

«Mesmer assistira a essa guerra aos demónios e às doenças quando, dois anos mais tarde, descobriu o magnetismo. Mesmer confessa esta circunstância numa das suas memórias; mas não tem a mesma franqueza a respeito das fontes onde bebera os elementos da sua teoria. Ao demais, esta teoria, com exceção de um número muito pequeno de intuições engenhosas e novas, mal merece ser lida. Não passa de uma pomposa rapsódia de conjeturas herméticas, de contrassentidos, de disparates, de ideias falsas e sem fundamento; tudo diluído na metafísica de Locke, traduzida em mau francês.

«Adeus, meu caro amigo. A força de te falar de todos estes adormecedores, sinto por fim o sono que me ganha. É, aliás, em breve sete horas: o sol levanta-se e vou deitar-me. — Boa-noite.

Jacques.»

Evidentemente, pensei eu, após ter lido esta carta, se o meu amigo não é feiticeiro, como dizia a sua velha baronesa, está enfeitiçado. Nunca apóstolo endiabrado do Chou-King ou do Alcorão levou a tal grau a mania do proselitismo. Que digo eu! São Basílio e São Crisóstomo punham mais fervor em converter os pagãos?... Parece-me contudo que se pode fazer a sua salvação sem crer no magnetismo. E se, para se preparar somente para esta crença, é indispensável ler todos os livros que tenho sob os olhos... ah! Jacques, meu amigo, corres grande risco de me ver morrer na impenitência final.

Enquanto amaldiçoava desse modo o zelo exorbitante do meu amigo, cortei maquinalmente o cordel dos dois pacotes e, escolhendo por ordem de tamanho, pus a mão em Paracelso.

XVII

PARACELSO

As obras de Paracelso! Três volumes in-fólio!

Ah! Grande Deus! Quem é que alguma vez os leu? E Jacques escreve-me que, por acréscimo, Paracelso é indecifrável... É muito longo para um rébus. Vejamos, porém, a primeira página...

Poder dos céus! Se a Esfinge tivesse tido parecidas enigmas a propor às suas vítimas, o pobre Édipo, seguramente, não teria saído vivo das suas garras.

«O corpo do homem (traduzo) é provido de um duplo magnetismo: uma porção atrai a si os astros e deles se alimenta; daí a sabedoria, os sentidos, os pensamentos; outra atrai a si os elementos e deles se repara.»

Como! Os homens alimentam-se da lua e das estrelas? Que significam estas parábolas? Se elas escondem a verdade, esconde-la às mil maravilhas, e, pela minha parte, acharia mais fácil ir pescá-la ao fundo do poço onde a alojava Heráclito do que extraí-la destas máximas. Ao diabo Paracelso! Não lhe volto a tocar na minha vida... Juramento indiscreto que tive no futuro a coragem de não cumprir.

Sim, leitores, com o tempo voltei a Paracelso e tive o raro mérito de lhe afrontar a leitura.

Para ser franco, não ouso lisonjear-me de o ter compreendido por inteiro, mas afinal tenho a esperança de lhe ter captado a parte sã.

Extraviado por uma imaginação exuberante, exaltado por excessos, absorvido e como que ofuscado por uma ideia fixa, Paracelso foi, no seu tempo, o Dom Quixote da ciência. Sonhando, como escrevia Albin, muito mais do que pensava, tocava de perto a demência. Mas, de intervalo em intervalo, relâmpagos de génio escapavam-se desse cérebro bizarro e raiavam em feixes de fogo sobre o mundo metafísico.

A mais famosa das suas conceções é a *Doutrina das simpatias*. Segundo esta doutrina, um fluido, universalmente espalhado, manteria uma tal harmonia entre as partes constituintes dos corpos que a própria separação dessas partes não lhes destruiria nem as relações nem a solidariedade.

Daí os tratamentos por simpatias, os milagres do unguento das armas e os meios mágicos de comunicar à distância, cujos principais pelo menos merecem ser mencionados:

O *sal de sangue* era uma composição na qual entravam algumas gotas do sangue da pessoa distante de quem se queriam ter notícias. Ele mantinha-se de um vermelho vivo enquanto essa pessoa passava bem e empalidecia em caso de doença ou de morte.

A *lâmpada de vida*, que uma substância análoga alimentava, ardia com um fogo claro ou empalidecia nas circunstâncias opostas. Quantas lâmpadas de vida se devem ter apagado durante a guerra dos Trinta Anos!

O *alfabeto simpático*!... Ah! O que é feito dos belos dias da minha adolescência, em que o amor me teria dado a coragem de pôr à prova esta poética invenção! Dois amantes trocavam estoicamente pedaços da sua carne, sobre cuja pele se traçavam em círculo as letras do alfabeto. Quando um tempo suficiente assegurara a aderência desses pedaços, cada um dos caracteres mágicos que neles se tinham gravado tornava-se, ao contacto de um estilete, o ponto de uma sensação simultânea para os dois amantes, qualquer que fosse aliás a distância que os separasse.

É assim que das duas extremidades opostas de um reino, que digo eu!, de um pólo ao outro, podiam, quando o queriam, falar-se e ouvir-se.

Após ter por um instante folheado as obras de Paracelso, tentei descansar o espírito sobre um dos livros mais modernos que Albin lhes juntara.

As *Pesquisas e dúvidas* de Thouret encontraram-se sob a minha mão.

Abri o livro ao acaso e caí justamente num facto que, se estivesse provado, confirmaria singularmente a doutrina das simpatias.

No século dezasseis vivia em Bolonha um cirurgião célebre chamado Tagliacozzi, cujas obras são ainda consultadas hoje. Uma estátua de pedra que lhe ergueram os seus conterrâneos após a sua morte representa-o com um nariz na mão, emblema bizarro da sua

reputação e da estranha especialidade que lha fizera adquirir. É que com efeito Tagliacozzi é o inventor da rinoplastia, isto é, da arte de refazer os narizes, arte engenhosa que a cirurgia moderna aperfeiçoou e que serviu de base à fortuna do célebre Dieffenbach.

Ao desgraçado que perdeu o seu nariz, corta-se na pele da testa um pedaço triangular que, dissecado com cuidado, se volta, se baixa, é fixado por suturas e cuja base afinal, convenientemente recortada, deverá formar as narinas.

Os bordos da ferida da testa são aproximados e mantidos por meio de um aparelho. A natureza faz o resto e em breve o operado pode, sem demasiado esforço de imaginação, persuadir-se de que recou a figura humana. Mas esta maneira de proceder é a arte em toda a sua perfeição; o cirurgião de Bolonha fazia-o de outro modo.

Houve sempre em todos os países pobres diabo a morrer de fome e prontos a vender, para subsistir, a sua pele como a sua alma. Ora, era sobre os membros ou sobre as costas destes famélicos que Tagliacozzi recortava, mediante paga, os narizes que ajustava aos doentes opulentos.

Não obstante a barbaridade destas enxertias contra a natureza, sucessos bastante numerosos tinham-lhe popularizado o princípio. Todo o malogro era que Tagliacozzi não podia oferecer aos compradores dos seus narizes senão uma garantia temporária; pois é justamente isso o que prova a anedota de Thouret.

Em 1572, um habitante de Bruxelas, tendo perdido o seu nariz num combate singular, fora pedir outro ao bisturi de Tagliacozzi.

Tendo a operação sido bem-sucedida, o nosso bruxelense regressou a sua casa, muito satisfeito com o seu novo rosto e glorificando a rinoplastia.

Três anos inteiros decorrem, mantendo-se firme o nariz postiço e não fazendo mesmo senão embelezar.

Mas eis que um dia, sem que seja possível adivinhar porquê, esse desgraçado órgão arrefecera, murchara e caíra atingido por gangrena.

Passando bem do resto o operado, este acidente parece inaudito. Pede-se em vão a causa dele às leis conhecidas da fisiologia; mas acaba-se por a descobrir numa coincidência que só o acaso não saberia justificar e que, entregue às investigações dos filósofos do tempo, se torna para eles a confirmação de um dos princípios fundamentais da sua subtil doutrina:

No próprio dia em que o bruxelense perdia o seu nariz de empréstimo, um desgraçado moço de fretes que lhe fornecera o pano morria em Bolonha!!

Vários factos análogos, recolhidos por Wirdig, pelo padre Kircher e por Maxwell, não deixam pairar nenhuma dúvida sobre a autenticidade deste.

Ah! Se Plínio, o Naturalista, tivesse sido o contemporâneo destes homens dignos de fé, com que presteza não teria junto o seu testemunho ao deles!

XVIII

VAN HELMONT

A obra que, na ordem fortuita das minhas leituras, sucedeu às *Pesquisas e dúvidas* foi um dos tratados de Van Helmont. O que, desde essa época, conhecia do carácter nobre e desinteressado deste homem célebre inspirava-me pelos seus escritos uma espécie de veneração. Infelizmente, faltava muito para que eu estivesse em estado de os compreender. Admirava a elegância do seu estilo, essa latinidade fácil e correta que, com mais simplicidade, recorda a do famoso Celso, o Cícero dos médicos; mas o fundo das suas ideias era para mim tão perfeitamente obscuro que, ao lê-lo, como antevéspera ao ler Paracelso, não podia deixar de me comparar ao inglês Thaumaste, controvertendo por sinais com Panurge na grande sala de Navarra.

Contudo, graças a um dos marcadores colocados tão oficiosamente pelo meu amigo, acabei por cair, no tratado *De Pestilentia*, numa passagem que compreendi de um cabo ao outro.

Esta passagem é extraída por Van Helmont de um livro intitulado *Segredos e remédios provados*, cuja preparação foi feita no Louvre, por ordem do rei, pelo Sr. abade Rousseau, outrora capuchinho e médico de Sua Majestade (Luís XIV).

O abade Rousseau conta que, viajando na Turquia, onde continuava nos seus momentos perdidos a cultivar as ciências ocultas, teve um dia a ideia de magnetizar um sapo.

Em consequência, procurou um desses animais, colocou-o sobre uma mesa e pôs-se a olhá-lo com a firme intenção de exercer sobre ele o seu poder magnético.

O sapo, como fascinado pelo olhar da sua Reverência, guardou durante alguns minutos uma completa imobilidade; depois inchou, debateu-se e, coisa inaudita!, acabou por perecer.

Um tal resultado era demasiado curioso para não pedir uma contraprova. Por isso, desafiando o horror que lhe inspiravam, ou que pelo menos me teriam inspirado os seus sujeitos, o abade Rousseau recomeçou incontinenti a sua experiência. Recomeçou-a mesmo duas vezes, e essas duas vezes ainda com o mesmo sucesso. Mas ao quarto ensaio eis o que aconteceu:

Cioso talvez de vingar a morte dos seus irmãos, o hípico réptil lembrou-se de que ele também possuía um poder magnético. Daí uma reação imprevista contra o magnetizador, uma luta terrível em que estava em jogo a vida de um dos dois antagónicos e na qual, ao fim de uma hora, foi o sapo quem levou a melhor.

«Senti-me acometido de tonturas, diz o abade Rousseau, de náuseas e de vómitos. Isso durou um dia inteiro, e considerei-me muito feliz por me livrar pelo susto.»

Tal é o facto que Van Helmont relata parecendo nele crer. E, afinal de contas, por que não teria Van Helmont crido nele? Estava provado matematicamente que a desventura do abade Rousseau fosse um conto feito por prazer? Que interesse tivera esse abade em declarar-se o herói de uma ridícula macacada?

— Por outro lado, não se sabe que o sapo exerce sobre as abelhas uma ação magnética mil e mil vezes constatada? A cobra não goza da

mesma influência sobre os carriços e as fuinhas?... Por que razão esse poder fascinador e deletério devolvido a certos réptil seria necessariamente sem nenhum efeito sobre o homem?

Seguramente as analogias são prementes e significativas, e contudo, é preciso confessá-lo?, a história do nosso capuchinho magnetizado pelo seu sapo fez-me desatar a rir.

Noutros termos, quando me refiz desse acesso de hilaridade, pus-me a refletir e, sem me perguntar se o relato do abade Rousseau tinha ou não por si mesmo um valor científico, não tirei menos dele esta dedução: que na época em que esse relato fora impresso se possuíam já sobre o magnetismo as noções mais precisas; sobre esse mesmo magnetismo cuja descoberta, cem anos mais tarde, devia ilustrar Mesmer.

Por isso nem sempre foi por inveja, como se disse, que os antagónicos deste último lhe contestaram o título de inventor que se atribuíra.

Com efeito, provaram por um lado que a pretendida descoberta estava feita há séculos antes do seu nascimento; por outro lado, que todos os elementos da teoria que dava como sua estavam implicitamente encerrados nos escritos de Paracelso, de Van Helmont, de Maxwell e de Santanelli.

Esta dupla demonstração é o objeto do *Antimagnetismo*, que o meu amigo me recomendava ler por inteiro e que li com efeito para experimentar a solidez da minha fé nascente; mas o que me impressionou sobretudo nesta obra foi a relação das curas operadas por Gassner.

XIX

GASSNER

Johann Joseph Gassner nascera em 1707, em Braz, perto de Bludenz, círculo da Suábia.

Após ter feito os seus estudos nas universidades de Praga e de Göttingen, abraçou o estado eclesiástico, recebeu as ordens em 1750 e foi nomeado para o curato de Klösterle, diocese de Coira, em 1758.

Gassner informa-nos ele próprio de que desde o ano de 1753 gozava de tão má saúde que temia cair em atrofia ou em apoplexia (sou forçado a citar com exatidão); que recorreu aos médicos de Göttingen; fez muitos remédios sem sucesso e acabou por ficar convencido de que a sua doença dependia de uma causa sobrenatural: em suma, de que estava possesso.

Em consequência, recorreu aos jejuns e às orações, e depois deu, em nome de Jesus Cristo, a ordem ao diabo para sair do seu corpo, o que o diabo fez com efeito, de tal modo que Gassner se achou curado.

Esta circunstância inaudita levou-o a refletir sobre o valor médico do exorcismo.

Conferenciou sobre isso com doutos teólogos, leu livros de medicina e não tardou a convencer-se de que Satanás desempenhava um grande papel na maior parte das nossas doenças.

Pensou mesmo no princípio que elas eram todas obra sua; mas, no fim, as suas meditações, corroboradas pela experiência, reconduziram-no a um sistema um pouco menos exclusivo.

Segundo Gassner, existem três classes de doenças:

A primeira classe compreende as doenças naturais, que os médicos podem curar;

A segunda, as doenças sobrenaturais ou demoníacas, contra as quais a medicina é impotente;

A terceira, por fim, as doenças mistas, nas quais o espírito maligno e a natureza se entendem para manter o mal, de tal sorte que, para tratar convenientemente estas últimas, é indispensável combinar o exorcismo e os remédios.

Como pôde acontecer que Broussais, no seu *Exame das doutrinas médicas*, não tenha dito uma única palavra desta admirável doutrina de Gassner? Em consciência, bem valia ela o galenismo, o brownismo, a medicina mecânica de Sylvius de le Boë e até o

broussaisismo. Mas os grandes homens nem sempre estão acima das pequenas paixões: quem ousaria afirmar que Broussais não tinha ciúmes de Gassner?

Seja como for, este último ensaiou primeiro o seu método nos doentes da sua paróquia e fez tantas curas que o rumor se espalhou primeiro por toda a Suábia, depois pela Suíça e pelo Tirol. Mas estes sucessos não eram ainda senão os prelúdios da sua glória. Quando deixou Klösterle para vir, após uma bastante longa permanência em Ellwangen, fixar-se em Ratisbona, os seus milagres tinham posto em alvoroço a Europa inteira, e viu-se então, assegura-se, até dez mil doentes acampados de uma vez sob tendas, e esperando a sua vez para serem exorcizados.

O célebre de Haen, primeiro médico da imperatriz da Hungria, confirma estes pormenores no seu tratado *De Miraculis*, e estende-se longamente sobre a maneira como Gassner procedia com os seus doentes: «Gassner», diz ele, «ordena a Satanás que mostre a doença, mesmo com muita veemência, se ele o quiser. Força-o não só a produzir à sua ordem, no mesmo sujeito, um ataque dançante, rindo, lacrimoso, soluçante ou moribundo (isto é, tal que o paciente já não dá sinal de vida).

«Mais ainda: Gassner tem tanto domínio sobre o demónio que o obriga a responder-lhe e a responder certo, pois se ele mente (o que deve acontecer frequentemente ao pai da mentira), Gassner confunde-o publicamente e atormenta-o até que ele tenha confessado a verdade!

«Isto é de tal modo exato que, um dia, o príncipe dos demónios que se tinham alojado no corpo de um pobre homem, tendo respondido a Gassner, que lhe perguntava quantos aí se encontravam, que eram sete milhões, Gassner, suspeitando de que ele mentia, constrangeu-o a confessar que eram dez milhões.

«Por fim, Gassner contraiu com Satanás uma tão grande familiaridade que conversam frequentemente juntos, mesmo de coisas indiferentes e totalmente estranhas à doença do possesso.»

De Haen acrescenta um pouco mais adiante: «Gassner cura raramente as doenças ao primeiro exorcismo. São-lhe precisas de ordinário várias horas, e por vezes vários dias.

«Quando opera, está sentado, tendo uma janela à esquerda, um crucifixo na mão direita, o rosto voltado para o doente e para os assistentes. Traz ao pescoço uma estola vermelha e uma corrente de prata, à qual está suspensa uma cruz do mesmo metal, e que encerra, assegura ele, um pedaço do pau da verdadeira Cruz.

«Muitas vezes fica assim ornado todo o dia no seu quarto. Quando um doente se apresenta, começa por o fazer pôr de joelhos, exorta-o à fé em Jesus Cristo, depois toca a parte doente, ordena à doença que se mostre, etc., etc.»

Ia eu nisto do *Antimagnetismo* quando me entregaram, da parte de Albin, uma nova carta assim concebida:

«Não esqueças, meu amigo, que é amanhã a quarta-feira fatal. Desde as nossas últimas experiências, magnetizei três vezes Aimée, e de cada vez ela repetiu: *Quarta-feira terei um grande desgosto, mas não posso ver-lhe a causa.*

«Confesso que a minha curiosidade está picada ao mais alto grau. Está pois amanhã em minha casa, às duas horas. Bonnin lá estará, afirmo-te eu, tivesse ele braços e pernas partidos. Quanto a mim, tenho por Aimée a mais viva amizade; mas não te escondo que ficaria quase desgostoso se ela não tivesse o seu desgosto... *Amicus Plato, sed magis amica veritas*.

«Teu, Jacques.

P.-S. Aimée, de quem me despeço neste instante, faz um prazer em te rever. Se é verdade que ela deve chorar amanhã, a pobre criança não o suspeita, pois nunca a vi tão alegre.»

XX

CÍCERO E QUINTO

Ao escrever-me para me recordar o nosso encontro do dia seguinte, Jacques tomara uma precaução supérflua. O demónio do magnetismo começava a apoderar-se de mim e fazia-me entrever a experiência a que combinara assistir como uma realização do mundo

fantástico no qual vivia há oito dias, em companhia de Paracelso, de Van Helmont, de Kircher, de Wirdig, etc.

Os factos e feitos destes homens estranhos vinham-me de noite nos meus sonhos. Via Paracelso preparando o unguento das armas; Cornélio Agrícola acariciando o grande cão preto que passava pelo seu génio familiar; o abbade Rousseau magnetizado por um sapo monstruoso; Tagliacozzi esfolando judeus para fazer narizes a cristãos.

Por fim, durante a noite de terça para quarta-feira, tive um pavoroso pesadelo: pareceu-me que me dissecavam totalmente vivo, sob pretexto de recortar na minha pele alfabetos simpáticos. A dor que senti desta operação foi tão violenta que acordei; mas a ilusão fora tão completa que persistiu ao meu acordar, a tal ponto que, antes de me vestir, me assegurei, por uma inspeção minuciosa, de que a minha epiderme não trazia nenhuma marca de caracteres mágicos.

Foi assim que de miseráveis ninharias lançavam em mim os germes de uma monomania que, em breve, corroborada e, por assim dizer, legitimada por estudos sérios, devia arrastar-me, quase em despeito de mim mesmo, na carreira que segui.

Era pois inútil, repito-o, recordar-me, para que lá fosse pontual, o nosso encontro de quarta-feira.

Não devendo a experiência ter lugar senão às duas horas, ao meio-dia estava eu em casa de Albin. Infelizmente Jacques saíra desde a manhã e não tinha regressado. Mas encontrei no seu salão a senhora Graffeild que, tendo ainda ido além do meu excesso de pontualidade, esperava já o nosso amigo.

Entre ela e mim a conversa não teve pena em estabelecer-se, e tomou em breve, graças às nossas recordações comuns e ao nosso velho conhecimento, o tom de uma grande intimidade.

Foi nesta entrevista que Aimée me ensinou os acontecimentos da sua vida que já contei. Depois falou-me do seu filho em termos que me provaram a excelência do seu coração. — «Não o amaria mais», dizia-me ela, «se tivesse adorado o pai dele! Na semana passada, tendo-nos a senhora B... escrito que ele tinha a tosse convulsa, estive

quase a cair eu própria doente à força de inquietação. Teria querido partir para Saint-Romain, onde sabe que ele está em ama, mas as viagens custam tão caro! E quando se não é rico... Enfim, Deus teve piedade de nós e sei agora que o meu querido pequeno Jacques está totalmente restabelecido.»

Aimée estava neste ponto das suas confidências quando Albin regressou. Apertou-me a mão, beijou na testa a senhora Graffeild, a quem pediu para ficar no salão, e passámos para o seu gabinete.

— Vês-me furioso, disse-me ele, saio de casa de ***. Imagina tu que, não obstante as diatribes contra o magnetismo com que esmaga a Academia, tinha a tolice de o julgar sincero na sua incredulidade. Em consequência, fui propor-lhe assistir à nossa experiência de daqui a pouco. Sabes tu bem o que ele me respondeu? — «Mesmo quando a sua sonâmbula», disse-me ele, «tivesse predito a queda de uma estrela, e essa estrela caísse, não creria mais por isso na sua virtude de previsão.»

— Ah! *** é um espírito forte.

— Sim, muito forte, mas ainda mais falso. É o sofisma encarnado. Diga dois e dois são quatro, ele dir-lhe-á dois e dois são cinco. Os admiradores do seu chato palavreado chamam a isso originalidade! Para mim é vaidade, teimosia e estupidez. Que pensas tu disso, dize-me?

— Penso... que desejaria saber ao certo o que devo pensar do magnetismo. Sou de boa-fé, tu sabê-lo. Permite-me pois expor-te as minhas dúvidas sobre a experiência que vamos ver.

— Expõe, permito-to. Faço mais, incito-te a isso. Ora, conversemos livremente... à maneira de Cícero e de Quinto no *Tratado da adivinhação*. Tu és Cícero, o incrédulo.

— E tu Quinto, o crédulo?

— O crente, se te apraz; não joguemos com as palavras.

— Era contudo, diz-nos a história, uma das manias de Cícero; mas essa mania não é a minha. Assim, admites que é possível ao homem ver o futuro?

— Sim, em certos limites.

— Em que limites? Explica-te, pois se se trata apenas de prever a trovoada quando começa a trovejar...

— Meu Deus! Tu sabes muito bem que o não entendo assim. Prever, segundo eu, é assinalar um facto de que nenhum sinal sensível revela ainda a existência. Esta definição basta-te?

— É perfeitamente clara. Mas se assim é, a primeira coisa que me espanta, e que me espanta infinitamente, é que vós todos, quantos sois, senhores magnetizadores, não estejais na opulência do falecido rei Creso, rodando em carruagem pelo empedrado de Paris, e arruinando num giro de bolsa todos os Rothschild da terra.

— Porquê?

— Como porquê! Põe lá apenas o telégrafo ao serviço de tal ou tal especulador, com a permissão (que tomava, diz-se, certo ministro) de guardar cada despacho no bolso três dias antes de o fazer conhecer, e verás o que será preciso de tempo ao nosso homem para amealhar cem milhões. Ora, o que é o telégrafo, esse miserável telégrafo que, em definitivo, não anuncia sensivelmente senão o que já é, junto das vossas sonâmbulas que vos revelam o que não é ainda?...

— Falas disso muito à tua vontade, e se o telégrafo se enganasse?

— As vossas sonâmbulas enganam-se então?

— Algumas vezes, frequentemente mesmo.

— Oh! Então...

— Que prova isso?

— Ora, isso prova tudo.

— E eu digo que isso não prova nada. Crês que o homem se possa elevar até às nuvens?

— Na barquinha de um balão? Por que não?

— Crês então nos balões?

— Pudera! Quem não crê neles?

— Oh! Ninguém em Paris, mas na China?...

— Ora!... Na China... ignoro se o Sr. Green foi fazer as suas experiências até lá. Isso parece-me pelo menos duvidoso.

— Ora bem! Admite que isso não seja assim e que os chineses não tenham ainda visto balões.

— Admito-o. Que se segue daí?

— Segue-se que, se um viajante viesse contar a Pequim que vira em Londres um homem elevar-se a várias léguas no ar, não deixaria de se encontrar entre os mandarins algum filósofo da tua escola que faria taxar esse viajante de impostura ou de demência. A prova, diria sem dúvida o nosso sábio chinês raciocinando segundo os teus princípios, de que todas essas pretendidas viagens aéreas não são senão mentiras e ninharias, é que os próprios países onde se ousa afirmar-vos que se fazem essas viagens estão ainda a arruinar-se em estradas e em canais. Que te pareceria, dize-me, de um tal argumento, e que responderias ao mandarim?

— Eu? Não lhe responderia nada. Faria com que ele visse um balão.

— Às mil maravilhas! Eis-nos regressados ao nosso ponto de partida; pois eu também, para toda a resposta, poderia dizer-te: olha.

— À boa hora, mas parece contudo que a virtude de previsão é mais difícil de ver do que um aeróstato.

— Sem dúvida porque é preciso vê-la com os olhos do espírito.

— E que dessa maneira, segundo toda a aparência, os cegos estão em maioria.

— Em imensa maioria. Isso não é senão demasiado verdadeiro e sou o primeiro a concordar com isso.

— Ah! Quinto, meu amigo, disse eu a rir a Albin, a tua candura desespera-me... Ver o futuro! Noutros termos, ver o que não tem ainda existência... Eis, por mais que digas, o que revolta a minha razão...

— É que a tua razão não passa de uma tola. Mas tu, que és um homem de espírito, estou certo de que lhe imporias silêncio se te

tivesses dado ao trabalho de ler, como te tinha recomendado que fizesses, a memória de Deleuze sobre a *Previsão.*

«Se não estivéssemos dotados», responde-te Deleuze, «da espantosa faculdade da memória, poderíamos fazer o mesmo raciocínio sobre o passado, e toda a força da objeção reside no sentido demasiado rigoroso que damos a estas palavras: *o futuro não existe*. Apenas o presente tem uma existência real: se o passado tem uma existência relativa a nós, é porque deixou traços; existe pelos seus efeitos: mas o futuro existe em germe. O passado produziu o presente, é a sua causa; o futuro será produzido pelo presente, é o seu efeito. Quando consideramos o passado, vemos a causa nos efeitos; quando consideramos o futuro, vemos os efeitos na causa. Colocados num ponto da duração, podemos igualmente lançar os nossos olhares para a frente e para trás. Mas no nosso estado habitual estamos sempre voltados para o mesmo lado; no estado de sonambulismo, ou de exaltação, ou de crise, podemos voltar-nos para o lado oposto.» Que diz a isto Cícero?

— Cícero confessa que isso é muito belo; mas acrescenta que, se Deleuze era um logocista subtil, era ao mesmo tempo um muito mau cristão, pois pregava o fatalismo.

— O fatalismo! Grande Deus! E em quê, por favor? Uma ordem imutável nas leis da natureza implica contradição ao livre-arbítrio do espírito?

— E os profetas? Que faz deles Deleuze?

— Faz deles profetas.

— Isto é, sonâmbulos?

— De modo nenhum. Deleuze não vê relações entre o homem de Deus que anuncia mil anos de avanço a vinda do Messias e o doente sujeito a crises que se prevê um acesso de febre para o dia seguinte.

— Distinção frívola, Quinto, pois prever é prever.

— Ah! Meu caro Cícero, parece-me que, para um pagão, eis-te muito meticuloso em matéria de ortodoxia. Mas, em definitivo, deslocas a questão, pois imagino que, ao interrogar-me, tinhas mais

interesse em saber se os factos de previsão eram racionalmente explicáveis do que se a gente se danava ao crer neles.

— Eh! Eh! Quando se trata do inferno...

Já não sei muito bem como ia acabar esta frase quando a porta do gabinete se abriu tão violentamente que, na personagem que entrava dessa forma, julguei ver Lúcifer em pessoa, sob a figura pacífica do nosso amigo Bonnin.

— Deus seja louvado!, exclama Jerónimo olhando para o relógio e limpando a testa. Venho a correr do Pont aux Choux, pois julgava-me atrasado... E a sonâmbula não está aqui!

— Muito felizmente, Bonnin, pois com a sua chegada de furacão teria sido capaz de lhe fazer perder a sua lucidez para sempre. Mas acalme-se, ela espera-nos no quarto vizinho.

— Ah! Muito bem, e os senhores, que diziam então quando entrei? Ao atravessar a antecâmara, pareceu-me que se declamava aqui?

— Justamente! Repetíamos uma comédia que o senhor conhece: o *Tratado da adivinhação*.

— Ah! Triste comédia! Cícero, meus senhores, era um vaidoso, um pedante, um tagarela, um B., um G., um C., um...

Bonnin teria, creio eu, nomeado um após outro todos os membros da Academia de medicina se Jacques não lhe tivesse cortado a palavra:

— Bonnin, disse ele, o senhor vai demasiado longe. Cícero era um grande homem, mas que tinha as suas pequenezas. Era vaidoso, superficial e por vezes pouco sincero. O seu *Tratado da adivinhação* é uma nódoa na sua glória. Ele, que era áugure (histórico), tinha má graça em gozar com a magia, isto é, com uma ciência que tinham professado Sócrates, Xenofonte, Platão, Aristóteles, Plutarco, e Celso, o Voltaire dos filósofos romanos. Mas, meus senhores, a hora é chegada, vou adormecer o nosso sujeito.

— Vá; e sobretudo nem uma palavra!, disse Bonnin com um ar tão profundamente misterioso que não posso deixar de lhe dizer:

— Ah, ora essa, Jerónimo, pretende desempenhar o papel oposto da cena do *Barbeiro de Sevilha*, na qual Basílio diz com a sua voz mais cavernosa: «Quem diabo é então que enganam aqui? Toda a gente está no segredo.»

— Aqui ninguém está no segredo, de onde lhe pode pois vir o receio de que o nosso amigo o traia?

— Eh! Que se sabe?... O diabo é tão fino!...

Jacques e a senhora Graffeild reentram juntos no gabinete. A jovem mulher tem o seu ar habitual, Jacques magnetiza-a e ela adormece a sorrir.

XXI

O DESGOSTO DA SENHORA GRAFFEILD

Eis pois o instante do desfecho. Vou por fim saber se o magnetismo é uma verdade; se Paracelso, Van Helmont, etc., etc., eram jograis ou loucos; se estou eu próprio no meu bom senso ao esperar um prodígio.

Duas horas acabam de bater no relógio. Jerónimo, de pena na mão, dispõe-se a redigir o auto do que vai passar-se. Quanto a mim, não tenho necessidade de escrever, estou bastante impressionado para que notas nada adicionem à clareza das minhas recordações.

Às duas horas e um minuto, a sonâmbula está adormecida: um silêncio religioso reina no apartamento; todos os olhos estão fixos nela.

A jovem mulher conserva durante alguns segundos na sua fisionomia a expressão suave e graciosa que tinha ao adormecer. Mas insensivelmente, e sem que nenhum dos músculos do seu rosto pareça sofrer a menor contração, o seu sorriso decompõe-se e torna-se sardónico. Um tremor nervoso, precedido de alguns violentos sobressaltos, ganha sucessivamente todas as partes do seu corpo. Levanta-se lentamente, como um autómato, põe-se na ponta dos pés, inclina-se como para olhar ao longe, e com uma mímica de tal modo expressiva que involuntariamente olhamos nós próprios para o lado

que ela parece indicar. Então empalidece e deixa-se cair de novo na sua poltrona com um movimento de horror ou de desespero e soltando um longo soluço, entrecortado pelo tremor convulsivo dos seus músculos, e tão lacerante que o impassível Bonnin ele próprio se assoa com estrondo para esconder a sua emoção.

— Aimée, diz Albin tentando em vão acalmar a sonâmbula, em nome do céu, Aimée, que vê a senhora?

Aimée já não o ouve, ou a violência do que experimenta impede-a de falar.

Torce as mãos e os braços: as convulsões parecem iminentes. Sinto que as expressões me faltam para descrever esta cena; mas como essa dor muda era pungente, lúgubre, solene!

Era fingida, dirão os incrédulos... Oh! Então, declaro-o, essa fingimento era sublime, pois nunca uma atriz trágica, desde a miss Smithson a Rachel, levou ao mesmo grau o segredo de comover.

Mas não, essa dor era verdadeira.

Pressionada pelas perguntas do nosso amigo, a viúva de Graffeild esforça-se por lhe responder...

Fala por fim, mas já não é a sua voz; é uma voz estranha que faz estremecer, que mexe com todas as fibras do coração; é uma voz do outro mundo:

— Morto!... Morto!... Ele está morto, diz ela, o meu filho está morto.

— Ela engana-se!, exclama Albin. A senhora engana-se, Aimée. Lembre-se de que ainda anteontem a carta da senhora B...

Mas Aimée continua a soluçar:

— Está morto, digo-lhe eu, ele estende-me os braços... Os seus pequerruchos braços carregados de terra... Meu pobre filho, já não te beijarei!

Esta dolorosa convicção é o efeito de uma alucinação ou de uma realidade? Nenhum de nós o poderia dizer; mas esta convicção é inabalável. Aimée vê ou crê ver o seu filho enterrado sob um salgueiro

do cemitério de Saint-Romain. Haveria crueldade e talvez um perigo real para a sua razão em deixá-la mais tempo em frente desta imagem lacerante.

Jacques está aliás demasiado comovido para empreender acalmá-la.

Acorda-a pois, e subitamente uma nova metamorfose opera-se na jovem mulher.

À medida que a visão se apaga, o calmo, diria quase a serenidade, renasce no seu rosto. Por fim abre os olhos e, semelhante ao raio de sol que rasga e ilumina subitamente um céu de tempestade, um sorriso desabrocha nos seus lábios ainda contraídos pelo desespero.

— Eh! Mas... diz ela com surpresa, eh! Mas... que têm vós afinal? Estais a chorar?... E eu também estou a chorar! Ah! O vosso maldito magnetismo, nunca faz outra coisa.

Enquanto Jérôme, parecendo travado de sentimentos diversos, atormenta e mastiga sem falar o seu lenço de algodão azul, Jacques tranquiliza a jovem mulher sobre a causa das suas lágrimas e, depois, despede-a suavemente, pedindo-lhe que volte ao fim da tarde.

— Senhores, digo eu quando ficamos sós, antes de concluir seja o que for sobre o que acabamos de ouvir, não seria bom certificarmo-nos de que o facto é exato?

— Duvida disso? exclama Bonnin.

— Não, mas ficaria mais seguro ainda...

— Se você mesmo tivesse morto a criança? Oh! Realmente, não o compreendo. É má... vontade.

Bonnin pensava *má fé*.

— Tenham paciência, senhores, fez Jacques, sorrindo com o ardor do nosso amigo; Saint-Romain não fica nos antípodas.

Com efeito, ainda não nos tínhamos separado quando Albin recebeu uma carta da senhora G..., que confirmava a morte súbita do menininho de Aimée: a criança tinha sucumbido a um ataque de crupe.

À leitura desta carta, Jérôme bateu as mãos e tomou um tal ar de jubilação que se poderia crer que herdava cem mil escudos do pobre pequeno Graffeild.

— E bem! senhor incrédulo, disse ele, dirigindo-se a mim e pondo-se altivamente com a mão na anca, está bem morto, desta vez?

— E bem..., com certeza! Bonnin, é porque tinha de morrer.

— Sem dúvida; mas a predição?...

— Ah! confesso que me espanta. E pensam, senhores, que Aimée não sabe de nada ainda?

— Não, sem dúvida, responde Albin, e eis o meu projeto: esta noite, adormecê-la-ei de novo e ordenarei que se recorde amanhã de manhã, às nove horas precisas, de que o seu filho já não existe. Mas, a fim de lhe poupar uma dor inútil, recomendar-lhe-ei que só se recorde disso como de um acontecimento há muito tempo consumado.

— E esperas algum resultado dessa bizarra precaução?

— Sê aqui amanhã antes das nove horas, se queres julgar por ti mesmo.

Não faltei a este novo encontro. Às nove horas menos alguns minutos, a senhora Graffeild, Albin e eu pomo-nos à mesa para tomar chocolate. Aimée parece um pouco triste e eu faço-lhe a observação.

— Não sei o que tenho, diz ela; é como um mau pressentimento.

— Pressentimento de quê?

— Não sei de nada, repito-lhe.

Não obstante esta tristeza sem causa, Aimée mistura-se na conversa que gira sobre o magnetismo e sobre diversos assuntos mais ou menos indiferentes. Quando nove horas soam no relógio, olho para ela e vejo-a enrubescer. Ela cessa de comer, pousa a colher e afasta-se da mesa. Finalmente, duas lágrimas correm silenciosamente dos seus olhos.

— Eh! o que tem? digo-lhe eu, fingindo surpresa.

E Aimée a responder-me:

— O meu pobre filho morreu!

XXII

AS MENINAS COTIS

Dois ou três dias após a cena patética que tentei descrever no capítulo anterior, Jacques e eu fomos fazer uma visita a Bonnin.

Ele morava na rua Sainte-Catherine, no Marais.

A casa que habitava pertencia a duas velhas solteiras a quem chamavam *mesdemoiselles* Cotis [1].

Embora estas duas pessoas não tenham no nosso relato senão um papel muito acessório, havia nelas tanta singularidade que pediremos ao leitor a permissão de resumir sucintamente a sua história antes de relatar as observações que tivemos ocasião de fazer em casa do nosso amigo Bonnin.

Na época de que se trata, ou seja, no mês de dezembro de 1839, havia um pouco mais de vinte anos que as meninas Cotis habitavam Paris.

Eram de Besançon, e Jacques, ao ouvi-las nomear, tinha-se lembrado de ter conhecido no Doubs diversas pessoas do seu nome e que deviam ser suas parentes.

A circunstância que as tinha determinado a deixar a Franche-Comté para vir habitar a capital, numa idade em que ordinariamente se deixa de bom grado a capital para ir gozar na província uma vida mais pacífica, é, na sua história, um traço tocante que as carateriza e que, por si só, lhes teria merecido a consideração de que gozavam.

De dois irmãos que tinham tido as meninas Cotis, um, partido como voluntário em 1792, tinha tido a cabeça levada por uma bala de canhão na batalha de Fleurus; o outro, que se tinha casado em 1801, tinha morto de um golpe de sangue, três anos depois, no próprio dia da coroação do imperador.

Dos seus parentes próximos, não lhes restava, portanto, senão o filho único deste último irmão, pobre criança que o céu tinha

destinado a tornar-se órfão desde o seu berço, pois a sua mãe tinha sucumbido ao dar-lhe à luz.

Além disso, esta criança nunca se teria apercebido do seu infortúnio se não lhe tivessem feito o relato, pois, em vez de uma mãe que tinha perdido, encontrou duas nas suas tias.

No próprio dia em que o recolheram em sua casa, ambas fizeram o juramento de nunca se casarem e de concentrarem no seu sobrinho todos os seus afetos, e o juramento foi cumprido à letra.

O pequeno Victor (tal era o nome do órfão) tinha o espírito precoce. Fez brilhantes e rápidos estudos no colégio real de Besançon, onde o fizeram entrar bastante cedo, de tal modo que em 1818 foi preciso pensar em escolher-lhe uma profissão.

Abraçou a de médico, para a qual sentia gosto, e começou a frequentar os cursos e as clínicas dessa mesma escola onde, catorze anos mais tarde, Albin e eu devíamos travar uma inalterável amizade.

Infelizmente, tendo as Faculdades reservado exclusivamente para si a prerrogativa de graduar os doutores, os estudantes de medicina não podem, sem perder um tempo precioso, ficar mais de dois anos nas escolas secundárias. As meninas Cotis, não tendo em vista senão o interesse do seu sobrinho, tomaram, portanto, um dia, chorando, a resolução de o enviar o mais depressa possível para Paris. Mas tinham contado sem o seu afeto e, quando se aproximou o momento da partida, faltou-lhes a coragem.

— Vamos então deixar partir o Victor, disse à sua irmã a menina Adélaïde, a mais idosa destas senhoras.

— Tem de ser, respondeu a menina Justine, enxugando uma lágrima.

— E o que vai ser deste pobre anjo, num abismo como Paris?

— Aflitivo!...

— Ele vai perder-se, minha irmã, e nós responderemos por isso a Deus.

— E o que fazer?... Se fosse só eu...

— E bem, se fosses só tu?...

— De que serve dizê-lo, minha irmã? Eu não vos quero deixar...

— Partirias então com ele?

— Oh! sim, sem hesitar.

— Então partiremos, Justine, pois do meu lado dizia para mim o mesmo.

— Vós! minha irmã, enferma como estais!

— Sou enferma, sou enferma, e bem! sim, sou enferma; mas se a minha enfermidade não me permite servir-me das minhas pernas, não me impede de ir a Paris em carruagem.

— Oh! minha boa Adélaïde, exclamou a menina Justine, debulhando-se em lágrimas de comoção e atirando-se para os braços da sua irmã, vós tinhas nascido para ser mãe.

E foi uma decisão tomada.

Fez-se a toda a pressa uma venda de recheio de casa. Colocaram-se no Banco de França todos os valores disponíveis. Um antigo notário, amigo destas senhoras, encarregou-se da gestão de uma propriedade que elas possuíam perto de Besançon e de lhes fazer chegar os seus rendimentos. Finalmente, a 2 do mês de novembro, apesar das chuvas e do rigor da estação, toda a família subiu para uma carruagem de aluguer e pôs-se a caminho de Paris.

Esta pequena caravana compunha-se de quatro pessoas, a saber: as duas meninas, o seu sobrinho e a velha Clara, sua governanta, que teria preferido morrer a não seguir os seus amados patrões. Há mais de trinta anos que estava ao serviço das meninas Cotis e tinha-se identificado de tal modo com os seus hábitos, com as suas manias, com as suas necessidades e com os seus afetos, que se considerava com razão como fazendo parte da família.

Quanto à menina Adélaïde, esta emigração voluntária era da sua parte um sacrifício tanto mais meritório quanto, independentemente da sua idade (tinha então cinquenta e quatro anos, pois quando fiz o seu conhecimento em 1839 não tinha menos de setenta e quatro), a

enfermidade de que lhe tinha falado a sua irmã devia centuplicar para ela as fadigas e as dificuldades de uma tão longa viagem.

Cinco anos antes, a menina Adélaïde tinha luxado a anca ao cair de uma cadeira a que se tinha subido para arrumar roupa num armário; e não tendo esta luxação sido reduzida a tempo, tinha daí resultado uma falsa articulação que não permitia quase nenhum movimento da coxa, de tal modo que, desde o seu acidente, a doente já quase não deixava a sua cadeira de braços senão para a cama.

Havia, pois, cinco anos que ela não via a rua quando se fez transportar para a carruagem na qual ia fazer cem léguas.

Quanta coragem e abnegação!

A viagem fez-se, contudo, melhor do que se teria ousado esperar. O tempo, que estava bastante frio no momento da partida, abrandou nos dias seguintes. A menina Adélaïde, contra a sua expectativa, mal sofria da anca. A menina Justine e Clara cantavam cânticos para alegrar o caminho, enquanto o jovem Victor se alimentava silenciosamente da felicidade de ver em breve essa Paris de que lhe tinham contado tantas maravilhas.

Finalmente, a 11 de novembro de 1819 [2], isto é, após nove dias de marcha, as meninas Cotis, o seu sobrinho e a sua governanta instalavam-se, resmungando contra a pequenez dos aposentos parisienses, no rés do chão de uma pequena casa da rua Monsieur-le-Prince.

Apesar dos inconvenientes do seu novo local, apesar do seu afastamento de todos os seus antigos conhecimentos, apesar mesmo da carestia dos víveres contra a qual, vinte anos mais tarde, a velha Clara ainda não tinha cessado de clamar, as duas tias de Victor passaram no seu novo pouso os três mais belos anos da sua vida.

Se, de longe em longe, algumas contestações se levantavam entre elas, estas pequenas desavenças nunca iam até ao ponto de perturbar a paz de que gozavam.

Quando, pelos tempos de nevoeiro ou às mudanças de temperatura, a menina Adélaïde, sofrendo um pouco da anca, experimentava a necessidade de ralhar, aliviava-se censurando a sua

irmã por estragar o sobrinho. Mas se, para evitar semelhante censura, a menina Justine dirigia apenas a Victor uma palavra que tivesse o ar de uma reprimenda, era sobretudo então que a nossa enferma soltava todas as comportas do seu mau humor, afirmando que a sua irmã tinha um caráter detestável, que não compreendia nada da juventude e que fazia um horroroso prazer de tormento à criança do seu irmão.

Então a menina Justine batia com o pé de impaciência, enquanto a velha Clara, continuando a varrer ou a enxugar a sua louça, resmungava com a mais perfeita impassibilidade:

— Vamos ter mau tempo.

Depois, julgada assim a zanga, de parte a parte chorava-se um pouco, emburrava-se mesmo em caso de necessidade durante cinco minutos, após o que se abraçavam e as coisas retomavam o seu curso como dantes.

Tal foi, do mês de novembro de 1819 ao mês de março de 1822, a existência tão doce quão uniforme das nossas boas mulheres de Besançon.

Mas, neste ano fatal de 1822, a Providência reservava-lhes um desses golpes terríveis que a fariam maldizer se a ideia mesma que dela temos não fosse para nós a garantia de que as nossas dores aquém-fronteiras nos serão títulos para a felicidade que nos é prometida numa outra vida.

A 5 de fevereiro de 1822, ao dissecar na Escola Prática o cadáver de um homem morto, na véspera da antevéspera, de febre tifoide, Victor Cotis picou-se com o seu bisturi num dos dedos da mão esquerda.

Um dos seus camaradas, lembrando-lhe as terríveis consequências que se tinham visto resultar por vezes de semelhantes acidentes, por mais ligeiros que fossem em aparência, aconselhou-o a cauterizar-se imediatamente com a pedra infernal. Mas Victor nada fez. Zombou das sinistras apreensões do seu condiscípulo e, por uma sorte de fanfarronada digna da sua idade e da sua inexperiência, afetou não lavar as mãos senão ao cessar de dissecar, duas ou três horas depois.

Às cinco horas recolheu a casa das suas tias, não pensando mais na sua picada, onde mal sentia de tempos a tempos alguns ligeiros pontadas. Jantou como habitualmente com muito bom apetite e, por volta das onze horas, recolheu ao seu quarto.

Para sua grande surpresa, o seu dedo ferido tinha-se tornado tão doloroso que teve dificuldade em servir-se dele para se despir. Examinou-o então atentamente e notou, não sem disso experimentar alguma inquietação, que a pequena ferida estava vermelha, aberta, inflamada, que os bordos estavam inchados e que dela se escapava uma sorte de serosidade límpida, sinal certo de uma próxima supuração.

A noite foi agitada, penosa. Victor dormiu no máximo algumas horas de um sono ansioso e perturbado por sonhos aterradores.

No dia seguinte, ao romper do dia, a primeira coisa que fez foi olhar para o seu dedo, que começava a causar-lhe uma dor intolerável. A mão estava inchada, e este inchaço acompanhava-se de uma espécie de entorpecimento que se estendia a todo o antebraço. Pareceu mesmo ao nosso estudante que a dor do dedo se irradiava até ao ombro e que os gânglios da axila estavam sensivelmente ingurgitados.

Victor levantou-se, contudo; mas logo de seguida sentiu-se tomado de deslumbramentos, de náuseas e de desmaios que o obrigaram a meter-se de novo na cama.

Às nove horas, a sua tia Justine, não o vendo aparecer, entrou no seu quarto e perguntou-lhe se estava indisposto. Victor mostrou a mão e toda a casa ficou em sobressalto.

Correu-se a buscar um médico, depois outro, depois outro ainda. O último era um dos professores da Faculdade.

O caso foi julgado grave. Pronunciou-se o nome de flebite. Duas sangrias e uma forte aplicação de sanguessugas foram prescritas durante o dia. Mas nada pôde travar a marcha da terrível doença que o imprudente jovem se tinha inoculado na véspera. Uma febre intensa tinha-se declarado e não fez senão aumentar, apesar das perdas de sangue. Às nove horas da noite o doente delirava, e menos de vinte e

quatro horas depois rendia o último suspiro nos braços da desgraçada Justine.

Há dores que a pena é impotente para descrever.

Perdoar-se-nos-á, pois, o não contar em todas as suas peripécias o drama íntimo de que a morte de Victor foi o desenlace.

Desde o instante em que a doença deste foi conhecida até ao instante em que morreu, foi no coração das suas duas tias um despedaçamento que só as mães compreenderão.

Durante o último dia, não podendo a menina Adélaïde mover-se, a sua irmã vinha de quarto em quarto de hora dar-lhe conta do estado do doente.

Quando lhe anunciaram a catástrofe, a menina Adélaïde não disse senão esta única palavra:

— Oremos!

Palavra sublime de dor e de esperança; e que prova até que ponto, num coração verdadeiramente cristão, a fé no Eterno pode lutar contra o desespero.

Um pintor hábil teria então encontrado o assunto de um admirável quadro, se tivesse podido colher a expressão e a atitude destas duas mulheres, ambas silenciosas, uma de joelhos, com o rosto inundado de lágrimas, a outra imóvel como uma estátua, levantando ao céu os seus olhos áridos e as suas mãos juntas e enclavinhadas.

— Quero vê-lo, disse a menina Adélaïde após oito a dez minutos desta dolorosa êxtase; quero vê-lo, apoia-me, Justine.

E a pobre enferma, apoiando-se com uma mão na sua irmã e com a outra numa muleta, dirigiu-se estoicamente para o quarto mortuário.

Clara estava lá sozinha, rezando ao pé da cama sobre a qual estava posto um crucifixo de marfim com cruz de ébano. O rosto de Victor, a quem a sua tia Justine tinha fechado os olhos, estava coberto pelo seu lençol.

A menina Adélaïde descobriu-o e beijou-o.

— Adeus, Victor, disse ela, adeus! Ver-nos-emos em breve.

O céu, a maior parte das vezes, rir-se das nossas previsões. Na semana que se seguiu à morte do seu sobrinho, as duas meninas Cotis envelheceram ambas dez anos; mas a vigorosa constituição de que as tinha dotado a natureza deu-lhes a força de suportar o seu desgosto, e nem uma nem outra a ele sucumbiu.

XXIII

A CASA DA RUA SAINTE-CATHERINE

Havia justamente dezassete anos, em 1839, que as meninas Cotis habitavam a sua casa da rua Sainte-Catherine, casa que tinham comprado em 1821 para fazer uma aplicação de fundos, e na qual se tinham instalado no ano seguinte, dois ou três meses após a morte do seu sobrinho.

Desde esta triste catástrofe, o caráter da menina Adélaïde, azedado já pela sua enfermidade, tinha-se tornado de uma aspereza que a teria tornado insuportável sem a excelência do seu coração.

Mas as suas amigas (e ela tinha muitas) sabiam demasiado bem quão no fundo ela era boa, carinhosa e generosa, para não lhe perdoarem as suas saídas. Contentavam-se em rir delas entre si e vingavam-se inocentemente chamando-lhe *Mamã Resmungona*, alcunha que a nossa velha solteira parecia cada dia aplicar-se a merecer mais.

A menina Adélaïde tinha treze anos mais do que a sua irmã; era além disso sua madrinha, e esta dupla prerrogativa tinha consagrado, nas relações destas senhoras entre si, certos hábitos que o tempo tinha respeitado, mas dos quais não era fácil, mesmo remontando à sua origem, encontrar a razão.

É assim que a menina Adélaïde tratava por tu a sua irmã, que se abstinha em relação a ela da mesma familiaridade.

Mas um facto marcava sobretudo a autoridade materna de que se devia ter orgulhado outrora a madrinha da menina Justine. Não obstante os sessenta e um anos decorridos desde a cerimónia do batismo, a menina Adélaïde tratava ainda de bom grado a sua afilhada como uma garotinha.

— Esta criança, dizia ela sem rir (a menina Adélaïde nunca ria), é de uma estouvamento de que não a corrigirei jamais.

A verdade é que, se a afilhada não merecia literalmente a censura que lhe dirigia a sua madrinha, a amenidade, o bom humor e a alegria inteiramente juvenil de que estava dotada esta última, e que apesar da sua idade e dos seus desgostos tinha sabido conservar, punham um bom meio século entre ela e a sua mais velha.

Quanto à boa e fiel Clara, ela era, para a idade bem como para o caráter, intermédia às suas duas patrões.

Era uma dessas criaturas simples, vivazes e pacíficas, como frequentemente produzem as nossas montanhas do Jura, e nas quais a vida dura muito tempo porque se realiza sem abalo. Ocupando-se sem interrupção, mas com uma sábia lentidão, dos pequenos afazeres da casa, movia-se com a uniforme regularidade de um pêndulo de relógio e parecia como o compensador das duas naturezas opostas entre as quais oscilava.

As meninas Cotis ocupavam o primeiro andar da casa de que eram proprietárias.

O seu andar compunha-se de cinco divisões, a saber: de uma antecâmara escura, de uma sala de jantar, do quarto de Clara, do quarto da menina Justine e, finalmente, do quarto da menina Adélaïde, o mais espaçoso e o melhor arejado de todos, e no qual habitualmente se permanecia durante o dia.

Esta divisão, que servia ao mesmo tempo de quarto de dormir, de sala de jantar e de sala de visitas, assemelhava-se bastante bem, ao primeiro olhar, à retaguarda da loja de um comerciante naturalista.

Era iluminada por duas grandes janelas a dar para a rua. Um grande fogão de sala em louça ocupava o centro. O tubo deste fogão formava no ar, à moda alsaciana, vários grandes circuitos antes de ir perder-se sob o xaimel da chaminé, cuja ombreira estava ornada com dois vasos de flores e um arbusto artificial carregado de pássaros exóticos empalhados, tudo encimado por um crucifixo.

Defronte das janelas estava a alcova, fechada por cortinados de cotim riscado de vermelho e preto.

Entre esta alcova e o fogão, em redor do qual se fazia roda nas noites de inverno, a menina Adélaïde estava sentada numa grande cadeira de rodas, das onze horas da manhã às nove horas e meia da noite.

Sem a brancura mate das suas faces um pouco rechonchudas e sobretudo sem as suas queixas quase contínuas contra tudo o que a cercava, poder-se-ia facilmente tomá-la por uma múmia egípcia.

Duas cadelinhas de raça indefinida dormitavam perpetuamente aos seus pés, lado a lado com um soberbo gato angorá, seu comensal e seu amigo de infância, apesar da lei natural.

À direita da doente, um grande papagaio da Guiana estava poleirado no seu pau e gozava ao canto do fogão de um calor equatorial que lhe lembrava a sua terra.

Sobre uma velha consola com incrustações de cobre, e que ocupava o espaço compreendido entre as duas janelas, três peixes vermelhos nadavam num vaso de vidro branco.

Uma gaiola contendo dois canários e a sua família estava suspensa acima da porta que conduzia ao quarto de Clara.

Finalmente, sobre a prateleira interior de uma das janelas percebia-se outra gaiola aprisionando um estorninho.

Ao mais ligeiro toque da campainha da antecâmara, toda esta pequena coleção de animais punha-se em sobressalto.

As cadelinhas uivavam, os canários piavam, o estorninho assobiava, o papagaio gania indefinidamente *dá a pata*; a menina Justine gritava para fazer calar os seus bichos, a menina Adélaïde para fazer calar a sua irmã. Enfim, era durante vários minutos uma algazarra pavorosa que não se serenava senão para se renovar à primeira visita.

Depois, quando o silêncio começava a restabelecer-se, era raro não se ouvir a voz irritada e trémula da menina Adélaïde, censurando a sua irmã pela sua mania de ter bichos.

— Esta Justine é insuportável, dizia ela a maior parte das vezes. Acabaremos todas por ficar surdas, e é um verdadeiro milagre que não o estejamos ainda.

Mas era bem pior se a menina Justine que, dotada de uma grande atividade, ia e vinha sem cessar, punha o pé por descuido na pata do angorá. O grito de aflição que soltava o gato não era nada ao pé do da velha enferma. Poder-se-ia crer que acabavam de lhe deslocar a anca. Depois, vinham os epítetos de estouvada, de desajeitada, de carrasca, que caíam espessos como granizo, e deixavam a pobre Justine atordoada até que lhe voltasse bastante sangue-frio para dizer a rir à sua irmã:

— Eh! que o vosso gato ponha tamancos!

Foi um puro acaso que levou Bonnin à casa das meninas Cotis aquando da sua instalação em Paris.

Procurava um andar cujo preço não fosse demasiado elevado. O que elas tinham vago acima do seu era de trezentos e cinquenta francos. Bonnin visitou-o, achou-o da sua conveniência e tomou posse dele.

Alguns meses depois, tendo a velha Clara feito uma ligeira entorse no pé ao ir buscar lenha à cave, foi Bonnin quem mandaram chamar para lhe dar cuidados.

Achando-o a doente muito suave, os seus dois patrões concluíram que devia ser muito sábio, e decidiram que no futuro não teriam outro médico.

Uma feliz observação da menina Justine corroborou em breve esta sábia resolução.

— Não acha, disse ela um dia à sua irmã, que o sr. Bonnin tem na cara qualquer coisa de Victor?

— O queixo, respondeu esta: eu tinha feito a observação.

— E eu também, disse vivamente Clara.

E as nossas três boas velhas, cujos corações, sobre este assunto, vibravam sempre em uníssono, derramaram todas três algumas lágrimas.

A partir desse momento, Bonnin foi o amigo da casa.

Independentemente do caráter atrabiliário da menina Adélaïde, as duas irmãs, como bem se pensa, não estavam sem alguns defeitos.

[1] *Nota do tradutor:* Mantém-se a numeração das páginas no corpo do texto e a ortografia do original nos títulos intermédios e nomes próprios.

[2] *Nota do tradutor:* No texto original lê-se «11 de novembro de 1839», resultando de uma gralha evidente do autor (já corrigida no contexto da narrativa onde a chegada ocorreu em 1819 e Victor faleceu em 1822).

Bonnin achava que elas tinham duas sobretudo, que consistiam:

A primeira, numa devoção exagerada e que misturava por vezes um pouco de intolerância ao humor naturalmente tão sereno e tão bonacheirão da menina Justine;

A segunda, numa espécie de entusiasmo fanático por uma droga infernal, conhecida sob o nome de elixir de Babeuf; droga que elas apregoavam a toda a gente, que administravam a toda a vizinhança e da qual elas próprias faziam um deplorável abuso.

O elixir de Babeuf, assim qualificado com o nome do seu inventor, humilde proletário que pretendia ser da família do célebre socialista, vendia-se, como se costuma dizer, por baixo do capote, à razão de seis francos o frasco.

As meninas Cotis atribuíam-lhe virtudes maravilhosas e afirmavam que as tinha salvo a ambas. Por isso era preciso, diante delas, falar dele com respeito. Para uma enxaqueca, para um corte, diria quase para um calo no pé, recorria-se ao elixir. Estou certo de que este remédio inaudito lhes encurtou os dias em quatro ou cinco anos [1].

[1] As meninas Cotis morreram ambas, uma há sete anos, a outra no ano passado.

Mas entre elas e o nosso amigo Bonnin existia outra pedra de tropeço muito mais saliente ainda: era o magnetismo.

Por credulíssimas que fossem sob todos os outros aspetos, as meninas Cotis recusavam-se obstinadamente a prestar-lhe fé. A sua incredulidade entricheirava-se sobretudo atrás de um breve de Gregório XVI, que, a exemplo de Moisés no Deuteronómio, proibia o sonambulismo. É verdade que se teria podido embaraçá-las singularmente perguntando-lhes como podia ser que Sua Santidade o Papa fulminasse contra uma coisa sem existência. Mas as nossas boas mulheres não se detinham nessas subtilezas.

Quando, para as levar a partilhar das suas crenças, Bonnin exibia, segundo o seu hábito, as mais inverosímeis das numerosas histórias que possuía sobre a matéria, uma espécie de piedade constrangida pintava-se no rosto da menina Justine. Não ousando replicar demasiado com medo de desagradar a um jovem a quem a natureza tinha dado o queixo do seu falecido sobrinho Victor, contentava-se em deitar de soslaio para a sua irmã um olhar que traduzia o seu pensamento.

Quanto à menina Adélaïde, incapaz como era de dissimulação, encolhia os ombros com indignação e dizia com voz irada:

— É possível que um homem de espírito dê em semelhantes tolices!

Havia mais de três anos que durava esta pequena guerra intestina quando um milagre veio conciliar as partes beligerantes, e esse milagre foi obra do elixir Babeuf, todo surpreendido num belo dia por ser amigo do magnetismo.

Pelo meio de dezembro de 1839, o amigo Bonnin, tendo perdido o apetite, imaginou que estava atacado de alguma doença grave e foi-se, como é natural, consultar uma sonâmbula. Esta fez-lhe uma prescrição, que relataremos textualmente no nosso próximo capítulo, e que Bonnin veio, logo nessa mesma noite, comunicar às suas hospedeiras.

Foi primeiro, a cada artigo que o nosso amigo lia, um clamor de zombaria e até de imprecações, que aliás vinham quebrar-se contra a

impassibilidade do leitor, como as vagas do Oceano na base de um rochedo.

— Caldo de galinha! exclamava a menina Justine... Não há nada melhor para enfraquecer o estômago.

— Pombos fendidos ao meio e aplicados nas barrigas das pernas! Oh! oh! disse Clara; eis aí meias como nunca tricotei; e no lugar do senhor doutor, bem sei o que faria delas.

— O que faria delas, Clara?

— Com o devido respeito, senhor, fazias em guisado.

Bonnin não se dignou sequer fazer um gesto de piedade.

— Tisana de saboeira! fez por sua vez a menina Adélaïde... Mas você não sabe o que é a tisana de saboeira... Pois bem! é veneno. Verás, verás, Justine, que com todas as suas charlatãs ele vai matar-se como o Victor.

Bonnin não moveu uma palha, certo como estava de obter no final a aprovação do seu auditório. Foi, com efeito, quase um golpe de teatro quando leu, num tom solene, um último artigo assim concebido:

— Tomar de manhã em jejum uma colherada de elixir de Babeuf.

— De Babeuf!

— De Babeuf!!

— De Babeuf!!!

Exclamaram as três mulheres em três tons diferentes e de modo a formar as notas de uma fuga dissonante.

— De Babeuf, repetiu gravemente Bonnin, passeando em redor de si um olhar triunfante.

A partir desse momento, as meninas Cotis e a sua criada Clara creram todas três no magnetismo. Bonnin, do seu lado, creu nas virtudes do elixir de Babeuf, e a paz foi assinada.

XXIV

O ELIXIR DE BABEUF

Foi no próprio dia em que Bonnin começava a seguir a prescrição da sua sonâmbula que Albin e eu fomos vê-lo, por volta das onze horas da manhã.

Desde o romper do dia, a menina Justine, perfeitamente edificada sobre a lucidez dessa sonâmbula, tinha subido ao quarto do nosso amigo a fim de lhe administrar ela própria o medicamento ordenado.

Embora o doente não devesse tomar senão uma única colher da boca, a velha solteira, sob pretexto de fazer a conta certa, tinha dobrado a dose pela honra do elixir, e Bonnin, apesar do sabor exsecrável da droga, tinha-a bebido sem mover uma palha, pela honra do magnetismo.

Como verdadeiro mártir da fé que era, teria tragado da mesma forma arsénico ou vitríolo.

Ignorávamos ambos a sua doença e só a soubemos ao subir a sua casa, pela boca da menina Justine, que encontrámos na escada. Gloriosa da sua intervenção, e segura antecipadamente dos bons efeitos do elixir de Babeuf, ela destruiu muito rapidamente, anunciando-nos a muito próxima cura do nosso confrade, a inquietação que as suas primeiras palavras tinham podido inspirar-nos sobre a sua má saúde.

O andar que Jérôme ocupava tinha exatamente a disposição do das meninas Cotis, salvo que a sua antecâmara era melhor iluminada, e que se tinha retirado, emparedando uma porta para abrir outra no patamar, o quarto que correspondia ao da menina Justine.

Esse quarto estava alugado ao perfumista que ocupava o rés do chão.

Da sala de jantar, onde raramente se comia, Bonnin tinha feito uma sala de espera onde, visto o pouco entusiasmo da clientela, quase nunca se esperava.

Eis que uma grande esteira de junco revestia, a título de tapete, o tijoleira desta divisão, em redor da qual estavam alinhadas algumas cadeiras de madeira branca, e cujo centro estava ocupado por uma mesa de pé de galo de mogno.

Vários folhetos sobre assuntos diversos, e alguns números de um jornal de magnetismo publicado em Bruxelas, aguardavam sobre esta mesa a ocasião imaginária, hesitei em dizer alas!, de fazer ter paciência aos consultantes, retidos pela multidão na sala de espera.

Um termómetro, suspenso contra um dos montantes da janela, provava aliás, pela temperatura rigorosa que indicava, que se o nosso confrade pensava em distrair os seus doentes, ocupava-se mediocremente do cuidado de os aquecer.

Uma mulher de meia-idade, limpinha e de rosto bastante aprazível, desempenhava junto de Bonnin as funções de governanta e, de momento, as de enfermeira.

Esta mulher, muito mais polida do que são em geral os criados dos médicos com clientela, fez-nos ao abrir a porta uma vénia irrepreensível, e tomou um ar de misteriosa compunção para nos ensinar, o que já sabíamos, que o senhor estava indisposto e não podia receber ninguém.

Não era possível que esta ordem fosse para nós. Por isso o nosso duplo título de confrades e de amigos a fez levantar imediatamente e fomos introduzidos.

O quarto em que estava deitado Bonnin correspondia ao da menina Adélaïde, mas não lhe assemelhava de modo nenhum. Ele tinha feito dele o seu gabinete e tinha-se, em consequência, esforçado por lhe fazer perder, sob a fisionomia desse emprego, o caráter da sua primitiva e verdadeira destinação.

Duas portas inteiras, quase inteiramente revestidas de mapas geográficos, podiam, quando estavam fechadas, fazer ilusão sobre a não existência da alcova.

Uma grande secretária de duplo gaveteiro impunha pela quantidade de livros e de papéis de que estava carregada.

Uma biblioteca razoavelmente fornecida ocupava, em frente da alcova, o espaço compreendido entre as duas janelas e servia de pedestal às cabeças de sete a oito salteadores mostrando aos olhos amigos da frenologia os vícios da alma moldados em gesso.

Sobre a prateleira da chaminé repousava majestosamente, entre duas urnas de bronze, um relógio de granito tendo o Tempo por assunto.

Este relógio, imagem quase viva do espírito ao mesmo tempo metódico e paradoxal do seu proprietário, adiantava regularmente um quarto de hora. Isso devia-se a que Bonnin, temendo sempre estar atrasado e desconfiando da sua lentidão natural, não tinha encontrado nada melhor para se apressar do que apressar o ponteiro pelo qual se regulava.

Finalmente, à direita da chaminé, a parede estava ornada com um retrato litografado do imortal Mesmer, magnificamente emoldurado e tendo por pendente uma Virgem com a legenda.

Antes que tivéssemos penetrado neste santuário do magnetismo, dois ou três gemidos surdos, testemunhando as angústias do grande sacerdote que o habitava, vieram provar-nos que o agente divino descoberto por Mesmer fazia por vezes pagar duramente os benefícios que dispensava.

Em efeito, o amigo Bonnin estava mais morto do que vivo.

Enfiado até ao queixo sob montões de cobertores, modestamente toucado com um dos lenços de algodão com que se assoava, só tinha ao ar o seu rosto, tão pálido, tão amarelo, tão verdasco e tão puxado, que parecia ainda uma vez mais comprido do que o habitual.

Quando entrámos, fez um esforço para nos estender a mão, mas uma contração diabólica do seu estômago cortou tão rente a sua boa

intenção, que nos foi preciso, de bom ou mau grado, contentarmo-nos com esta última, e que tivemos todas as penas do mundo para adivinhar, sob a mais lastimável careta que jamais se tinha visto, o sorriso amigável que nos tinha preparado.

Felizmente que Marguerite (a sua governanta chamava-se assim) tinha entrado ao mesmo tempo que nós e correu em seu auxílio.

O elixir agia à maneira dos eméticos e tão eficazmente que o pobre Bonnin, embora o tivesse tomado em jejum, parecia um romano no *vomiturum* de Marco António ou de Lúculo.

Desde há mais de duas horas, disse-nos Marguerite, as coisas iam deste passo e, segundo toda a aparência, não estavam prestes a parar.

Estávamos apavorados.

— Ah! senhores, disse-nos finalmente o doente, quanto custa curar!

— Curar de quê, Bonnin?

— Não o sabíamos doente.

— Ah! estou-o no entanto bastante!

— Coragem! senhor, fez Marguerite, coragem! o elixir é benfazejo e tocamos ao fim das nossas misérias.

— De que elixir fala? perguntei eu.

— Do elixir de Babeuf, respondeu Marguerite. É o tesouro da saúde.

— A peste! fez Albin, é preciso pelo menos convir que se ele lá leva, é pelo caminho do paraíso. Que droga é essa, Bonnin?

— Uma tintura vegetal. O resto está, creio eu, sobre a minha secretária. Ah! meu Deus! meu Deus! meu Deus!... tenho um ferro em brasa no esófago. Depressa, Marguerite, a mim!

E enquanto a guarda do nosso amigo lhe sustém a testa e o exorta a suportar cristãmente as suas dores, dirigimos as nossas investigações sobre o precioso medicamento que, semelhante à lança de Aquiles, deve em breve, assegura Marguerite, curar o mal que causou.

O frasco que o encerra está desprovido de rótulo.

A sua capacidade (em álcool ou em tintura alcoólica) parece-nos ser de sessenta gramas. Está vazio até metade: o que dele falta é, pois, a dose que, de momento, põe em apuros o tubo digestivo do nosso amigo.

O elixir de Babeuf, a julgar pelo que dele resta no frasco, é um líquido de cor ambarina, de uma perfeita limpeza e sem outro odor apreciável além do de um mau espírito de vinho.

Como a maioria das tinturas medicinais tem o mesmo aspeto e o mesmo odor, estas propriedades físicas nada nos ensinam sobre a composição da que nos ocupa. O importante para nós seria conhecer-lhe o sabor, mas para isso seria preciso prová-la. Quem de nós dois terá a coragem?

— Eu dedico-me, disse Albin.

E destapando o frasco, descarrega-o sobre a ponta do seu dedo que leva em seguida aos lábios.

— E bem?

— Sabor atroz! responde ele, cuspindo dez vezes seguidas.

— Afinal, o que é?

— Coloquíntida.

— Ah! o desgraçado!

— Que cólicas! que cólicas! Parece-me que me rasgam com unhas de ferro, grita o doente, testemunha involuntária das nossas pesquisas, e cujas entranhas se revolucionam ao só aspeto do benfazejo elixir.

— Sofrer-se-ia por menos, disse Jacques encolhendo os ombros. Quem lhe pôs então na cabeça envenenar-se assim?

— Uma sonâmbula, ruge Jérôme, contorcendo-se como uma cobra.

— Apanhou-te, digo eu a Albin.

— Uma sonâmbula! e qual então?

— Ah! deixem-me respirar... já não posso... a mim, Marguerite! ah! meu Deus! meu Deus!

— Ele está envenenado.

— É conforme. Vejamos, Bonnin, faça um esforço, qual é o nome da sonâmbula que consultou?

— Stéphanie Dauruc, grita finalmente o doente entre duas contorções.

— E bem! qual de nós dois é apanhado? faz Albin triunfante.

— Nem um nem outro, convenho. Mas desta vez não tenho dúvidas, digo ao ouvido do meu amigo, o infortunado Bonnin...

— Eh! não, replica Albin, adivinhando o resto da minha frase, a coloquíntida é um drástico, mas não é um veneno. Faz sofrer e não mata.

— É igual, estou inquieto; o que te propões fazer-lhe?

— Tudo o que te parecer bom.

— Esta sonâmbula é muito lúcida, interrompe Bonnin aproveitando o primeiro instante de trégua que lhe deixa o seu suplício, para fazer o elogio do seu carrasco; ela viu bem o meu mal.

— "É nervoso", disse-me ela, apertando-me a mão; "as suas digestões fazem-se mal; não come quase nada e sofre do estômago."

— Admirável diagnóstico! fez Albin.

— E o que poderia ela ter dito de mais exato?

— O que ela poderia ter dito?

— Sim, fale, peço-lho.

— Ela poderia ter dito, amigo Bonnin, que você não era de todo nervoso, que comia como um ogro, que...

— Ah! por exemplo! exclama o doente.

— Escute lá, Jérôme, conheço-o um pouco; mas falemos com sangue-frio: é bem seriamente que se julga nervoso?

— Com certeza!

— Você tão calmo, tão medido, tão compassado, tão pacífico!

— Tudo o que lhe aprouver, não sou menos nervoso por isso.

— Ele teima nisso.

— Sim, teimo nisso. Teimo nisso porque isso é assim. Conheço-me ainda melhor do que vocês me conhecem. Tal como me veem, sou muito impressionável, muito impaciente, muito irritável; mas domino-me.

— Que estoico!

— Eh! eh! mais do que pensam.

— Seja, passemos sobre este ponto. Saberás, disse Albin dirigindo-se a mim, que toda a sonâmbula que sabe o seu ofício acha de bom grado nervosas todas as pessoas que a consultam. Este traço de lucidez que lhe custa pouco esforço lisonjeia de ordinário os doentes que, na sua maioria, têm pretensões a uma viva sensibilidade.

— Pode-se disparatar assim! faz o doente escorregando na cama, de modo a fazer-nos crer ou a convencer-se a si próprio por este ato de impaciência de que é com efeito tão nervoso como lhe disse a sonâmbula.

— Lá, Jérôme, não nos zanguemos, retoma alegremente Albin, quer absolutamente que a sonâmbula tenha tido razão no que concerne aos seus nervos? Concedo-lho, fica combinado; mas em boa consciência, como não se revoltou ao ouvir as calúnias dela sobre o seu apetite e sobre as suas digestões?

— O quê? o que quer dizer?

— Não tem apetite?

— Não tenho.

— E digere mal?

— Muito mal.

— Desde quando, se faz favor?

— Mas desde há vários meses.

— Ah! Bonnin, meu amigo, não é minha culpa se o apanho em falta, mas esquece que não há oito dias jantámos juntos. Ora, ignoro se nesse dia digeria ou não digeria; mas do que sou fiador é de que fazia dos seus dentes um magnífico uso.

— Nesse dia, é possível, tinha caminhado muito e tinha fome.

— Ainda bem, gosto da franqueza.

— Eh! meu Deus, só a tenho em excesso; mas o que prova contra o que afirmo o meu apetite de um dia? Não deixa de ser verdade que no dia seguinte já não podia comer.

— E o elixir de Babeuf vai devolver-lhe o apetite?

— Ah! por favor, não falemos disso, faz Bonnin, sentando-se bruscamente na cama e soltando uma espécie de estertor tão equívoco que Marguerite acorre e que nós recuamos um passo.

— Pobre Bonnin! fez Jacques quando o perigo passou; creio, para lhe falar francamente, que ao escolher para seu médico a menina Stéphanie Dauruc não teve a mão feliz.

— É o que a continuação esclarecerá, disse o doente afundando-se de novo sob os cobertores.

— Oh! o senhor está salvo, observou Marguerite levando triunfalmente a sua bacia vazia.

— Em resumo, digo por minha vez, o que lhe prescreveu a rapariga Dauruc?

— Oh! meu Deus, respondeu Bonnin um pouco embaraçado, diversas coisas, algumas das quais bastante... extraordinárias, tais em fim como prescrevem frequentemente as sonâmbulas.

— Banha de cão ou sapos em tópico? perguntou maliciosamente Albin.

— Não, fez gravemente o doente.

— Ora! Jérôme, não tenha vergonha... um remédio que cura nunca é ridículo.

— Todos os doentes seriam dessa opinião. Mas, olhe, a prescrição está sobre a minha secretária, debaixo do pisa-papéis de granito.

— Bem, vamos vê-la.

E Jacques desdobrando o papel, leu em voz alta a seguinte consulta, escrita pelo próprio Bonnin sob a ditado de Stéphanie Dauruc:

1.º «Duas chávenas todas as manhãs da seguinte tisana:

Tr. Grama. — Um pequeno pacote. Folhas de saboeira. — Semente de anis. — id. de funcho, de cada uma uma pitada.

Façam ferver numa pinta de água, deitem por infusão sobre três pregos enferrujados, — coem e deixem arrefecer para o uso.»

— Como assim! exclamei eu, eis que é muito mais médico do que eu teria pensado.

— Isso, disse Albin, talvez não valha mais por isso. Mas isso não é senão o primeiro artigo, eis o segundo:

2.º «Para todo o alimento durante cinco dias: sopas de caldo de galinha.»

— Sistema de Broussais, observei; a dieta até à morte!

— Enganas-te, disse Albin, pois eis alimentos:

3.º «Dois pombos.... Ah! meu Deus! fendidos em dois todavia vivos e aplicados à noite nas barrigas das pernas!»

— Ela quer então alimentar Bonnin, exclamei eu, desatando a rir, pelo método dérmico!

«Este tópico não será retirado senão ao fim de trinta e seis horas.»

— Ah! a ignóbil marota! murmurou o meu amigo.

— E fará isso, Jérôme? perguntei ao doente.

— Fi-lo desde ontem à noite.

— Mas então esses desgraçados pombos estão ainda nas suas barrigas das pernas!

— Sim, sem dúvida, estão lá ainda: querem vê-los?

— Pela minha fé, não. Ah! Bonnin, meu amigo, ainda passa para o elixir; mas não lhe perdoo os pombos.

— Eh! o que queres, meu caro? disse Jacques, Jérôme é como Santo Agostinho, crê porque é absurdo.

Assim como nos lembramos, o último artigo da ordenança dizia respeito ao elixir de Babeuf. Jacques julgou dever poupar a sua leitura ao doente, com medo de despertar nele perigosas reminiscências; mas reconhecemos em breve a inutilidade desta caritativa precaução.

Apenas tínhamos terminado os nossos comentários sobre a singular terapêutica de Stéphanie Dauruc, uma nova crise, muito mais violenta ainda do que aquela de que tínhamos sido testemunhas à nossa chegada, declarou-se no pobre Bonnin.

Depois de ter virado duas ou três vezes os seus grandes olhos cinzentos, como teria feito uma mulher atacada de um ataque de eclampsia, recomeçou a gemer e em breve a gritar. Marguerite acorreu, mas desta vez não foi em vão. Era uma piedade ver Bonnin neste deplorável estado. Gassner, ao exorcizá-lo, teria tremido de ser vencido pelos demónios que o obcecavam, de tal modo lhe teriam parecido grande o seu número e a sua potência.

Finalmente, a própria Marguerite, apesar de toda a sua religião no elixir de Babeuf, Marguerite estava evidentemente comovida e já não teria ousado dizer: *O doente está salvo*.

Quanto a mim, confesso que estava mediocremente sossegado sobre o desfecho de uma crise cuja causa não me era bastante conhecida para que eu pudesse calcular exatamente os seus efeitos. Deixando, pois, provisoriamente o elixir e o embaraço gástrico do nosso amigo a desembaraçarem-se à sua fantasia, aproximei-me de Albin, que, fazendo um ecrã da ordenança de Stéphanie Dauruc, continuava a aquecer-se tranquilamente ao canto do lume.

— Não estás então inquieto? perguntei-lhe em voz baixa.

— Meu Deus, não, respondeu-me ele.

— No entanto, a coloquíntida... *(maçã amarga)*

— Repito-te que a coloquíntida quase nunca faz morrer.

— Assim não supões nenhum perigo?

— Nenhum.

— O que te faz então sorrir?

— Nada.

— Mas ainda assim.

— Penso nesse pobre Sancho quando se tinha fartado de bálsamo de Fierabrás.

— Éss um tigre, meu caro Albin!

— Porque penso em Sancho?

— Ter semelhantes ideias, quando este desgraçado Bonnin sofre o martírio e grita como um danado!

— Eh! o que queres que eu faça à sua raiva? Conheces o contraveneno do elixir de Babeuf? Não, e bem, digamos como certos economistas que esperam tudo do tempo: *Deixemos fazer, deixemos passar*.

— Se o puséssemos num banho quente?

— A ele? A Bonnin? Tu não o conheces nada! Ele nunca quereria.

— Porquê?

— Porque a sonâmbula não lhe ordenou banho nenhum.

— Então, vou pedir à menina Justine que suba. Como ela conhece a sua droga, saberá talvez algum meio de lhe deter os estragos.

— Vai; serei bastante curioso para assistir à consulta.

E Jacques, não obstante a aflição sempre crescente do nosso infortunado confrade, continuou a aquecer os pés, enquanto eu desci a casa das meninas Cotis.

A menina Justine, que me veio abrir ela própria, recebeu-me no quarto de Clara, onde o acolhimento ensurdecedor que me fizeram as suas duas cadelas me deixou temer por um instante que não nos pudéssemos entender.

— E bem, disse-me ela, finalmente, quando as suas admoestações ajudadas pela vassoura da governanta trouxeram um pouco de silêncio, como vai o nosso doente?

— Menina, vai muito mal, respondi.

— Como, muito mal?

— Sofre como um danado.

— Tanto melhor, tanto melhor!

— Tanto melhor! gritou da sua voz pequena, azeda e trémula, a menina Adélaïde, que estava ainda deitada e que eu não podia avistar.

Estava estupefacto.

— Mas, menina, retomei eu, não me compreende. Digo-lhe que o senhor Bonnin tem dores de entranhas de se contorcer como uma cobra.

— Tanto melhor, digo-lhe eu, tanto melhor!... É o mal que se vai embora.

— É o mal que se vai embora, repetiu a menina Adélaïde.

— Queixa-se de que a noiva é bonita demais.

— .... É bonita demais.

— Mas, menina, está bem certa de que não é o remédio?...

— Ah! Pois sim! O remédio!... É calmante.

— É calmante, repetiu a irmã.

— Oh! Então, menina, venha depressa, peço-lhe, administrar uma nova dose, pois o doente parece-me ter dela a maior necessidade.

— O seu senhor Bonnin é um mariquinhas.

— É muito verdade, menina; mas se contudo (o melhor, como diz o provérbio, é por vezes inimigo do bem), se a dose de elixir que já tomou o M. Bonnin fosse um pouco forte demais?...

— Forte demais! Senhor Deus!... Uma das nossas vizinhas, a pequena Desmousseaux, que não tem ainda quinze anos...

— Não os terá senão pelo São João, disse a velha Adélaïde, que se apaixonava assim que se tratava do elixir.

— A pequena Desmousseaux tomou um dia quatro colheres em vez de duas.

— E jura-me que ela não morreu disso?

— Quero dizer que foi isso o que a curou de uma gastrite de que sofria morte e paixão.

— E que teria certamente acabado, sem o elixir, por lhe pregar uma partida, acrescentou a velha enferma, cuja voz exausta parecia sair da terra, como a do pai de *Hamlet*.

— Assim, digo eu, menina, podemos estar tranquilos?

— Muito tranquilos; respondo por tudo.

Em efeito, quando voltei a subir, o doente estava mais calmo, a dor tinha-se deslocado amainando um pouco, e o mal, vencido pelo remédio, ia-se embora finalmente tão positivamente que Albin e eu sentimos a necessidade de lhe ceder o lugar.

— É preciso confessar, digo eu desatando a rir, quando estávamos na rua, que a medicina das sonâmbulas é uma admirável medicina!

— E o elixir de Babeuf um admirável elixir, acrescentou o meu amigo. Mas guarda-te de confundir: a medicina da rapariga Dauruc não é a das sonâmbulas.

— Concedo-te esse ponto, mas as outras sonâmbulas são sempre lúcidas? Não, tu próprio o confessas; então prefiro ainda a medicina dos médicos. Sei bem que os médicos estão longe de ser infalíveis; mas afinal os seus preceitos emanam da experiência, esse guia por

excelência da razão humana; eles procedem em virtude de certas regras, de certas leis, numa palavra, de uma certa ciência.

— Olha para mim sem rir, disse Jacques encolhendo os ombros. Os médicos apalpam no escuro, disparatam e a maior parte das vezes extraviam-se: são pretensos sábios cuja ciência não tem axiomas. As sonâmbulas, pelo contrário, veem e não raciocinam, porque têm por si o instinto: esse instinto infalível que reconduz a andorinha ao seu ninho e guia o morcego nas trevas da sua caverna; esse instinto que a natureza devolveu aos bichos e que o exercício exclusivo da inteligência sufoca no homem desde o berço.

— Mas por esse motivo, exclamei eu, a medicina das sonâmbulas é uma medicina perfeita!

— Não, respondeu Albin, porque, infelizmente, encontram-se mais raparigas Dauruc do que verdadeiras sonâmbulas.

XXV

DRAMA FANTASTICO

Vou terminar estas memórias pelo relato de uma aventura bizarra, verdadeira embora pouco verosímil, cujas consequências inauditas puseram o selo na minha convicção e fixaram, de certo modo, o ponto de partida da linha científica que fatalmente segui.

Cinco meses tinham-se escoado desde os últimos acontecimentos que contei, isto é, desde o dia em que Bonnin, graças à saúde de ferro de que o tinha dotado a natureza, tinha saído vitorioso da terrível prova em que o deixámos. Muitas vezes, desde essa época, eu tinha exasperado este furioso crente exagerando, por pura provocação, o resto de dúvida que uma análise imparcial de tudo o que eu tinha visto me tinha deixado no espírito.

Quanto a Albin, que sabia a que ater-se sobre o fundo do meu pensamento e a quem as fúrias inocentes do nosso amigo divertiam, punha o cúmulo ao desespero de Jérôme afetando por vezes concordar comigo. Ele e eu tínhamos retomado os nossos hábitos íntimos de outrora e passávamos juntos a maior parte das nossas noites.

Contudo, havia vários dias que não nos tínhamos visto quando, uma manhã, ele chegou a minha casa, pálido, desfeito e com um rosto tão alterado que não pude deixar de exclamar, apertando-lhe a mão:

— Eh! Justo céu! Meu amigo, vens então do outro mundo?

— Precisamente, respondeu-me ele meio a rir, meio a sério.

— O quê! Estiveste doente e não me mandaste dizer nada?

— Não, não estive doente, ou pelo menos... Mas vejamos, escuta-me e, antes de mais, reaviva o teu lume, pois estou gelado da cabeça aos pés.

Em efeito, Jacques tiritava, embora estivéssemos no fim de maio e fizesse um tempo muito brando.

— Decididamente, disse-lhe eu, acedendo ao seu desejo, isto é, esgotando sobre três tições que aproximei o melhor que pude a verve duvidosa de um fole asmático, decididamente não me pareces no teu estado normal.

— Eu! disse ele, tenho febre e tenho medo de estar louco. O que te vou contar é tão estranho, tão absurdo, tão incrível e contudo tão real, que estou a perguntar a mim mesmo se durmo ou se estou acordado, se estou no meu bom senso ou se, como temo, perdi a razão.

— Que exórdio alarmante! Outrora ter-te-ia julgado bêbado; mas hoje...

— Eis os factos, julga por ti:

«No dia de ontem, magnetizei vários doentes. Estava, pois, cansado quando recolhi a casa; mas, fora isso, sentia-me de boa saúde. Terão estas particularidades alguma relação com o que me aconteceu desde então? Ignoro-o, pois confesso que, se essa relação existe, o meu espírito não a apreende. Das nove horas à meia-noite, li alguns capítulos do *Tratado da Solidão*, livro encantador de Zimmermann, que abro de bom grado quando o tédio me ganha e que me faz companhia quando estou cansado de estar só. Finalmente, à meia-noite deitei-me sem outro cuidado além de dormir bem. Sei que aos olhos das pessoas que me conhecem, ou que talvez me conhecem mal, passo por um sonhador.

A verdade é que, fisiologicamente falando, esse epíteto não me convém. Sonho pouco no meu sono, mesmo com as pessoas de quem mais gosto. Ora, esta noite, por extraordinário, mal adormeci sonhei com Mathilde. Era o seu marido sem ter deixado de ser seu amante: realização quimérica, hesitei em dizer alas!, da mais imensa felicidade que jamais concebi.

«Todo o sonho é mentira, diz um provérbio, e, embora tenha fortes razões para não adotar explicitamente este adágio, sou infelizmente forçado a reconhecer que nem sempre é falso.

«À uma hora, sou acordado por vozes confusas na minha antecâmara. Escuto e creio distinguir o nome da viscondessa de V... Uma perturbação súbita apodera-se de mim, levanto-me precipitadamente depois de ter agitado a minha campainha; finalmente, estou já meio vestido quando o meu criado entra no meu quarto.

«Sabo então que a senhora de V..., que vi na véspera durante a manhã e que deixei um pouco doente, está agora muito mal. Não peço mais nada, acabo à pressa de me vestir, depois desço a correr a minha escada e subo com o criado de Mathilde para uma carruagem de aluguer que me espera à porta e que nos transporta para a rua Chauchat.

«Como se faz que me recorde nitidamente das reflexões a que me entreguei durante este curto trajeto, enquanto outras circunstâncias muito mais importantes me vêm tão confusamente que terei dificuldade em ter-tas de volta? É que então, sem dúvida, as violentas emoções que me esperavam ainda não me tinham transtornado o espírito.

«Segundo o que me diz o criado, tratava-se provavelmente para a viscondessa apenas de um desses acidentes nervosos a que ela sempre esteve sujeita e que, por alarmantes que sejam para as pessoas do mundo, têm raramente aos olhos do médico a gravidade que se seria tentado a supor-lhes.

«Não é senão um espasmo, pensava eu. Algumas gotas de éter e de láudano vão pela centésima vez operar um prodígio; a minha presença fará o resto, e... vou estar toda a noite sentado à cabeceira da

cama de Mathilde, com a mão dela na minha.... Egoísta que eu era! Por pouco não agradecia à Providência o mal que enviava à minha amante! O coração do homem é feito assim: somos incapazes de uma abnegação absoluta e não estou longe de crer que, sob este aspeto, as mulheres valem mais do que nós. Mas a Providência, que eu ofendia, puniu-me cruelmente.

«Ao subir a escada da viscondessa, sinto despertarem todas as minhas apreensões. Introduzido na sua sala, estou de tal modo comovido, o meu coração bate tão violentamente, que sou forçado a parar. Uma criada previne-me de que vou encontrar junto da doente um dos meus confrades que se me adiantou, porque habita a casa. Esta circunstância junta-se às minhas perplexidades. Vais ver, meu amigo, que elas eram legítimas: mas é preciso que aqui me agarre às minhas recordações, para não inverter a ordem das minhas impressões.

«No próprio instante em que vou entrar no quarto de Mathilde, parte dele um grito penetrante, ao qual sucede um soturno silêncio que em breve é interrompido por soluços e sinistras exclamações. Então, a minha cabeça desvairou, abro violentamente e vou precipitar-me para a cama de Mathilde...

«Não há mais tempo! diz-me com voz sufocada o M. de M..., seu tio, atirando-se diante de mim. Não há mais tempo! Ela morreu!»

«Há por vezes no jogo das nossas faculdades morais incompreensíveis bizarrias. As palavras terríveis que acabo de ouvir e que deveriam ter-me atingido com a violência do raio devolvem-me incontinente uma sorte de sangue-frio.

«Se não há mais tempo, digo ao M. de M..., cabe-me a mim, senhor, certificar-me disso; consente, pois, que me aproxime.»

«O que se passava então em mim? Que potência misteriosa sustentava, neste momento horroroso, as minhas forças e a minha razão? A dúvida, talvez. Não durou senão alguns segundos e a minha razão esvaiu-se com ela.

«Que espetáculo! Ó meu amigo! Sobre esta cama morna ainda jaz uma mulher, sem movimento, sem calor, sem vida, e esta mulher é Mathilde!

«A dúvida ainda, mas uma dúvida desesperada, frenética, faz-me então recorrer aos meios em uso para certificar a morte real... Não mais batimentos nas artérias nem no coração... Dessas lábios descoloridos já não se exala um sopro que embacie um espelho ou faça vacilar a chama de uma vela! Nada! Nada! Mathilde morreu e a porta da eternidade voltou a fechar-se sobre ela!

«Então senti, por uma horrorosa dor em todo o meu ser, que lhe sobrevivia. Ah! Meu amigo, tu não podes compreender-me senão se amaste.

«Não me veio uma lágrima aos olhos. Não se chora no desespero: mata-se uma pessoa ou fica-se louco.

«Mathilde! exclamei... Mathilde, já não me ouves!... Depois... Não estou bem certo do que fiz; mas creio contudo que, esquecendo toda a conveniência e o mistério do meu amor pela viscondessa e a presença dos seus e o universo inteiro, atirei-me sobre o corpo inanimado da minha amante e abracei-o com um abraço convulsivo, gritando dez vezes do fundo da minha alma estas palavras insensatas: «Mathilde, toma a minha vida e volta!»

«Estas poucas palavras ficaram-me no espírito. Tenho a certeza de as ter ouvido; mas, sem o testemunho das pessoas que me cercavam, já não saberia agora se saíram da minha boca ou da boca de outro.

«Aqui, em efeito, as minhas recordações confundem-se e o fio dos acontecimentos escapa-se-me...

«Duas mulheres ajoelhadas perto da cama mortuária... Uma luz viva que me deslumbra e se apaga... Um sussurro na minha cabeça... Fantásticas imagens que se movem, se agitam e se decompõem... Eis o fundo incoerente das minhas reminiscências; depois, após isso... Mais nada.

«É, pois, somente sob a fé de outrem que te vou contar o incidente mais extraordinário desta noite de angústia que me deixou no abatimento em que me vês.

«Como se alguma potência oculta respondesse à louca evocação que acaba de me sugerir o desespero, no próprio instante em que me

exclamo: «Mathilde, toma a minha vida», a minha vida em efeito parece abandonar-me para passar para o corpo da minha amante...

— Ah! Meu Deus! Caro Albin, felizmente que aqui estás! A viscondessa é um vampiro e a história que me contas...

— É tudo o que te aprouver; mas a menos de supor que, na perturbação de uma dor extrema, quatro pessoas sérias se tenham entendido para compor à minha custa uma fábula ridícula, sou forçado a admitir que esta história é verdadeira. Escuta, pois, o fim.

«Ligeiros sobressaltos fazem primeiro estremecer aqui e ali alguns músculos do rosto e das mãos da viscondessa. Um dos seus braços eleva-se lentamente, fica um instante suspenso e torna a cair imóvel. Em breve, finalmente, as suas maxilas desapertam-se e os seus olhos abrem-se bruscamente, como se molas de aço lhes afastassem as pálpebras: estão baços, sem olhar, sem a menor expressão de vida.

«Quanto a mim, mais inerte e tão pálido como o corpo gelado de Mathilde, do qual me separaram, já não vejo, já não ouço e cessei de sentir. De longe em longe, estas palavras mal articuladas: «Mathilde, toma a minha vida» vêm ainda expirar nos meus lábios e parecem formadas automaticamente pelo espasmo supremo dos meus órgãos vocais.

«Ó meu amigo, quão terrível e solene devia ser esta cena para aqueles que dela foram testemunhas e que, para lhe respeitarem o silêncio, sufocavam os seus soluços.

«De repente, como um cadáver galvanizado, a viscondessa move-se e senta-se na sua cama. Um grito dos assistentes, grito de esperança misturada de horror, acolhe este espantoso despertar. Uma lenta aspiração eleva o seio de Mathilde...

Ela vive, pois, ainda!... Os seus lábios agitam-se como se ela fosse falar... Mathilde fala em efeito...

«As suas palavras, que se recolhem com uma religiosa atenção, são breves, sacudidas e não se escapam dos seus lábios senão a intervalos desiguais; ei-las em toda a sua incoerência:

«Parta, Jacques, parta. — Todos os caminhos levam à eternidade. — Parta, Jacques. — Chegaremos juntos. — Não mais amor aquém-fronteiras. — Nunca, nunca... — Fale, Jacques, parta, todos os caminhos...

«Aqui ela faz uma longa pausa, após a qual retoma:

— Morrer tão longe!... Adeus... adeus... Jacques... adeus.

«Depois ela torna a cair sem movimento, e os seus lábios murmuram a duas ou três reprises ainda:

— Adeus... Jacques... adeus!

«Às cinco horas e meia da manhã, experimentei uma violenta dor na testa e abri os olhos.

«Estava sentado numa cadeira de braços à cabeceira da cama de Mathilde. Mathilde, que me parecia dormir um aprazível sono, acordou no mesmo instante e sorriu estendendo-me a mão, parecendo ao mesmo tempo espantada com a minha presença.

«Ouvi como que um grito de alegria. Olhei em redor de mim e vi sombras que pouco a pouco tomaram formas distintas.

«Eram o tio de Mathilde, a senhora Emma de G..., outra senhora sua parente e o M. S., nosso confrade. Creio lembrar-me de que me falaram; mas não sei o que respondi e se sequer respondi, pois estava exausto.

«Tal é, meu amigo, o relato fiel do que me aconteceu esta noite. Dá-te conta, dize-me, deste duplo prodígio?

— Perfeitamente, caro Albin. Do ponto de vista romanesco e sentimental, esta aventura não carece de um certo interesse; mas do ponto de vista fisiológico, o teu duplo prodígio é muito simples. Não vejo aí por um lado senão uma letargia e pelo outro uma síncope. A viscondessa e tu têm necessidade de cordiais: em consequência, vamos almoçar.

— Não. Primeiro, ser-me-ia impossível comer; em segundo lugar, uma carta que me entregaram quando recolhi a casa esta manhã força-me a partir dentro de uma hora para o Havre, onde vou recolher o

último suspiro e creio... a sucessão de um tio da minha mãe que, plantador em Santa Lúcia, vem desajeitadamente deixar-se atingir por hemiplegia ao desembarcar.

— Um tio da América! Há-os então ainda! Ah! Meu amigo, já não o retenho. Vai depressa confessar esse digno homem e volta para nós milionário... Toma bem sentido sobretudo para que não te pregue a partida da viscondessa.

— Que partida?

— Que não ressuscite.

— Sem coração! Eu amo o meu tio... embora nunca o tenha visto. Ah! A cena desta noite não me sai da ideia!

Três dias mais tarde, recebi de Albin uma carta assim concebida:

Le Havre, 27 de maio de 1840.

O meu tio e eu, meu amigo, portámo-nos bem. Ele morreu e eu chorei-o. A herança é muito digna. Oitenta mil francos em letras sobre Paris e (eis o diabo!) uma habitação em Santa Lúcia que não tenho nenhuma vontade de habitar. Por isso vou cuidar dos meios de me livrar dela o mais depressa possível. O que querias que eu fizesse de cem negros, eu que sou abolicionista? Recordas-te daquele que eu tinha na Argélia? Pobre Makis! Era tão feio! Daria, contudo seis dos do meu tio para ver esse de novo.

Tinha primeiro concebido a ideia de enviar para lá um procurador para me livrar das minhas propriedades; mas eis-me tomado dos terrores do sapateiro de La Fontaine... Tenho medo de ser roubado, de tal modo que, não obstante as profecias razoavelmente sinistras de Mathilde, não estou muito distante de me embarcar eu próprio para Santa Lúcia...

Afinal de contas, Mathilde nada me disse para me dissuadir deste projeto, pelo contrário:

«Parta, Jacques, parta», isso é claro, parece-me.

Pela minha fé, todas as reflexões feitas, a sorte está lançada, e embarco para as Antilhas à primeira ocasião. A minha ausência, assim

o espero, não durará mais de cinco a seis meses. Irei aliás dentro de alguns dias a Paris para pôr em ordem os meus negócios e despedir-me de ti, dos meus amigos e das minhas amigas. A minha intenção é fazer-te o depositário dos meus livros, dos quais herdarás se eu me afogar.

Como eis-me alegre para um homem que regressa do enterro! Tão verdadeiro é o que nos diz Montaigne: «Que há tanta diferença de nós a nós mesmos, como de nós aos outros.» Ah! A fortuna, meu caro!... *Auri sacra fames!* — Estava tão triste há três dias e eis-me mais louco do que tu! Adeus. Aconteça o que acontecer, conserva-me a tua amizade, tenho-lhe ainda mais amor do que ao meu Paracelso.

Até breve.

Jacques.

XXVI

EPÍLOGO

Desde há quase dois anos que se cumpriram os últimos acontecimentos relatados nestas Memórias, a sorte dispersou as personagens que neles figuram.

A 2 de junho de 1840, Jacques, após ter regressado para passar oito dias em Paris, embarcou no Havre no brigue nantes La Mézange, fretado para Fort-Royal, de onde o meu amigo contava transportar-se a Santa Lúcia.

Escreveu-me do Havre na antevéspera da sua partida e, não obstante a sua promessa de me fazer chegar notícias suas por todas as ocasiões, esta carta foi a última que recebi dele.

É preciso então crer nos pressentimentos?

Ao abraçá-lo quando partiu, recordei-me destas palavras da sua amante: «Morrer tão longe!» Palavras sinistras e proféticas que ele próprio parecia ter esquecido na embriaguez da sua fortuna.

Terá o brigue La Mézange chegado ao seu destino? Terá o meu amigo perecido num naufrágio? Terá sucumbido aos ataques da febre amarela? Finalmente, viverá ele ainda?...

Apenas ouso esperá-lo.

Bonnin e eu falamos dele todas as vezes que nos vemos; mas isso acontece tão raramente!

Indignado com o mau acolhimento que o magnetismo recebia em Paris, Bonnin foi armar a sua tenda num povoado da periferia, onde se decidiu, de bom ou mau grado, a retomar a medicina; mas sem renunciar ao culto proscrito a que se devotou. A última vez que o fui surpreender, tinha-se fechado no seu quarto para aí magnetizar um gato. «Experiência negativa», disse-me ele com a sua invariável gravidade.

A senhora Graffeild, que por efeito dos arranjos de Albin goza de uma pequena desafogo, acalenta a esperança de que o reverá um dia e não fala dele senão chorando.

A viscondessa Mathilde, aparentemente, não duvidou assim tanto tempo da morte do meu amigo. Oito meses após a partida de Albin, casava em segundas núpcias com o M. de M..., seu tio, e tornava-se assim condessa. Quem sabe se na continuação ela não se tornará da mesma forma marquise, e finalmente duquesa? «Ó mulher! Ser enganador e fraco!»

A senhora condessa de M... habita agora a Normandia.

Quanto a mim, depositário e herdeiro, muito o temo, dos livros do meu amigo, li-os e meditei-os. Depois, após ter subido penosamente até ao cume desta questão árdua do magnetismo, encontrei-me no vago dos espaços imaginários e a vertigem tomou conta de mim. O que sei do magnetismo pode dizer-se em poucas palavras:

Existe, mas não se explica; o mal que resultará dos seus abusos excederá talvez o bem que ele poderá fazer.

FIM DAS CONFISSÕES DE UM MAGNETIZADOR.

AUTO-VERBAL

De uma consulta médico-magnética

sobre cabelos da Senhora Lafarge

A 14 de janeiro de 1848, o senhor doutor Amédée Latour, redator-chefe da *Union médicale*, e o senhor doutor Pierquin, que eu não tinha a honra de conhecer senão pelos seus escritos, propuseram-me torná-los testemunhas de uma experiência magnética de que só soube após os factos consumados o verdadeiro objeto. Os Srs. Latour e Pierquin comprometendo-se aliás formalmente a não falar desta experiência senão no caso de ela triunfar, acedi sem intenção oculta ao desejo destes médicos, e a sessão foi fixada para a segunda-feira seguinte, 17 de janeiro, às onze horas da manhã. Impedimentos imprevistos não tendo permitido ao doutor Latour encontrar-se no encontro, o M. Pierquin veio sem ele, mas acompanhado por outro médico, o senhor doutor Pédelaborde. A sonâmbula que eu tinha escolhido para a experiência era a senhora Piron, que me tinha recentemente dado provas de uma rara lucidez e que foi adormecida às onze e alguns minutos pelo seu marido, médico ele próprio [1].

O senhor doutor Pierquin entregou-me então: 1.º Uma pequena mecha de cabelos que apresentei à sonâmbula sem abrir o papel que os encerrava; 2.º Uma série de perguntas escritas que não deviam ser (e que não foram em efeito) postas senão sucessivamente, isto é, de tal forma que o enunciado da segunda não pudesse vir em auxílio da solução da primeira, etc.

Ora, eis o relato minuciosamente fiel das respostas dadas a estas perguntas pela sonâmbula, e escritas durante a sessão sob a sua ditado:

«Estes cabelos são os de uma mulher idosa de uma trintena de anos. Ela é débil, doentia, delicada e pálida. Os seus cabelos são de um preto carregado; a sua testa, mediocremente elevada, é saliente e anuncia muita inteligência.

«Esta mulher parece-me longe daqui. Ela ama a solidão. Vejo-a sozinha e quase sempre sentada. A casa que habita é imensa, embora não seja um castelo. No momento em que falo, está vestida de preto. Esta cor agrada-lhe e ela trá-la por preferência.

«Ela é casada. O seu marido deve estar muito longe dela, pois não o vejo. — Em efeito, ele morreu.

«Este homem devia ser robusto e sóbrio. Era muito mais velho do que a sua mulher. Pouco tempo antes da sua morte, tem os lábios pretos e o estômago da mesma cor.

«Este homem devia ter uma doença nervosa do estômago, traduzindo-se por contrações deste víscera, seguidas por vezes de vómitos. Tinha além disso uma afeção sifilítica, com ingurgitamento nas virilhas, doença para a qual tomou durante muito tempo e muitas preparações mercuriais. Na sua última doença, tragou também amêndoas amargas (*looch*) e qualquer coisa como éter, que queimou o estômago. Vejo também manchas pretas nos intestinos.

«A sua mulher administrou-lhe ela própria um medicamento que não posso designar, mas com a intenção formal e no único fim de fazer bem ao doente e de acalmar as suas dores de estômago.

«Não posso dizer se ele morreu envenenado, mas se assim fosse, a sua mulher não seria certamente a autora do crime. Ela tem tormentos, mais tormentos do que desgosto real, mas não tem remorsos.»

A sonâmbula repete oito a dez vezes:

«Não, esse coração e essa cabeça não são de todo capazes de um semelhante ato. Ela disse para si própria muitas vezes: Como pôde então fazer-se este envenenamento?

Finalmente ela acrescenta: «que se por acaso acusassem a sua mulher deste crime, o que ela não pode dizer, seria de uma grande injustiça.»

Eis literalmente, repito-o, o que ouvi da boca da senhora Piron adormecida do sono magnético, e o que ouviram como eu os meus três confrades, Srs. Pierquin, Pédelaborde e Piron.

Só soube pelo M. Pierquin uma meia hora após a experiência que os cabelos entregues à sonâmbula eram os da senhora Lafarge.

Fiquei disso tanto mais surpreendido quanto a minha opinião tocante a esta mulher tão tristemente célebre era diametralmente contraditória às revelações que acabava de ouvir.

Além disso, o que é preciso induzir destas revelações?

As pessoas que não creem de todo no magnetismo não farão delas nenhum caso; aquelas que nele creem... apreciarão a seu bel-prazer o seu valor.

Quanto a mim, deixo aos Srs. Latour e Pierquin a responsabilidade de uma experiência que só eles provocaram, e abstenho-me de todo o comentário.

[1] A senhora Piron mora na rua de l'Éperon, 8. Não obstante um cartão ignóbil, que outra sonâmbula teve a desfaçatez de espalhar em Paris sem a minha aprovação, dizendo-se magnetizada por mim, é à senhora Piron que me dirijo àqueles dos meus doentes que me exprimem o desejo de recorrer ao sonambulismo.